



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



## MEMORIAL ACADÊMICO

*O presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro: memória, intuição e esperança*

MÁRCIO FERREIRA DE SOUZA

UBERLÂNDIA, JULHO DE 2025

**MÁRCIO FERREIRA DE SOUZA**

Memorial Descritivo para Promoção da Classe de Professor Associado IV para Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior na Universidade Federal de Uberlândia, conforme Resolução Nº 03/2017, do Conselho Diretor.

**UBERLÂNDIA, JULHO DE 2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S729p Souza, Márcio Ferreira de,  
2025 O presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro  
[recurso eletrônico] : memória, intuição e esperança / Márcio Ferreira de  
Souza. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe D - Professor Titular) -  
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Sociais.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5204>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de  
Uberlândia. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 378.124

---

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

## **Comissão Especial para avaliação de titularidade na carreira**

### **Integrantes externos à UFU:**

Profa. Dra. Claudia Barcellos Rezende – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Eduardo Salomão Condé - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. Marcelo Augusto Totti – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília (Unesp)

Profa Dra. Rosa Maria as Exaltação Coutrim – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) - suplente

Profa. Dra. Régia Cristina Oliveira – Universidade de São Paulo (USP) - suplente

### **Integrantes internos à Universidade Federal de Uberlândia (UFU):**

Profa. Dra. Maria Lúcia Vannuchi – Instituto de Ciências Sociais (INCIS/UFU)

Profa. Dra. Cristiane Aparecida Fernandes da Silva – Instituto de Ciências Sociais (INCIS/UFU) - suplente

À Neuma Figueiredo de Aguiar (1938-2023)

## Nota de Agradecimentos

Somam-se em minha vida 40 anos de percurso acadêmico. Assim sendo, a relação de pessoas significativas para a minha trajetória é inumerável e listá-las nesta presente nota de agradecimentos poderá, por algum lapso de memória, me conduzir ao risco de omissões. Optei, portanto, pelo registro dos meus agradecimentos no próprio corpo do texto deste presente Memorial ou em notas de rodapé, à medida que faço referências a pessoas com as quais estabeleci parcerias ao longo da minha trajetória profissional.

Em todo caso, dou início aos meus agradecimentos às instituições públicas pelas quais passei. As reconheço como fundamentais para a promoção da justiça inclusiva de acesso a um dos direitos humanos básicos, que é a educação, embora mais criticamente possa concordar que, ainda assim, encontramos, mesmo no âmbito da educação pública processos de exclusão social, de classe, étnico/raciais e de gênero que nos desafiam a contínuas lutas por transformações. Sem dúvida, sinto-me um privilegiado por ter tido o acesso ao ensino público, nos meus anos iniciais de letramento, na Escola Estadual Dom Cavati (Ubaporanga, MG) e nas etapas de formação em nível superior de graduação e pós-graduação, nas Universidades Federais de Juiz de Fora (UFJF) e Minas Gerais (UFMG). Imprimo o meu reconhecimento e agradecimentos às instituições de fomento de pesquisa: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), que me foram altamente relevantes pela concessão de bolsas de estudos e de pesquisas em diferentes fases acadêmicas. Por meio das referidas agências fui agraciado com bolsas de Iniciação Científica, de Mestrado, de Doutorado e como docente pesquisador.

Fora do âmbito acadêmico, o apoio familiar sempre esteve presente. Cada qual à sua maneira e das mais possíveis formas. Pai e mãe (*in memoriam*), irmãs e irmãos. Por outro lado, estabeleci laços de amizade fora e dentro da academia com pessoas que me foram e são muito importantes e queridas. Algumas delas não habitam mais entre nós, outras não encontro há anos, mas todas estão fortemente presentes em minhas recordações.

Não posso deixar de agradecer de modo mais específico à Universidade Federal de Uberlândia pela acolhida desde o dia em que nela cheguei – 22 de janeiro de 2009. No Instituto de Ciências Sociais estabeleci um convívio mais rotineiro com colegas docentes, com todo o corpo técnico-administrativo e com discentes. Em geral, o que prevalece e permanece são

os momentos de apoio e de afetividade. Agradeço a cada um(a) dos(as) colegas e amigos da UFU e, sobretudo, do Incis – do passado e do presente. Alguns e algumas são referenciados ao longo do Memorial. Me sinto gratificado que, para além do ambiente de trabalho, tenho o privilégio de conviver com uma boa parte em divertidos encontros de lazer, gastronômicos e culturais.

Da equipe de servidoras/es técnico-administrativos do Incis pude contar com os apoios inestimáveis de Edvandra Augusta Machado Pereira, Manuela Nunes Ribeiro França Cunha, Thais Moura Martins dos Santos, Andressa Carrijo e Fabíola Miranda. Conto, ainda, com as presenças e apoios constantes de Jacqueline de Andrade, Nicemara Cardoso Silva, Camila de Mattos Faleiros, Lourival de Freitas, Thiago Marques, Elenice Luiza Ribeiro, Ludmila Ábado Araújo Ladir e Sandra Rodrigues Faria. Meu sincero obrigado! Uma nota especial de agradecimento à Olinda, ela é quem cuida, há alguns anos, da limpeza das nossas salas e de todo o Bloco 1H da UFU.

Às-aos discentes do Incis e de outras unidades da UFU. Com elas/eles tive a oportunidade de convivência por meio da docência, de realizações de trabalhos de pesquisa, orientações de monografias e dissertações. Certamente aprendi mais do que ensinei. “*Que vivan los estudiantes Jardín de nuestra alegría*”<sup>1</sup>. Foram tantas e tantos! Tenho a felicidade de ter mantido relações de amizade com algumas e alguns mesmo após tantos anos passados. Tornaram-se docentes, em redes públicas e privadas de ensino, nos níveis fundamental, médio e superior; são, hoje, colegas de trabalho; seguiram rumos diversos no mercado de trabalho; construíram e estão construindo suas trajetórias próprias em cursos de pós-graduação pelo exterior e Brasil afora.

Às-aos integrantes da Comissão Especial para avaliação de titularidade na carreira: Claudia Barcellos Rezende (UFRJ), Eduardo Salomão Condé (UFJF), Marcelo Augusto Totti (Unesp - Marília), Régia Cristina Oliveira (USP), Rosa Maria da Exaltação Coutrim (UFOP), além das integrantes internas da referida Comissão - Cristiane Fernandes e Maria Lúcia Vannuchi -, duas colegas admiráveis da UFU. Cristiane fez parte, também, da Comissão de Análise e emissão de parecer acerca do Relatório de atividades e dos documentos comprobatórios para a minha promoção na carreira, presidindo-a, juntamente com as dedicadas colegas Cláudia Wolff Swatowiski e Marili Peres Junqueira.

Salve, salve!

---

<sup>1</sup> ME GUSTAN LOS ESTUDIANTES. Intérprete: Mercedes Sosa. Compositora: Violeta Parra. In: Homenaje a Violeta Parra. Rio de Janeiro: Universal, 1971. 1 LP, faixa A5.

## Preâmbulo: memórias e memoriais

No campo literário o memorialismo é um gênero que há muito despertou-me interesse. Meu contato inicial, nesta seara, foi com *Baú de Ossos* (1972), de Pedro Nava (1903-1984), o único volume da série de memórias do referido autor, nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, que constava na biblioteca particular de meu pai. Obra inaugural que teve como sequências: *Balão cativo* (1973); *Chão de ferro* (1976); *Beira-mar* (1978); *Galo das trevas* (1981) e *O círio perfeito* (1983). Foi, também, o primeiro livro de memórias que eu, ainda adolescente, li em minha vida.

Ainda nesta fase da adolescência encantei-me pelas memórias descritas por Luis Buñuel (1900-1983) em *Meu Último Suspiro*. No capítulo inicial de seu livro, o cineasta espanhol, que já ultrapassara os setenta anos, registrou a experiência progressiva de sua mãe com a perda da memória, a ponto de não mais reconhecer os próprios filhos. Buñuel descreveu, também, sobre sua própria experiência com o esquecimento. Ele, quando criança, havia sido um *memorión* – um nome dado na Espanha a um tipo de aluno com capacidade de exercer uma memória mecânica, recitando de cor, por exemplo, “a lista dos reis visigodos espanhóis” ou “as superfícies e populações de todos os Estados europeus”. É certo que Buñuel não estava considerando relevante este tipo de memorização. O que lhe interessava é argumentar sobre o quanto o passar dos anos afeta, em geral, a capacidade dos indivíduos de reter informações até mesmo cotidianas. Este tipo de esquecimento, asseverou o cineasta, nos leva “às vezes a mergulhar numa espécie de raiva ao procurar em vão por uma palavra que conhecemos, que está na ponta da língua e se recusa obstinadamente a vir à tona” (Buñuel, 1982: p. 13). A importância da memória se revela mais continuamente quanto mais envelhecemos.

Desde a minha adolescência, então, dedico-me vez em quando, às leituras de memorialistas, com preferência para a autobiografia, ainda que eu tenha interesse grande, também, por biografias – a depender, logicamente, de quem seja biografado.

Do ponto de vista sociológico, Maurice Halbwachs (1877-1945) talvez seja o nome mais propagado nas abordagens sobre a memória. No vasto conjunto de sua produção intelectual, a construção de uma “sociologia da memória coletiva” tornou-se uma das principais categorias de seu pensamento, assim como referência central sobre o assunto. Johs Hjellbrekke (2008), num curto verbete sobre o referido sociólogo francês, observa que, ainda que só mais tarde – a partir do final da década de 1970 –, a obra de Halbwachs sobre a memória coletiva passaria a despertar mais a atenção de historiadores e de cientistas sociais, seria ela considerada, geralmente, “a parte mais inovadora de seu trabalho”.

Halbwachs construiu uma “teoria estrutural da memória claramente contrária a todas as formas de explicação individual ou psicológica” (Hjellbrekke, 2008: p. 71). Para ele, as experiências individuais só existem em razão da própria experiência coletiva (Halbwachs, 2006). É, portanto, um “fato social” (Durkheim, 2019), conforme Hjellbrekke (2008: p. 71) atesta de maneira sintética: “um fato social, estruturado e mantido pelos grupos sociais que o indivíduo encontrou, ou de que participou durante a vida”. Uma ideia pertinente à abordagem sobre a memória diz respeito ao fato de que o processo de sua reconstrução é realizado no tempo presente e, assim sendo, tal reconstrução será afetada pelas, então, atuais estruturas sociais (Halbwachs, 2006; Hjellbrekke, 2008).

Apresento aqui um memorial acadêmico descriptivo, produzido com um objetivo específico: a promoção para professor titular na carreira docente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Recorro, em alguns poucos momentos, ao recurso buñueliano de focar na memória pessoal – de onde venho, por onde segui - partindo de um passado que se iniciou há mais de meio século. Ainda que tentado, mesmo de modo fragmentado, a realizar um relato com toques autobiográficos, decidi narrar mais exclusivamente sobre minha produção acadêmica a partir de uma estrutura focada nos temas que mobilizaram meus interesses pelos estudos e pesquisa ao longo de 40 anos de vida universitária. Neste sentido, ao contrário de Buñuel, busco reforçar no presente memorial as lembranças que me marcaram na trajetória que construí, com base concreta na série de comprovantes e certificados acumulados, em textos publicados de minha autoria, tudo isso registrado no Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9542644571652868>). Concebi aqui, portanto, uma memória não exclusivamente pessoal, porque ciente, conforme Halbwachs, de que *a memória é coletiva*. Minha trajetória foi alinhavada pela presença de tantas outras pessoas que serão, espero que modo justo, devidamente recordadas nas páginas que se seguirão.

A estrutura do presente memorial se constituiu a partir dos temas centrais aos quais dediquei na minha vida de cientista social, como docente e pesquisador. Desta maneira o dividi, por ordem cronológica, em cinco abordagens temáticas centrais: (i) O Pensamento Social no Brasil; (ii) a Sociologia dos Usos do Tempo em articulação com os Estudos de Gênero; (iii) os Estudos de Gênero articulados com a Sociologia Geracional e os temas da infância, juventude e envelhecimento; (iv) as desigualdades de gênero, masculinidades, a articulação gênero e sexualidade e políticas públicas; (v) a “Sociologia das Emoções” e a “Sociologia da Humilhação Social”. Para completar, observo a ocorrência de outros temas periféricos que foram surgindo ocasionalmente em razão de demandas relacionadas à própria realidade da minha instituição de trabalho: situações contingenciais, a variedade de disciplinas que ministrei, a procura de estudantes por orientações sobre temas de seus próprios interesses etc.

Neste sentido, acrescentei mais um tópico para dar conta da totalidade do meu trabalho e o registrei como (vi) “Temáticas Plurais”.

Em cada um dos tópicos apresentados, contextualizo sobre os momentos e as razões de minha aproximação com os temas investigados, bem como abordo sinteticamente sobre minhas referências teóricas centrais.

Em 2011 publiquei, na revista *Sociedade e Estado*, da UnB, um artigo intitulado “Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica” (Souza, 2011). Neste texto, recorri aos escritos memorialísticos de Gilberto Amado (1887-1969) como o ponto de partida para a discussão acerca de sua contribuição para o pensamento social e político no Brasil. Argumentei que esta obra, composta por cinco títulos - *História da minha infância* (1954), *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960) - apresenta “um arcabouço para a compreensão dos elementos formadores das reflexões do autor e a possibilidade de se pensar na produção memorialística como instrumento de análise metateórica”. Para sustentar minhas argumentações privilegiei dois focos: a investigação da construção da identidade narrativa do autor e a obra memorialística de Amado como elaboração de um painel da sociedade brasileira na transição do século XIX até a primeira metade do século XX, visto que, ao reconstituir sua própria trajetória, da infância à maturidade, este intelectual sergipano contribuiu para a construção de uma notável fonte documental para a compreensão do Brasil Republicano. Não há, neste sentido, experiência individual que possa estar deslocada do coletivo.

Em um de seus registros musicais mais criativos, Caetano Veloso canta o seguinte verso: “mas a vida é real e de viés”<sup>2</sup>. Faço tal comentário para assinalar que neste Memorial transito mais especificamente pelo percurso acadêmico que segui, que nem sempre foi absolutamente “planejado”, tendo em vista que em diversos momentos fui movido pelas possibilidades que me surgiram. Nem sempre estudei ou pesquisei sobre temas que, de fato, me interessavam mais imediatamente. As circunstâncias foram definidoras dos objetos temáticos com os quais eu me envolvi. Isso não quer dizer que construí uma carreira a contragosto. Mesmo que, por vezes, eu possa ter me envolvido “acidentalmente” com algum tema de pesquisa sociológica que não previ, quando me comprometi com eles procurei seguir os preceitos investigativos, respeitando o dito “rigor acadêmico” e o fiz com seriedade. Não tive uma vida muito planejada. Hoje entendo que as circunstâncias sociais interferiram em larga escala

---

<sup>2</sup> O QUERERES. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: Velô. Rio de Janeiro: Universal, 1984. 1 CD, faixa 7.

nas minhas escolhas. Concretamente: minha primeira experiência de pesquisa deu-se no nível da graduação. A convite de um professor - Luis Flávio Rainho - de quem eu havia sido monitor em algumas disciplinas no curso de Ciências Sociais da UFJF e por indicação de colega discente – Lúcio Alves de Barros - que renunciara a uma bolsa de Iniciação Científica para engajar-se em outro projeto, me inseri nos estudos sobre o movimento sindical em Juiz de Fora. Particularmente não havia, até então, interessado no tema sobre o qual eu pouco (ou quase nada) conhecia. Ainda assim agarrei-me a esta oportunidade de trabalho com muito ânimo e seriedade. Entendi que, para além da remuneração de uma bolsa de Iniciação Científica, importante para a minha condição de estudante proletário, vislumbrava uma oportunidade de aprendizagem prática - como se faz pesquisa - e teórica. Naquele momento me dediquei a uma literatura construída pelo campo teórico marxiano/marxista, iniciando uma familiarização com a perspectiva materialista e conceitos sociológicos fundamentais.

Em algumas passagens do Memorial abordo sobre os caminhos percorridos, nem sempre com um “mapa” na mão, conhecendo já de antemão as trilhas que deveria seguir. Tive muitas oportunidades: convites, processos seletivos, editais, parcerias... abracei tudo o que pude, respeitando os meus limites e, sobretudo, buscando honrar a todas as pessoas que apostaram em mim, oferecendo-me oportunidades de escolhas. Ainda que nem tudo tenha sido por mim planejado, antecipo aqui uma conclusão: posso dizer que, de um modo geral, tudo o que fiz em minha trajetória acadêmica, foi feito com empenho, dedicação, responsabilidade e honestidade intelectual. O que fiz está feito, ainda assim, ao final de cada empreita vislumbro sempre fazer tudo diferente do que fiz no passado. A isso posso denominar “aprendizado”.

Complemento este preâmbulo com mais versos da canção popular brasileira, que ilustram o meu argumento acima. Desta vez, versos de Hermínio Bello de Carvalho e Paulinho da Viola, cantados por Paulinho da Viola<sup>3</sup>:

E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar

---

<sup>3</sup> TIMONEIRO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositores: Paulinho da Viola; Hermínio Bello de Carvalho. In: Bebadosamba. Rio de Janeiro: RCA, 1996. 1 CD, faixa 2.

## **Lista de Siglas**

ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia

ALAST - Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho

Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

ANPUH - Associação Nacional de História

BH - Belo Horizonte

Cacis - Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CD - Disco Compacto

CDHIS - Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia

Cedeplar - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Cenibra - Celulose Nipo-brasileira

Cepeqcs - Centro de Estudos e Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais

CLAA - Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação dos Grupos PET da UFU

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Cocis/UFU - Coordenação do Curso e Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Coincis - Conselho do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Colcocs - Colegiado do Curso de Graduação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Confafcs/UFU - Conselho da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Congrad/UFU - Conselho da Graduação da Universidade Federal de Uberlândia

Consun/UFU - Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia

CPS/UFJF - Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora

Decis – Departamento de Ciências Sociais

Diren – Diretoria de Ensino

Dirincis/UFU - Diretoria do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

FGV EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas.

EMC - Educação Moral e Cívica

ETVA – Escola Técnica Vale do Aço

FACEDE/UFU - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia

FAFIC - Faculdade de Filosofia e Ciências de Caratinga

FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Fafcs - Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

GEPEGRES/UFU - Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero, Relações Sociais, Representações e Subjetividades da Universidade Federal de Uberlândia

GEPOP/UEL - Grupo de Pesquisa Gênero e Políticas Públicas da Universidade estadual de Londrina

HTP – Horas de Trabalho Pedagógico

ICA - Núcleo de Investigação e Extensão da Criança, do Adolescente e do Jovem

ICEX/UFMG - Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Minas Gerais

ICHL – Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora

ICPSR - Inter-university Consortium for Political and Social Research.

IFILO/UFU - Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

Incis/UFU - Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

INHIS/UFU - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

LGBTQIA+ - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero

Lesfem - Laboratório de Estudos sobre Feminicídios

MEC - Ministério de Educação e Cultura

MQ - Programa de Treinamento Intensivo em Metodologia Quantitativa

NDE - Núcleo Docente Estruturante

Neguem - Núcleo de Estudos de Gênero

Nepem/UFMG - Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais

NOVA - Universidade Nova de Lisboa

Nupecs/UFU - Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

OSPB - Organização Social e Política Brasileira

PET/UFU - Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Uberlândia

Pibic - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGCS/UFU - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

PPGP/UFJF - Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora

PPGHI/UFU - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia

PPGNEIM/UFBA – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo

PPGSOC/UEL - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina

Prograd/UFU - Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia

PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

REA – Regência de Turma ou Aula

REDEFEM - Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia  
SEPJF - Serviço de Educação Popular de Juiz de Fora  
SPSS - Statistical Package for the Social Sciences  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso  
UEC - Universidade Estadual do Ceará  
UEL - Universidade Estadual de Londrina  
UMICH - University of Michigan  
UFBA - Universidade Federal da Bahia  
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFF - Universidade Federal Fluminense  
UFG - Universidade Federal de Goiás  
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso  
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto  
UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei  
UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
UFU - Universidade Federal de Uberlândia  
Uni-BH – Centro Universitário de Belo Horizonte.  
UnB - Universidade de Brasília  
Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros  
Usiminas - Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais  
USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1. Início: “A calma do universo era imensa” .....</b>	<b>19</b>
1.1. Excertos sobre a infância e a formação primária .....	20
1.2. A formação técnica: tateando a profissionalização .....	20
1.3. <i>Licenciatura em História – tornando-me “professor”</i> .....	21
<b>2. Aventura Sociológica ou recordações de um “sociólogo em flor”.....</b>	<b>24</b>
2.1. <i>A graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Juiz de Fora (1991-1996)</i> .....	24
2.2. O (re)encontro com o <i>Pensamento Social no Brasil</i> – Da Graduação (1991-1996) ao Mestrado (1997-2000) .....	28
2.3. Guerreiro Ramos em cena .....	30
<b>3. Novas etapas acadêmica e profissional.....</b>	<b>36</b>
3.1. Universidade Federal de Uberlândia (2009-2025): chegada e permanência.....	36
3.2. Ainda o Pensamento Social no Brasil .....	38
3.3. Doutorado em Ciências Humanas (2002-2007): O encontro com os Estudos de Gênero articulados com a Sociologia dos Usos do Tempo .....	44
<b>4. Os Estudos de Gênero articulados com a Sociologia Geracional e os temas da infância, juventude e envelhecimento. ....</b>	<b>59</b>
4.1. Digressão: Uma breve passagem pela PUC Minas (2007-2008) .....	60
4.2. Estabelecendo parcerias: produções conjuntas com pesquisadoras da UEL e da UFPB .....	60
4.3. Passagem pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - PPGSOC (2019-2021) .....	61
<b>5. Por vários caminhos sobre as desigualdades: gênero, masculinidades, a articulação gênero e sexualidade e políticas públicas .....</b>	<b>66</b>
5.1. Desigualdades: um recorte de gênero .....	68
5.2. Gênero e políticas públicas.....	69
5.3. <i>Desigualdades de Gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas</i> .....	72
5.4. Gênero e Sexualidade .....	74
5.5. Grupos de Estudos e Pesquisas .....	76
<b>6. Sociologia das emoções e da humilhação social .....</b>	<b>88</b>
6.1. “Sobre emoções e humilhações sociais: questões teóricas, empíricas e metodológicas” .....	90
6.2. Humilhação como forma de controle social: a violência em suas dimensões política, estrutural, simbólica e cotidiana .....	92
<b>7. Temáticas Plurais .....</b>	<b>100</b>
<b>8. Atividades de Gestão na UFU.....</b>	<b>110</b>

<b>9. A experiência como tutor no PET Institucional do Curso de Ciências Sociais: um capítulo à parte.</b> .....	<b>113</b>
9.1. O PET e o Ensino.....	114
9.2. O PET e a Pesquisa.....	115
9.3. O PET e a Extensão .....	116
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>119</b>
<b>Referências .....</b>	<b>123</b>

### **Lista de Quadros:**

Quadro 1: Produção acadêmica na subárea “Pensamento Social no Brasil”.

Quadro 2: Produção e publicações na subárea da Sociologia dos Usos do Tempo em articulação com os Estudos de Gênero.

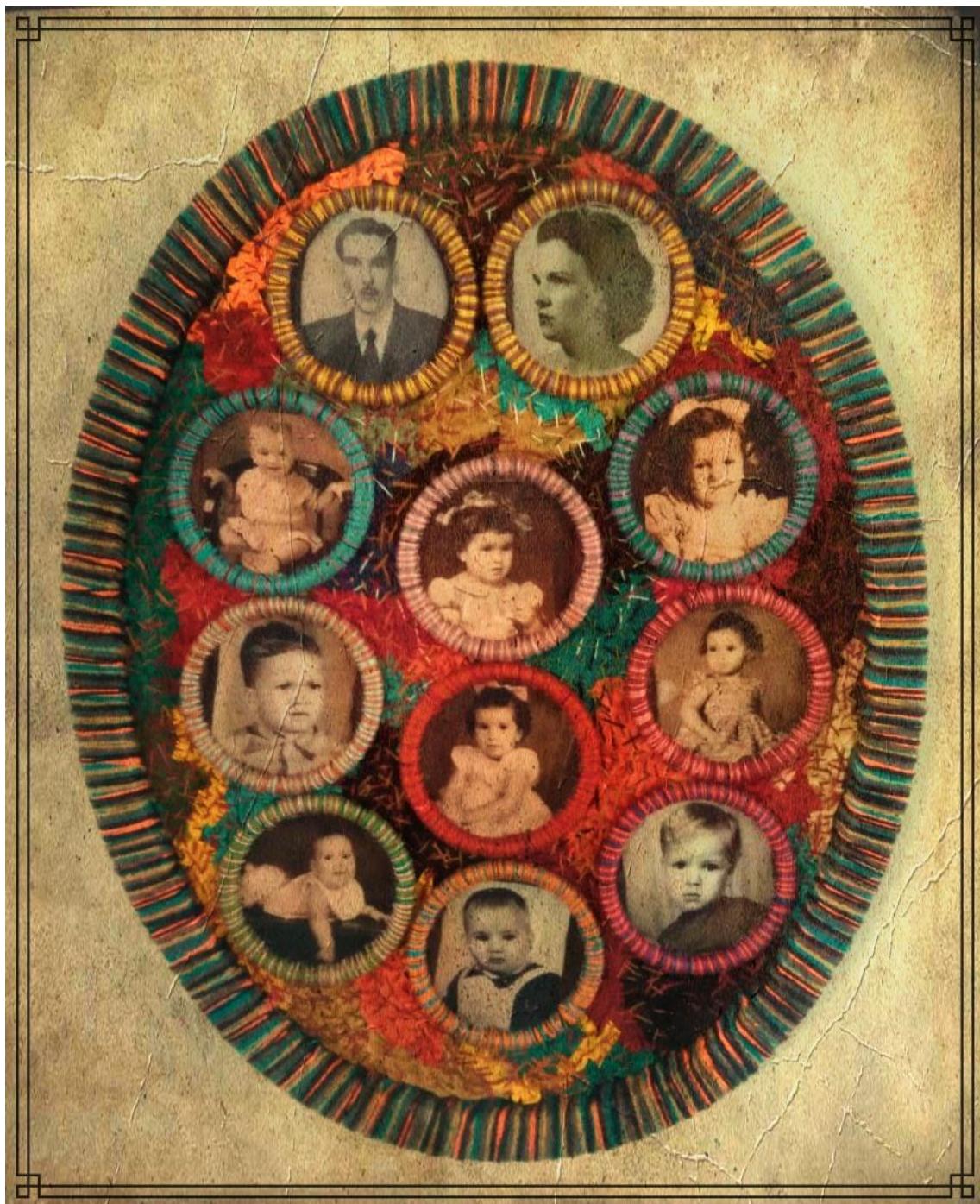
Quadro 3: Produção e publicações em Estudos de Gênero articulados com a Sociologia Geracional e os temas da infância, juventude e envelhecimento.

Quadro 4: Produção e publicações em Desigualdades de gênero, masculinidades, a articulação gênero e sexualidade e políticas públicas.

Quadro 5: Produção e publicações na subárea “Sociologia das Emoções” e a “Sociologia da Humilhação Social”.

Quadro 6: Outros temas variados.

## 1. Início: “A calma do universo era imensa”<sup>4</sup>



Salathiel Alexandrino de Souza (pai – 1928-1980) e Izaura Ferreira de Souza (mãe – 1931-2003)  
e seus nove filhos.

Arte: Paulo André Ferreira de Souza  
Fotografia e edição: Márcio Ferreira de Souza

<sup>4</sup> Gilberto Amado, Grão de Areia. In: Três Livros: A Chave de Salomão e Outros Escritos, Grão de Areia e Estudos Brasileiros, A Dança Sobre o Abismo. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963, p. 112.

### **1.1. Excertos sobre a infância e a formação primária**

Nasci em uma típica família numerosa, de classe baixa, no interior de Minas Gerais. Minha mãe, de formação escolar primária, era artesã, trabalhava com confecções de flores e decorações de eventos: casamentos, festas de aniversários, comemorações religiosas etc. Ela manteve uma microempresa ao longo de toda sua vida, até sua morte em 2003. Meu pai, que falecera precocemente, em 1980, quando eu contava com apenas doze anos de idade, cursou o ensino técnico completo com formação em Ciências Contábeis, setor no qual trabalhou em uma empresa de comércio de móveis, além de ter sido professor ginasial – o que hoje corresponde ao ensino fundamental.

Naquela década de 1970 era natural que um portador de diploma técnico num pequeno distrito do interior de Minas Gerais fosse habilitado a ministrar aulas. Penso que mais do que um contador, a vocação maior de meu pai tenha sido mesmo o magistério. Ele era um leitor voraz e mantinha uma biblioteca privada bem diversificada. Fiz meu curso primário em escola pública, no distrito de Ubaporanga, entre 1974 e 1977, à época pertencente ao município de Caratinga, no leste de Minas Gerais. Uma das minhas irmãs - Suely de Souza Freitas - foi a responsável por minha alfabetização, tendo sido minha primeira professora no curso primário, por meio de quem exercitava sempre num caderno especial a minha caligrafia tentando imitar a da irmã-professora. Foi com ela que accesei a primeira cartilha *Aconteceu no Bosque*. Desta cartilha guardo na memória as aventuras do Bitu, do Fofinho e do Zecão, os personagens centrais em seus desafios no enfrentamento ao Lobo Mau. Foi em Ubaporanga que também completei o curso ginasial na Escola de Primeiro Grau São Domingos, entre 1978 e 1981, uma instituição privada, de caráter filantrópico, a única existente no distrito. Em 1982 me mudei para Ipatinga, município localizado na região industrial do Vale do Aço, Minas Gerais, com o objetivo de cursar o nível secundário.

### **1.2. A formação técnica: tateando a profissionalização**

Dentro da lógica pragmática familiar na qual dominava o anseio de alguma ascensão social, um irmão mais velho – Sebastião - que passara a ser o meu tutor e se ocupara da função de “pai” vislumbrava para mim e para um outro irmão - Paulo André -, nascido há quase dois anos antes de mim, o caminho da profissionalização. A conclusão do curso Técnico em Química me possibilitaria, em tese, a entrada em alguma das grandes empresas instaladas na região do Vale do Aço: a Cenibra (Celulose Nipo-brasileira), em Belo Oriente; a Aperam South America, em Timóteo ou a

própria Usiminas (Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais). O município de Ipatinga tornou-se sede da instalação da Usiminas, fundada em 25 de abril de 1956, em Coronel Fabriciano. Ainda nem completara 14 anos estava eu matriculado no curso Técnico em Química, onde permaneci até sua conclusão antes dos meus 16 anos – entre 1982-1984. Na Escola Técnica Vale do Aço (ETVA) tive que lidar com uma gama de conteúdo curricular, acompanhando as aulas práticas e teóricas: física, química orgânica, processos químicos industriais, prática profissional simulada e outras. Ironicamente meu interesse, de fato, se despertava mais pelas disciplinas de formação geral das áreas de ciências humanas: história do Brasil, literatura, geografia humana etc. É nelas que alcançaria as melhores médias e por meio delas é que encontrava algum entusiasmo em frequentar as aulas, numa fase da vida em que ir à escola, confesso, não me era muito animador. Paralelamente, nesta fase de estudo secundário no curso noturno, trabalhei por dois anos como *office boy* em uma videolocadora – uma novidade à época. Quanto a tornar-me químico, cheguei à conclusão de que esta não era a minha vocação. Não logrei obter alguma vaga em qualquer daquelas grandes empresas. O mais próximo a que cheguei foi a uma visita técnica à Cenibra que aventou uma possibilidade de estágio para alguns estudantes da minha turma. Eu fui preterido porque ainda estava muito novo. Tinha apenas 15 anos. Na verdade, não me senti frustrado por isso. Talvez tenha sido até libertador, uma boa oportunidade para a decisão de prosseguir por outros caminhos profissionais e, com isso, não fiz mais esforços em seguir a carreira de químico.

Minha realidade socioeconômica teve um maior peso sobre as minhas “escolhas”. Em princípio acalentei o sonho de estudar cinema. Reconhecendo que não teria condição alguma de me mudar para São Paulo ou para Niterói – locais onde na ocasião havia os cursos públicos de cinema no Brasil -, me vi diante de uma realidade concreta: com apenas 16 anos e na ausência de recursos financeiros, teria que ficar na minha região mesmo. Retornaria, então, ao pequeno distrito onde fui criado.

### ***1.3. Licenciatura em História – tornando-me “professor”***

Decidi prestar o vestibular para o curso de licenciatura em História na Faculdade de Filosofia e Ciências de Caratinga (FAFIC). Fui aprovado e me matriculei. Isso foi em 1985. Este foi um caminho mais “viável” que encontrava naquele momento, pois me possibilitaria o ofício do magistério, algo mais concreto para a minha condição social. Nesta época ainda não havia o grande volume de universidades privadas no país como viria a ocorrer a partir da década de 1990 com o *boom* de criação de universidades e o processo de “interiorização” do ensino superior, uma marca da política

de privatização do governo de Fernando Henrique Cardoso, que se estendeu a dois mandatos sequenciais de 1995 a 2003.

Assim, finalizado o curso técnico, retornoi a Ubaporanga e lá, em associação a uma outra irmã – Maria Angélica - e com o apoio do mesmo irmão com quem morei em Ipatinga, abrimos um pequeno comércio no ramo de papelaria e armarinhos. Teria, dessa maneira, condições de pagar a minha faculdade e estudar à noite. Paralelamente iniciei o curso de licenciatura em História. Ao longo do dia ficava atrás do balcão do comércio atendendo clientes, em sua maioria estudantes, professores, mães e pais de estudantes, costureiras. Entre botões, retrôses de linha, fitas de renda, passamanarias, cadernos, lápis e borrachas. Durante os dias de semana, às noites, e aos sábados, pela manhã, ia para a faculdade. Foram tempos difíceis, de luta intensa, mas mal sabia que teria tantas outras batalhas pela frente, depois de formado. Nem sempre tinha condições de manter as prestações da faculdade em dia, já que o pequeno comércio não me rendia lucro suficiente para manter as despesas com os altos impostos. Além do mais, tive uma fase em que enfrentei problemas de saúde, o que me levou a afastar dos estudos por dois anos. Em 1990 concluí a licenciatura em História. Antes mesmo disso, já em 1986, aos 18 anos, cursando o 2º. ano, tive a oportunidade de lecionar História, na função de Regência de Turma ou Aulas (REA3 e REA4), com o aval da 4ª. Delegacia regional de Ensino de Caratinga, na Escola Estadual Dom Cavati, no distrito de Ubaporanga (MG). Ministrei aulas para crianças na faixa entre 10 e 14 anos. Havia, também, disciplinas que eram ofertadas nos estertores da Ditadura Militar, como as denominadas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB), respectivamente no ensino fundamental e no ensino médio. Eu, que na condição de estudante era avesso a tais disciplinas, já em contexto de abertura política, naquele ano de 1986 me tornei professor de EMC. Mais tarde, ministrei OSPB para o ensino médio. Meu desafio foi o de olhar de modo mais crítico para aquele componente curricular, adotando uma leitura menos “moralista” mais independente de uma pretensa apologia ao civismo, diferentemente do que me era passado enquanto estudante do ensino ginásial: culto cego à pátria, aos seus símbolos mais dominantes, às tradições conservadoras, os valores cristãos etc. Enfim, um ensinamento focado no lema “Deus, Pátria, Família”. Dei adeus às referências com base naqueles livros didáticos que acentuavam um apego aos valores hegemônicos estabelecidos pelo regime militar, para propor um olhar mais crítico, a partir de referências que estava descobrindo naquela ocasião do meu *début* como professor, a exemplo de *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*, de Albert Memmi (1977) ou do livro *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (1979).

Não fiz nenhuma revolução, mas a despeito de tudo, era eu um menino “aprendendo a ensinar” e, de certo modo relativamente livre, para a partir daquilo com o qual eu me identificava e acreditava ser mais útil para aquele momento. Tínhamos, é certo, os livros didáticos oficiais como as referências a seguir, mas conseguia me escapar deles quando era preciso. Não tenho saudades desse tempo, mas o reconheço como relevante em minha trajetória. Eu me sentia um peixe fora d’água na FAFIC. As minhas colegas e os meus colegas de turma, oriundos de diversos municípios em Minas ou mesmo de alguns municípios do estado do Espírito Santo, eram pessoas mais experientes e amadurecidas do que eu. Eram já profissionais, professoras e professores com mais vivência no magistério. Ministravam aulas em áreas rurais e/ou urbanas. Eram lutadores. Neste ponto tinha admiração por todos e a consciência do meu lugar como um “menino” tendo que me construir pelas “pauladas” da vida, conforme registrou Florestan Fernandes (1977) em um dos raros textos em que escreveu sobre si próprio.

Não quero soar pretencioso, mas por uma razão de identificação cito aqui Florestan Fernandes em um depoimento sobre a sua experiência entre a biografia e seu percurso acadêmico:

A minha formação acadêmica superpõe-se a uma formação humana que ela não conseguiu destorcer (*sic*) nem esterilizar. Portanto, ainda que isso pareça pouco ortodoxo e antiintelectualista, afirmo que iniciei a minha aprendizagem “sociológica” aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade em uma cidade na qual não prevalecia a “ordem das bicadas”, mas a “relação de presa”, pela qual o homem se alimentava do homem, do mesmo modo que o tubarão come a sardinha ou o gavião devora os animais de pequeno porte (Fernandes, 1977: 142).

Por certo não tive uma vida tão dura como a de Florestan Fernandes. Minha infância foi menos doída e dela carrego lembranças saudáveis. Tive apoio familiar, emocional e material. Até por isso mesmo é que subintitulei este capítulo como “A calma do universo era imensa”, parafraseando Gilberto Amado. Tive uma infância, até certo ponto tranquila. É certo que do ponto de vista material foi uma infância limitada, diante da minha realidade de classe trabalhadora, mas também não me lembro de ter sentido alguma necessidade, além daquilo a que tive acesso. A adolescência, porém, foi uma fase mais complicada, porque exigiu de mim um empreendimento que tem mais a ver com minha forma de olhar o mundo. Desejei muito cedo batalhar pela minha independência financeira e mesmo morando na casa de minha mãe ao longo do período da faculdade, me sentia na obrigação de compartilhar com as despesas da casa.

Não tenho dúvidas de que o fato de ter me tornado professor, além das possíveis explicações de ordem social, deve-se à forte influência exercida por meu pai. Em casa havia uma pequena biblioteca que papai mantinha. Eu sempre estive atento aos livros expostos na estante, de gêneros e autorias variadas, mas sobretudo de autores de língua portuguesa, quando se tratava de obras literárias, como romances e poesias. Assim fui me familiarizando com nomes da literatura em língua portuguesa, de diferentes épocas e estilos, como os de Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Ariano Suassuna, Catulo da Paixão Cearense, Jorge Amado, Pedro Nava, Castro Alves, Olavo Bilac, Fernando Pessoa, Humberto de Campos, Murilo Mendes, Murilo Rubião, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Maria Carolina de Jesus.

Antes de discorrer sobre os temas que eu abracei como objetos de investigação ao longo da minha trajetória acadêmica, creio ser importante articular alguns aspectos relativos à minha biografia como fontes “sociológicas” que me permitem avaliar melhor o processo de construção da minha carreira profissional.

## **2. Aventura Sociológica ou recordações de um “sociólogo em flor”**

### ***2.1. A graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Juiz de Fora (1991-1996).***

Após ter concluído a licenciatura em História, prestei o vestibular para o curso de Direito, na Universidade Federal de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. O curso de Ciências Sociais me apareceu como segunda opção. Com minha aprovação, nesta segunda opção, me mudei para aquela cidade em 1991. Acontece que não sentia muita afinidade com o campo do Direito e acabei me identificando com as Ciências Sociais e, assim, decidi permanecer no curso e o mundo se livrou de um mais um provável advogado sem talento e competência. Tal como ocorreu quando fui cursar o ensino médio em Ipatinga, vivia em Juiz de Fora o meu irmão mais velho – com quase 20 anos a mais do que eu – que me acolheu em sua casa, juntamente com sua esposa<sup>5</sup>. Em Juiz de Fora dei início à construção da minha trajetória nas Ciências Sociais que, talvez, tenha sido iniciado, bem antes, pelas “pauladas da vida”. Foi um início difícil pela própria situação política e econômica do país. Em 1990, Fernando Collor de Mello tomou posse como

---

<sup>5</sup> O apoio que tive do meu irmão (Salatiel) e da minha cunhada (Conceição) foi inestimável. Sou eternamente grato a ambos; aos meus três sobrinhos – Gê, Salah (ou “Teteco”) e Ju, “o amor, o sorriso e a flor” -; além da saudosa Dona Leo, sogra do meu irmão. Por cerca de três anos convivi com eles, uma família sempre acolhedora.

Presidente da República. Nem aquecera sua cadeira e já anunciava um plano econômico - o Plano Collor I – que, entre outras medidas, realizaria o confisco bancário da população brasileira dos valores superiores a Cr\$ 50 000,00 (cinquenta mil cruzeiros) pelo prazo de dezoito meses, que vislumbrava a redução da quantidade de moeda em circulação. Ato de certa maneira autoritário, conduzido pela Ministra Zélia Cardoso de Mello e rapidamente aprovado pelo Congresso Nacional. Seguiram-se outros planos econômicos e a crise econômica do país continuaria se somando à crise política que culminaria no processo de impeachment de Fernando Collor em 29 de dezembro de 1992. Eu, estudante do curso de Ciências Sociais na UFJF me somei ao movimento estudantil com outros milhares de “Caras-pintadas” que conclamavam pelo “Fora Collor!”.

Tornei-me sociólogo e professor de sociologia pelo condicionamento de uma ordem de fatores sociais e estruturais que me conduziram até aqui. Não se trata de um percurso meramente vocacional, algo sobre o qual eu conscientemente planejara, mas também não interpreto como uma “mera casualidade”. Como registrei anteriormente, vim de uma família de classe baixa, perdi meu pai aos 12 anos de idade, minha mãe passara a ser minha referência central naquele momento. Para ela era importante que seus filhos e filhas dessem continuidade aos seus estudos, tendo em vista que só assim poderiam exercitar um ofício mais bem remunerado. Imagino que ela teria preferência pelo advogado, mas sempre demonstrou respeito pela minha escolha, se sentindo feliz com o sociólogo que eu me tornara. Profissão que ela não entendia muito bem o que era, mas com a chegada de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República ela passou a ter uma referência e dizia, orgulhosa, para suas amigas: “Meu filho Márcio formou-se em sociologia, como o Fernando Henrique Cardoso”! Nem toda sua prole – de diferentes gerações – teve o mesmo destino no que diz respeito ao prosseguimento nos estudos. Os filhos mais jovens foram, de certo modo, mais privilegiados, pois vivenciaram momentos menos difíceis em termos de recursos materiais e já encontraram mais possibilidades de “escolhas” para suas vidas. Houve uma época de escassez material na casa de meus pais, segundo minha própria mãe me contara em certa ocasião, sobretudo quando meu pai foi internado por dois anos devido a uma tuberculose e teve que fazer seu tratamento em Belo Horizonte. Mas isso foi há muitos anos antes de eu nascer. Na época em que eu nasci, a situação financeira familiar estava um pouco melhor. Tive, portanto, mais vantagens em comparação a meus irmãos e irmãs que vieram antes.

Ao longo da etapa como estudante no curso noturno de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde me formei nas modalidades de bacharelado e licenciatura, tive a oportunidade de me aprofundar nas três grandes áreas de formação – antropologia, ciência política e sociologia – até optar pela especialização em sociologia, muito em razão do campo de

estudos que se convencionou a denominar por “pensamento social no Brasil”. Neste percurso como graduando tive uma formação bastante diversificada em termos teóricos. Além das disciplinas específicas que compunham a grade curricular nas Ciências Sociais, frequentei disciplinas optativas nos cursos de Filosofia e de Comunicação Social. Além da rotina das aulas, pude exercer atividades remuneradas de monitorias nas disciplinas de teoria clássica - Sociologia II (Émile Durkheim), Sociologia III (Max Weber) e Sociologia IV (Karl Marx); conforme anunciei no preâmbulo deste Memorial, fui bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq - 1995/1996) na pesquisa “Movimento Sindical em cidade de porte médio, nos anos 80: o caso de Juiz de Fora”, coordenado pelas professoras Maria Sylvia Cyrino Peralva e Ana Maria Neves da Graça, ambas vinculadas ao curso de Serviço Social da UFJF, e sob a supervisão do professor Luis Flávio Rainho. Esta pesquisa foi desenvolvida no Serviço de Educação Popular de Juiz de Fora (SEPJF) pelo Núcleo de Pesquisa sobre a Classe Operária em Juiz de Fora”. Foi, para mim, um grande começo!

Ainda na UFJF participei como colaborador dos projetos de pesquisa "Comportamento eleitoral" (1993) e "Mapa da Fome" (1994), no Centro de Pesquisas Sociais (CPS/UFJF), sob coordenação do Professor Rubem Barboza Filho - ocasião em que adquiri experiência com a aplicação de questionários. Atuei como colaborador bolsista na Pró-Reitoria de Extensão, em 1996, sob supervisão do saudoso professor Marcelo Soares Dulci, então Diretor de Assuntos Comunitários da UFJF e responsável pela administração da assistência estudantil, que mais tarde se tornaria um amigo e colega de classe no curso de Doutorado em Ciências Humanas, na Universidade Federal de Minas Gerais. No mais, participei como vice-presidente do Centro Acadêmico do curso de Ciências Sociais, em 1994. Nesta passagem pelo curso de Ciências Sociais me desdobrei em uma gama de atividades e posso dizer que abracei todas as oportunidades que me surgiram.

Da gama de componentes curriculares ofertados no curso de graduação em Ciências Sociais, tive uma formação bem eclética. Estudei, obviamente, o trio clássico da sociologia, Karl Marx, que foi ofertado tanto entre as três grandes áreas - antropologia, ciência política e sociologia -, Max Weber e Émile Durkheim. Tive a oportunidade de estudar, no campo antropológico, autores estrangeiros e brasileiros que abordaram a realidade social tanto pela esfera das “idealidades”, quanto pela esfera da “materialidade”, mas a partir de uma perspectiva crítica quanto a falsa oposição entre o ideal x real. Dessa maneira tive acesso a textos de autores tão diversos como Friedrich Engels, Maurice Godelier, Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Leszek Kolakowski, Marcel Mauss, Bronislaw Malinowski, Margaret Mead, Ruth Benedict, Louis Dumont, entre outros.

E, no Brasil, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Eduardo Viveiros de Castro, Roberto DaMatta, Eunice Durham, Manuela Carneiro da Cunha, Gilberto Velho, entre outros. No campo da ciência política, acessei autores clássicos, a exemplo de Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, John Locke, passando novamente por Karl Marx e F. Engels, sob a perspectiva política e leituras marxistas como as de Vladimir Lenin, Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Georg Lukács, Louis Althusser, além de temas/autores diversificados: elitismo (Vilfredo Pareto e Robert Michels); liberalismo (Max Weber, Joseph Schumpeter, Robert Dahl, Norberto Bobbio, José Guilherme Merquior); neoliberalismo (Friedrich Hayek, Robert Nozik); fascismo e totalitarismo (Hannah Arendt; Claude Lefort); conservadorismo (Michael Oakshot) e social-democracia (Adam Prezeworski). Na sociologia, além dos clássicos, passei por autores “modernos” como Theodor Adorno & Max Horkheimer, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Anthony Giddens, Jürgen Habermas, entre outros, incluindo uma produção de estudiosos brasileiros no campo sociológico, que citarei mais à frente no tópico 2.2.

Paralelo aos meus estudos, em momento de realização das disciplinas de estágio na licenciatura, pude retomar o meu ofício de professor da rede estadual de ensino. Desta vez em Juiz de Fora, por intermédio da professora do componente curricular Estágio Supervisionado, Rosilene de Oliveira Pereira, do Departamento de Educação da UFJF. Uma oportunidade de reingressar no mercado de trabalho, já que havia me afastado para me dedicar aos primeiros anos de formação no curso de Ciências Sociais. Nesta cidade lecionei nos ensinos fundamental e médio por um período de quase quatro anos, em pelo menos quatro escolas estaduais: E. E. Sebastião Patrus de Sousa, E. E. Clorindo Burnier, E. E. Delfim Moreira e no tradicional Instituto Estadual de Educação – popularmente conhecido como “Escola Normal”. Foi um momento de muito trabalho, mas de grande aprendizagem. Ministrei disciplinas de História, Geografia Humana e Sociologia. Na UFJF fui estudante do turno noturno. Naquela ocasião o curso de Ciências Sociais era oferecido em dois turnos. Eventualmente, quando possível, eu frequentava disciplinas pela manhã ou à noite, num verdadeiro drible para manter o meu trabalho como professor da rede estadual, pois em boa parte das escolas onde trabalhei tive que assumir aulas no período noturno. Assim, tive que lidar com esse tipo de estratégia para a minha própria sobrevivência.

Descrevi de maneira muito sucinta, nos parágrafos acima, sobre minha passagem pelo curso de graduação em Ciências Sociais, na UFJF. Pretendo, doravante, focar nas minhas incursões temáticas a partir da inserção na graduação. Quando observo em meus alunos do curso de Ciências Sociais na UFU, o drama que vivenciam nas escolhas dos temas e

dos objetos de pesquisa, aquelas incertezas dos caminhos a seguir, sobre qual subárea escolher, o que pesquisar etc., me conduzem às lembranças sobre as minhas próprias incertezas na minha fase de graduação. É muito acalentador quando encontramos, enfim, um rumo a partir da definição de nossas pesquisas.

No meu caso, a descoberta do “pensamento social no Brasil” como possibilidade de pesquisa foi um grande achado. Este é o primeiro momento sobre o qual descrevo nos tópicos seguintes, estendendo-o para a minha fase de estudos no curso de mestrado em sociologia, realizado na UFMG.

## **2.2. O (re)encontro com o *Pensamento Social no Brasil* – Da Graduação (1991-1996) ao Mestrado (1997-2000)**

O campo de estudos denominado por “Pensamento Social no Brasil” foi o que se fixou mais fortemente em mim durante os meus anos de graduando em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Interessei-me pela obra de Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) quando do meu ingresso no curso, em 1991. Meu contato inicial com as publicações do referido autor, em minha opinião um dos mais relevantes sociólogos brasileiros, nascido em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, não se deu, porém, em sala de aula. Ao longo de toda a minha passagem pela graduação não tive uma disciplina sequer que tratasse do pensamento deste sociólogo ou que o tivesse incorporado como referência bibliográfica. Meu “encontro” com a produção sociológica de Guerreiro Ramos foi, portanto, meramente casual e se deu numa das minhas passagens pela Biblioteca Central da UFJF.

Retrocedendo um pouco, desde a minha adolescência, antes mesmo de chegar à universidade, eu já havia me despertado para a produção literária ficcional brasileira, me dedicando a leituras de autores que produziram romances sobre o meio social e suas desigualdades, cujas narrativas centravam em perspectivas críticas sobre os problemas políticos e sociais do país. Arrisco-me a dizer que, talvez, nesta fase da minha vida já estivesse sendo gestado o embrião do que eu viria a me tornar: um sociólogo interessado nas “interpretações do Brasil” e nas formulações teóricas sobre a identidade nacional e a construção do Brasil como nação. Como exemplos posso citar a geração de romancistas que emergiu na década de 1930. Geração esta que “se desenvolve no romance e no conto” (Candido, 2008: 131), vivendo “uma de suas quadras mais ricas” (idem). Sobre o romance produzido no Brasil, de um modo geral, neste período, Antonio Candido ainda completa afirmando como sendo caracteristicamente um tipo de

Romance fortemente marcado de Neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo) (Candido, 2008, p. 31).

Em minha adolescência cheguei a ler os principais romances dos autores listados na citação acima. Esta extraordinária geração de escritores que produziu obras de temática social, marcadas pela “preponderância do problema sobre o personagem” (Candido, 2008, p. 131) despertou-me para as questões sociais no Brasil conduzindo-me, sequencialmente, a outros gêneros literários. Desta vez, de caráter ensaístico, entre as quais a tríade de livros “fundadores” do Brasil: *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (2006); *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1980) e *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda (2016). Não coincidentemente, obras emergentes na marcante década de 1930. Tive contato com este trio de autores ao cursar a graduação em História na FAFIC. Nesta época também tive contato, entre outras, com obras publicadas em diferentes períodos históricos - séculos VXIII, XIX e XX - como *Cultura e opulência do Brasil*, de André João Antonil (2011); *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco (2000); *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado; *Coronelismo, enxada e voto*, de Victor Nunes Leal (1976).

Retomei as leituras de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sergio Buarque de Holanda, no período da minha graduação em Ciências Sociais, ao cursar as disciplinas de Pensamento Social Brasileiro e Política Brasileira, além de novos contatos com leituras sociológicas sobre o Brasil assinadas por autores de diferentes gerações, entre as quais: *Os Sertões* (Euclides da Cunha, 1902), *Instituições Políticas Brasileiras* (Oliveira Viana, 1949), *Os Donos do Poder* (Raymundo Faoro, 1958), *Formação Econômica do Brasil* (Celso Furtado, 1959), *O mandonismo local na vida política brasileira* (Maria Isaura Pereira de Queiroz, 1969), *A Revolução Burguesa no Brasil* (Florestan Fernandes, 1974), entre diversos outros livros e artigos de autores e autoras do pensamento social e político no Brasil, em boa parte oriundos da Universidade de São Paulo: Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Francisco Weffort.

Tais leituras, mesmo contendo teses divergentes entre si, sempre foram para mim muito significativas para a inserção no campo investigativo do pensamento social no Brasil e, a despeito das várias referências bibliográficas, Guerreiro Ramos tornou-se um autor chave para minha fixação nesta subárea, passando a sua obra a constituir como objeto de pesquisa monográfica na UFJF, sob orientação do professor Gilberto

Barbosa Salgado<sup>6</sup> e, posteriormente, como tema central de interesse para a elaboração de minha dissertação de mestrado (Souza, 2000), na UFMG, sob orientação da saudosa Neuma Aguiar.

### 2.3. Guerreiro Ramos em cena

Conforme relatei anteriormente, Guerreiro foi uma descoberta casual quando folheava aleatoriamente alguns livros na sessão de sociologia brasileira da Biblioteca Central da UFJF. A lombada de um livro intitulado *Introdução crítica à sociologia brasileira* chamou-me a atenção por conter os termos “introdução”, remontando a uma ideia de abertura para uma abordagem sobre a construção de uma sociologia no Brasil e “crítica”, implicando um olhar nem sempre conformado aos “esforços de teorização da realidade nacional”. Era a primeira edição, de 1957. Ao conferir o sumário me surpreendi com alguns dos subtítulos, entre irônicos e provocativos, que compunha a publicação: “Para uma sociologia em ‘mangas de camisa’”, “Meditação para sociólogos em flor”, “Patologia social do ‘branco’ brasileiro”. Levei o livro para casa e a partir daí, seduzido pelas ideias provocativas de Guerreiro, passei a acompanhar toda e qualquer publicação assinada pelo autor que estivesse ao meu alcance e disposição.

Para a minha sorte a obra de Guerreiro estava sendo “resgatada” justamente naquele período em que o “descobri”. Em 1995, a Editora UFRJ lançaria uma terceira edição de *Introdução crítica à sociologia brasileira* e um inédito livro da historiadora Lucia Lippi Oliveira, intitulado *A sociologia do Guerreiro* que, para além dos textos produzidos pela autora apresenta uma curiosa entrevista que Lúcia Lippi e Alzira Abreu haviam realizado com Guerreiro Ramos em junho de 1981, nove anos antes da morte do sociólogo. No ano seguinte, em 1996, a Editora UFRJ apresentaria uma terceira edição de *A Redução Sociológica* (original de 1958), trabalho fundamental e coerente à proposta do autor de construção de uma sociologia “não consular” ou “enlatada”, antecipando os estudos de(s)coloniais/pós-coloniais tão em voga nos dias de hoje.

Em 1996, finalizada a minha monografia, na qual abordei sobre o “nacionalismo” em Guerreiro Ramos, obtive a aprovação institucional na banca de defesa, mas não fiquei satisfeito com o resultado do meu próprio trabalho. Eu o achei muito fragmentado e carente de uma reflexão mais pessoal e autônoma. Me senti “em dúvida” com Guerreiro e comigo mesmo. Dessa maneira eu, um “sociólogo em flor” decidi continuar a minha “aventura sociológica” mergulhando na produção intelectual deste autor no curso de mestrado. Elaborei um projeto de pesquisa com uma proposta de

---

<sup>6</sup> Gilberto Barbosa Salgado faleceu em 2009, ainda relativamente jovem. A ele presto o meu reconhecimento.

mais profundidade sobre o pensamento de Guerreiro no que diz respeito à sua leitura e proposição acerca do desenvolvimento nacional. Apresentei o projeto a alguns dos meus professores do curso de graduação em Ciências Sociais da UFJF, que generosamente contribuíram com sugestões bastante pertinentes<sup>7</sup>.

Inscrevi-me no processo seletivo para o curso de Mestrado no, então, Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1996. Fui selecionado e iniciei o curso em 1997, sendo agraciado com uma bolsa da CAPES pelo período de 24 meses. Tive o prazer de conhecer, na UFMG, o saudoso professor Otávio Soares Dulci, um grande estimulador do meu projeto de mestrado. Também tive a satisfação de contar com o apoio da professora Neuma Aguiar que se disponibilizou à orientação de minha dissertação. Daí para frente meu trabalho com Neuma continuou no curso de doutorado, também realizado na UFMG, mas desta vez articulando estudos da subárea da sociologia dos usos do tempo com a dimensão de gênero, mais especificamente as masculinidades. Esta é outra história que narro nos tópicos seguintes.

Na minha passagem pela UFMG, por cerca de pouco mais de dez anos entre a realização do mestrado e do doutorado, intercalados com uma atuação como professor substituto na FAFICH por dois anos, entre 1999 e 2001, tive a honra de participar de um Grupo de Estudos sobre o Pensamento Social e Político Brasileiro, com participações e coordenações que se revezavam entre Neuma Aguiar, Otávio Soares Dulci, Juarez Rocha Guimarães, Vera Alice Cardoso e Silva e a presença especialíssima e altamente comprometida de Fernando Correia Dias, que na ocasião já havia se aposentado pela Universidade de Brasília (UnB). Não poderia ter companhia e estímulos maiores do que este quinteto fantástico. Do grupo participavam outros discentes de níveis de graduação e pós-graduação<sup>8</sup>, das três grandes áreas das ciências sociais – antropologia, ciência política e sociologia. Nas reuniões de Grupo de Estudos de Pensamento Político e Social Brasileiro, da UFMG, fizemos muitas leituras e discussões sobre a

<sup>7</sup> Ao longo desta fase de preparação para o processo seletivo, cito as contribuições valiosas dos professores Luis Flávio Rainho, André Moisés Gaio, Gilberto Vasconcellos, todos do CCHL, UFJF, que dedicaram um tempo de leitura ao meu projeto, apresentando as sugestões enriquecedoras, ao mesmo tempo que respeitando minha autonomia como pesquisador. Incluo neste rol o professor Clóvis Brigagão, então vinculado à Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, ex-aluno de Guerreiro Ramos e um grande convededor de sua obra que, gentilmente, me deu dicas valiosas para o desenvolvimento do meu projeto de mestrado e, consequentemente, da própria dissertação. Por outro lado, não posso me esquecer da generosidade do professor Eduardo Salomão Condé que dedicou seu tempo a mim e a outros colegas que se preparavam para o processo seletivo na UFMG, apresentando-nos uma aula particular, bastante valiosa sobre *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, obra de Karl Marx indicada no edital do processo seletivo.

<sup>8</sup> Entre outros estudantes do curso de Pós-Graduação que faziam parte do grupo estavam Lúcio Alves de Barros, Christian Bruno Alves Salles, Rubens Goyatá Campante, Carmem Imaculada de Brito Almeida Leal, André Drumond Mello Silva e Letícia Godinho de Souza.

produção de proeminentes pensadores sociais dos séculos XIX e XX. A propósito, realizamos o evento Seminário Imagens de Minas, em homenagem a Fernando Correia Dias, na UFMG, em 2002<sup>9</sup>.

Na dissertação, defendida no ano 2000 e publicada em formato de livro (Souza, 2009), discorri sobre como Alberto Guerreiro Ramos construiu uma perspectiva teórica original sobre o Estado nacional e uma proposta normativa para o desenvolvimento brasileiro. Entre as questões levantadas, indaguei sobre como um pensamento nacionalista pode emergir e qual é a sua função para uma sociedade, como a nossa. Questionei sobre como a sociologia do nacionalismo pode fornecer instrumentos para analisar a produção intelectual de Guerreiro Ramos que, num contexto específico, acionou uma série de perspectivas ideológicas para o Brasil. Outra questão levantada foi a respeito das contribuições práticas e teóricas de Guerreiro para a sociologia brasileira, a partir de uma discussão sobre o lugar que este autor atribuía à sociologia, como proposta normativa na construção do desenvolvimento brasileiro. Questionei sobre a relação efetuada entre desenvolvimento e nacionalismo, bem como sobre a percepção de Guerreiro acerca do lugar da ideologia dentro de sua proposição de desenvolvimento nacional. Por fim, abordei sobre a estruturação do conceito de desenvolvimento nacional no pensamento de Guerreiro Ramos.

Além da introdução e das conclusões, estruturei minha dissertação em seis capítulos, abordando respectivamente: sobre a dimensão analítica do nacionalismo (capítulo 1). Neste capítulo atentei para o debate contemporâneo sobre o nacionalismo, apresentei algumas perspectivas sobre o nacionalismo por meio de conceito e argumentos dos autores mobilizados, realizei um resgate histórico sobre o século XVIII como constitutivo do conceito de nação, até o momento contemporâneo, foquei na disjuntiva analítica entre Estado e Nação, abordei sobre as categorias “identidade nacional” e “cidadania” para, enfim, chegar à discussão sobre o caso brasileiro. Para tratar do debate contemporâneo sobre o nacionalismo mobilizei autores como Eric Hobsbawm (1981), Benedict Anderson (1993), Neil Smelser (1994), Liah Greenfeld (1995), Montserrat Guibernau (1995), Jürgen Habermas (1996), Graig Calhoun (1997) Manuel Castells (1999) e Anthony Giddens (2001). No capítulo 2 desenvolvi uma abordagem sobre identidade nacional e raça na perspectiva de Guerreiro Ramos, com

<sup>9</sup> Deste evento resultou um número especial da revista Teoria e Sociedade da UFMG, contendo textos de conferencistas como: Fábio Wanderley Reis, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Otávio Soares Dulci, Maria Efigênia Lage Resende e Sergio Miceli. Além disso, constam um depoimento do homenageado Fernando Correia Dias e textos ensaísticos assinados por Vera Alice Cardoso Silva, Christian Bruno Alves Salles, Carmen Imaculada de Brito Almeida Leal, além de um ensaio de minha autoria, intitulado “Fernando Correia Dias e a sociologia dos intelectuais” (Souza, 2004). Ver: SILVA, Vera Alice Cardoso et al. *Imagens de Minas: Homenagem a Fernando Correia Dias*. Belo Horizonte: Teoria e Sociedade - UFMG, Número Especial, maio de 2004.

atenção para o percurso do autor em seus estudos sobre as relações raciais e suas críticas aos estudos sobre relações raciais no Brasil. No capítulo 3 dediquei-me a crítica de Guerreiro Ramos à “sociologia brasileira”, comentando sobre o papel dos intelectuais nos processos de mudanças sócio-políticas, sobre a sociologia como produto da inteligência brasileira, sobre o enfoque analítico de Guerreiro acerca dos intelectuais brasileiros e finalizei o capítulo com algumas considerações sobre o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão criado oficialmente por decreto, em 14 de julho de 1955, pelo presidente em exercício, João Café Filho, do qual Guerreiro Ramos fez parte e foi representante chefe no departamento de sociologia. No capítulo 4 abordei sobre a proposta de “redução sociológica” de Guerreiro Ramos (1958) e seus fundamentos, com atenção para o debate de Guerreiro com Florestan Fernandes e as réplicas do autor às críticas à redução sociológica. No capítulo 5 dediquei-me ao tema da Revolução de 1930 como marco do desenvolvimento nacional, discorrendo sobre a noção de “povo” como categoria sociológica e tratei, também, da integração regional como projeto político. No sexto e último capítulo abordei sobre a evolução do conceito de desenvolvimento nacional em Guerreiro Ramos, atentando para as noções de desenvolvimento, progresso e modernização.

Embora seja uma autocitação longa, peço licença para destacar as minhas conclusões por meio da transcrição do texto que foi publicado na versão em livro (Souza, 2009, p. 153-156):

Meu objetivo foi o de contribuir para os estudos sobre o pensamento de Guerreiro Ramos. Procurei abordar um aspecto específico que julgo ser um dos mais destacados em sua obra: a formulação da teoria do desenvolvimento nacional. Busquei ressaltar quais foram os elementos que esse autor tomou como instrumentos para a construção do desenvolvimento nacional e como esta concepção vai evoluindo em seu pensamento. A partir da discussão dos sociólogos contemporâneos sobre o nacionalismo, procurei estabelecer as distinções entre os conceitos de nação, nacionalismo e Estado nacional, além de averiguar como se dá a emergência do nacionalismo numa sociedade e qual é a função do mesmo num determinado momento.

Compreendo que a emergência do nacionalismo ocorre com base em duas vertentes principais: Uma política e outra cultural. Na primeira vertente, o nacionalismo pode ser entendido como projeto de uma coletividade que, por meio das *experiências compartilhadas*, se volta para a tentativa de melhoria das condições de vida, do crescimento e do desenvolvimento da nação da qual faz parte. Ambas as vertentes são percebidas nos estados europeus. O estudo da literatura sociológica contemporânea sobre o nacionalismo europeu me permitiu analisar, comparativamente, o caso brasileiro. O nacionalismo no Brasil surge em históricos momentos de ruptura com a ordem política dominante.

Tomei duas chaves como básicas para a compreensão da concepção de desenvolvimento nacional em Guerreiro Ramos. É em primeiro lugar, comprehendi que o meu percurso para análise proposta deveria partir das críticas que esse autor apresentou sobre a inteligência brasileira e sobre a

sociologia como produto dessa inteligência. Por meio destas críticas, Guerreiro questionou a existência de um pensamento social brasileiro e apontou perspectivas para a efetivação do que dominou como sendo uma sociologia autêntica. Perspectiva esta que culminou na elaboração de um conceito original, a “redução sociológica”, como método de investigação.

Em segundo lugar, comprehendi como um passo fundamental o acompanhamento do percurso histórico que o autor apresenta, destacando o passado recente do país, cuja importância é percebida a partir do período pós-Revolução de 1930. Guerreiro não interpretou o nacionalismo como uma decorrência direta da revolução burguesa no Brasil. Porém, comprehendeu que esse momento histórico significou um contexto concreto para a dinâmica do desenvolvimento nacional, já que apresentou dados significativos para a nação, até então compreendidos pelo autor como inédito na nossa história; ou seja, a presença de uma industrialização nacional e de um povo enquanto vanguarda.

Guerreiro Ramos elaborou sua teoria do desenvolvimento nacional com base na vertente política. Embora esse autor tenha sido militante no movimento negro, ressaltando a importância, para o elemento negro, de valorizar sua identidade étnica, a ideia de nação supera a ideia de raça no pensamento de Guerreiro Ramos. Na proposição do desenvolvimento nacional, Guerreiro percebeu o papel da ideologia como importante para a efetivação do nacionalismo, visto que defende o posicionamento de uma classe burguesa como vanguarda nacional esclarecedora do povo e a importância da passagem desta classe, que se tornava dominante no país, rumo a se configurar como classe dirigente. Desse modo, a ideologia nacionalista para Guerreiro tinha uma função de atribuir aos políticos e administradores públicos esclarecimentos calcados na racionalidade. Penso que esse autor elaborou um projeto com bases científicas. Por isso dedicou-se com intensidade aos estudos de sociologia da administração.

Apontei que os conceitos de “nação”, “nacionalismo” e “Estado nacional”, num primeiro momento da análise de Guerreiro Ramos, foram fortemente associados, sendo interpretados como artefatos ficcionais. A nação, sendo disforme, sem identidade e sem povo, passa a se definir e a ser comprehendida enquanto categoria sociológica dotada de sentido, a partir do momento da passagem de sua condição histórica “colonial” para outra, superior. Para o autor, como pude verificar, a Independência de 1822 não garantiu a superação pelo país de sua condição colonial. Entretanto com os novos termos de poder nacional, postos a partir do advento de uma classe burguesa, tornou-se possível a libertação desta condição colonial. Contudo, a nação é entendida como categoria que permite a definição de um Estado Nacional enquanto forma de organização político-institucional que deixa de operar num vazio histórico. O nacionalismo, enfim, é comprehendido como um processo para a realização da nação e do Estado, ou seja, é definida enquanto condição dos povos periféricos. Guerreiro apresenta neste sentido uma visão dialética, visto que ressalta que os povos periféricos, ao adotarem o nacionalismo, se tornariam universalistas.

Em suma, concluo que Guerreiro Ramos toma a dimensão política como esfera para a elaboração de seu projeto de desenvolvimento nacional, atribuindo aos cientistas sociais o papel de condutores no país rumo ao desenvolvimento, porém utilizando-se de bases científicas nacionais e

assimilando a sociologia importada de um modo crítico e subsidiariamente. A proposta do autor é de salvação da nação e a sociologia tem, em sua visão, esta função. O golpe militar de 1964 significou o tiro de misericórdia no projeto nacionalista desse autor, que já estava derrotado por diversos fatores, dentre eles os rumos que toma a política desenvolvimentista de Kubitschek, a instabilidade política e a incerteza econômica que prosseguem com o governo de Jânio Quadros, além da crise das instituições políticas e partidárias. Exilado nos Estados Unidos, Guerreiro desenvolve estudos nos quais estabelece a passagem das preocupações nacionais para questões mundiais. A última grande obra publicada por esse autor, *A nova ciência das organizações* (1980), revela esta nova abordagem que vai preocupá-lo. Sua verificação da sociedade industrial como uma sociedade fracassada revela descrença que passa a apresentar com relação ao desenvolvimento - a partir da verificação do mercado enquanto modelo central e de domínio no século XX, em todas as formas de atividade humana. Guerreiro observou que este mercado tornou-se um enclave à possibilidade de atualização de possíveis novos sistemas sociais fundamentais para superar os grandes dilemas da sociedade. Tal verificação o conduziu à argumentação de que não são levadas em consideração as demandas ecológicas pelo modelo de alocação de mão-de-obra e de recursos existentes na teoria dominante da organização. Na verdade, o autor expressou os limites deste modelo que são, porém, ignorados. A partir desta verificação é que apresentou sua proposta de um modelo multicêntrico de análise dos sistemas sociais, o qual denominou como “delimitação dos sistemas sociais”.

Concluo, enfim, que a construção da concepção de desenvolvimento nacional no pensamento de Guerreiro Ramos se processa de forma gradativa, a partir de seu trabalho técnico voltado para os diversos problemas sociais, seja em relação à mortalidade infantil, à saúde ou às questões sobre padrão e níveis de vida, dentre outros vistos como possíveis de serem diagnosticados a partir de implicações sociológicas, para que, assim, se apresentem soluções político administrativas para saná-los.

Compreendo que o desenvolvimento está, a princípio, voltado à ideia de progresso. Em seguida o conceito de desenvolvimento nacional passa a ser elaborado por Guerreiro Ramos, devido à passagem de suas preocupações relativas aos problemas sociais para questões mais amplas da vida nacional. A ideia de desenvolvimento passa a se configurar como projeto intelectual e político para Guerreiro, em sintonia com o contexto desenvolvimentista que presenciou. A derrota do projeto de Guerreiro surge como sua derrota académica, ao ser rejeitado pelos círculos institucionais universitários e ao ser politicamente cassado pelo golpe militar de 1964. Por fim, amplia sua perspectiva de nação, ao ser exilado [e passa a preocupar-se] com uma sociedade planetária e com os problemas urgentes que atingem esta sociedade, demonstrando uma descrença na sociedade industrial e no modelo dominante de mercado.

Concluído o meu mestrado, ingressei-me no ano seguinte (2001), no Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política, na UFMG. Embora nesta fase de minha formação eu tenha me dedicado à sociologia dos usos do tempo, sob o recorte dos estudos de gênero e das masculinidades, isso

não quer dizer que deixaria de continuar me dedicando aos estudos sobre o pensamento social no Brasil.

### **3. Novas etapas acadêmica e profissional**

Em meados de 2008 fui aprovado em concurso público como docente para vaga na área de Sociologia na Universidade Federal de Uberlândia. Passei pelas duas etapas eliminatórias do concurso que consistiram em realização de uma prova escrita, cujo tema sorteado foi sobre Metologia em Max Weber e uma prova didática, com exposição de uma aula de até 50 minutos, tendo sido sorteado um tópico sobre o debate Modernidade e Pós-Modernidade. Por fim, para efeitos classificatório, a terceira etapa consistiu em avaliação do Currículo Lattes. Eu me saí muito bem em todas as etapas, atingindo nota máxima nas duas primeiras etapas e, na classificação final, obtive o segundo lugar, num concurso com 36 candidatos inscritos, garantido uma das três vagas que estavam em aberto. Meu relato seguirá, a partir do tópico seguinte, com foco na minha chegada na UFU, em 2009 e minha permanência até os dias atuais. Comento, também, sobre como o tema do “pensamento social no Brasil” será retomado por mim na UFU, mas desenvolvo, no tópico 3.3 uma descontinuidade temporal, num recuo para descrever de modo mais detalhado sobre a minha passagem no Doutorado em Ciências Humanas, na UFMG (2001-2008).

#### **3.1. Universidade Federal de Uberlândia (2009-2025): chegada e permanência**

Tomei posse do cargo pleiteado na UFU em 22 de janeiro de 2009. Embora a vaga ocupada por mim não tivesse sido pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), creio ser importante lembrar que aquele ano de 2008, sob o Governo Lula (2003-2011), marcou o primeiro ano do Reuni. Juntamente comigo e logo após a minha entrada chegaram novos colegas no que era o antigo Departamento de Ciências Sociais (Decis), órgão da extinta Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (Fafcs), que à época abarcava os cursos de graduação e docentes das áreas de Filosofia, Artes e Ciências Sociais.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Faço questão de registrar na presente nota, os nomes de todos os docentes com os quais convivi no DECIS/INCIS nos meus 16 anos de trabalho na UFU: **(a) Aposentados:** Adalberto Paranhos; Edilson José Graciolli; Eliane Schmaltz Ferreira; Elisabeth da Fonseca Guimarães; João Marcos Alem; Mônica Chaves Abdala; Paulo Roberto Albieri Nery e Sandra Leila de Paula; **(b) Atuantes, no presente**

Eu não conhecia o município de Uberlândia e nem estava nos meus planos a realização de um concurso na UFU, pois minha intenção, em princípio, era a de me estabelecer em Belo Horizonte ou retornar a Juiz de Fora. Por incentivo do colega Lúcio Alves de Barros, contemporâneo na graduação (UFJF) e na pós-graduação (UFMG), acabei me convencendo a prestar o concurso da UFU. Em 2009 prestei concurso para uma vaga em Sociologia na UFMG. Embora tenha sido aprovado, não obtive uma classificação que me garantia uma vaga naquela instituição. Prestei, também, em 2010, concurso na UFF, Campus Niterói, mas não fui bem-sucedido. Não demorou muito para me sentir adaptado à UFU e ao município de Uberlândia, onde resolvi permanecer.

O atual Instituto de Ciências Sociais (Incis) teve sua gênese em 1986, com o antigo Decis que se agregava ao curso de graduação da área de História, congregando os docentes vinculados às disciplinas Sociologia, Antropologia e Ciência Política. A área de História separou-se em 1992, constituindo-se no Instituto de História (INHIS) e, assim, o Decis passou a assumir institucionalmente a oferta das disciplinas específicas da área de Ciências Sociais e que eram ministradas em diversos cursos de graduação e pós-graduação *latu sensu* na UFU.

O Curso de Graduação em Ciências Sociais foi aprovado em 26 de abril de 1996, pelo Conselho Universitário (Resolução 04/96) com o ingresso no primeiro semestre de 1997, tornando-se um curso voltado para a formação de bacharéis e licenciados em Ciências Sociais. Em 2009 foi aprovado o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (recomendado pela CAPES em 12 de maio de 2009 - Portaria MEC 970, DOU 13/10/2009 - Parecer CES/CNE 253/2009), tendo sua primeira turma de mestrado iniciado em 2010. Eu me credenciei no PPGCS como membro permanente já neste momento inicial de sua efetivação, em 2010 e nele permaneço até hoje. Estive afastado do Incis no ano de 2019 para realização de estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa e do PPGCS entre 2020 e 2021 atendendo a um convite para atuar como membro colaborador do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de

**momento, em outras instituições:** Alessandra Siqueira Barreto; Alessandro André Leme; Lilia Gonçalves Magalhaes Tavolaro; Paulo Henrique Sette Granafei; Rafaela Cyrino Peralva Dias; Rodrigo Barbosa Ribeiro; Sergio Barreira de Faria Tavolaro; Sidartha Sória e Silva; **(d) Ainda atuantes no Incis:** Aldo Durán Gil; Antônio Carlos Lopes Petean; Camila Maria Risso Sales; Claudelir Correa Clemente; Claudia Wolff Swatoviski; Cristiane Aparecida Fernandes da Silva; Danilo Enrico Marstucelli; Debora Regina Pastana; Diego Soares da Silva; Eliane Soares; Fabiane Santana Previtali; João Batista Domingues Filho; Leonardo Barbosa e Silva; Luciano Senna Peres Barbosa; Marcel Mano; Maria Lúcia Vannuchi; Mariana Magalhães Pinto Côrtes; Marili Peres Junqueira; Moacir de Freitas Junior; Natalia Scaterzini Rodrigues; Patrícia Vieira Trópia; Rosemeire Salata; Túlio Cunha Rossi; Valéria Cristina de Paula Martins; **(e) substitutos:** Afonso Henrique de Menezes Fernandes; Bruna Tamara de Souza Ferreira; Carolina Cadima Fernandes Nazareth; Daniella Santos Alves; Gabriela Gonçalves Junqueira; Juanita Cuéllar Benavides; Luiz Paulo de Melo Costa e Pietro Benedito.

Londrina (PPGSOC) que iniciara, no ano anterior, a sua primeira turma de doutorado.

O Incis foi criado em 17/12/2010, pelo Conselho Universitário Resolução 31/2010), após se desmembrar da FAFCS. O Instituto passou, então a ser constituído pela Diretoria, que coordena as suas atividades internas e o representa externamente; pela Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura), pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), pelo Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais (Nupecs, pelo Laboratório de Ensino em Ciências Sociais (Lesoc), pela Coordenação de Extensão (Coextincis)<sup>11</sup>.

### **3.2. Ainda o Pensamento Social no Brasil**

A linha de pesquisa sobre o pensamento social no Brasil se manteve como foco de meu interesse, mesmo estando envolvido com outras temáticas. Tive, então, a oportunidade de ministrar a disciplina intitulada “Pensamento Sociológico Brasileiro”, entre 2010 e 2018 que era um componente curricular obrigatório à época, no curso de graduação em Ciências Sociais na UFU. Esta foi uma excelente oportunidade para me aprofundar mais sobre as obras de autores clássicos de diferentes gerações, matizes e linhagens teóricas, que se despontaram no final do século XIX e no início do século XX, como Joaquim Nabuco, Manuel Bomfim, Oliveira Vianna, Euclides da Cunha, passando pelos ensaístas clássicos (Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sergio Buarque de Holanda), até os autores e autoras da fase pós-institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, como os representantes da Escola Paulista de Sociologia, a exemplo de Florestan Fernandes, Antonio Candido, Maria Isaura Pereira de Queirós, Fernando Henrique Cardoso, Maria Sílvia de Carvalho Franco, assim como os pensadores negros: Guerreiro Ramos, obviamente, além de Clóvis Moura, Virgínia Leone Bicudo e Lélia Gonzalez. Foi uma experiência interessante no sentido de ter me possibilitado a obtenção de mais conhecimentos sobre a produção sociológica no Brasil. Estas foram as ecléticas referências que fizeram parte dos meus planos de ensino em “Pensamento Sociológico Brasileiro”.

Além do livro que resultou do meu mestrado sobre Guerreiro Ramos (Souza, 2009) (Quadro 1 - item 1), produzi e publiquei, na seara do pensamento social no Brasil, alguns artigos que focaram em autores como

---

<sup>11</sup> As breves informações sobre o histórico do Incis foram extraídas do próprio site do Instituto. Disponível em: <https://www.incis.ufu.br/>. Acesso em 27 de maio de 2025.

Gilberto Freyre, Gilberto Amado, Fernando Correia Dias, além de um pequeno artigo com ênfase na Coleção *Brasiliana* (Quadro 1 - itens 2 a 6).

Destaco, também, neste campo de abordagem sobre o pensamento social no Brasil, apresentações de trabalhos nos II Colóquio Max Weber: 100 anos de "Ciência como vocação" (Souza, 2017) e III Colóquio Max Weber: Weber e o Brasil (Souza, 2022)<sup>12</sup>. Embora os referidos eventos tenham como tema central, evidentemente, a obra de Max Weber (1864-1920), os trabalhos que apresentei foram focados na presença de Max Weber no Brasil e na influência do autor clássico alemão sobre os pensadores sociais brasileiros. Resultaram destes eventos, respectivamente, os capítulos de livros: "Permanência e atualidade de Max Weber no pensamento social brasileiro" (Souza, 2020) e "Reflexões sobre teoria e militância em Guerreiro Ramos a partir da influência de Max Weber" (Souza, 2024) (Quadro 1 - itens 7 e 8).

No mais, publiquei resenhas de livros sobre Florestan Fernandes (Souza, 2004); sobre uma coletânea de textos de Fernando Henrique Cardoso (Souza, 2013), focada em uma série de autores por ele considerados "inventores do Brasil"; sobre uma coletânea de textos de autoria de Lélia Gonzalez, sob organização de Flávia Rios e Márcia Lima (Souza, 2022); uma coletânea de textos de Guerreiro Ramos, organizada por Muyratã Barbosa (Souza, 2023) (Quadro 1 - itens 9 a 12).

Por fim, considerando o tópico Pensamento Social no Brasil, registro as apresentações de palestras, trabalhos e publicações em Anais de eventos acadêmicos, como os apresentados na Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM)/II Encontro Internacional Política Feminismo/II Seminário Internacional Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos (Souza, 2008); GT Pensamento Social Brasileiro, no XV Congresso Brasileiro de Sociologia (Souza, 2011); 46º Encontro Anual da Anpocs (Souza, 2022) e palestra proferida na Faculdade Dom Bosco, em Belo Horizonte (Souza, 2021) (Quadro 1 - itens 14 a 21).

Orientei alguns trabalhos de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais e de Iniciação Científica, no campo do pensamento social no Brasil, versando sobre autores como Lima Barreto, Guerreiro Ramos, Virgínia Leone Bicudo e Sergio Buarque de Holanda (Quadro 1 - itens 22 a 25). Participei de bancas de avaliações de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e de bancas de Exame de Qualificação e Dissertação em nível de pós-graduação nesta subárea (Quadro 1 - itens 26 a 30).

---

<sup>12</sup> O Colóquio Max Weber é uma iniciativa do professor Marcos César Seneda, do Instituto de Filosofia da UFU (IFILO/UFU) que, bravamente, vem buscando consolidar o evento que reúne estudiosos de diferentes gerações da obra do clássico sociólogo alemão. Agradeço ao Seneda os convites que me foram feitos, a oportunidade e a confiança em me incluir entre especialistas tão notáveis na obra de Max Weber no Brasil e exterior. Sinto-me honrado por isso, ainda que tenha consciência dos meus limites frente a boa parte do conjunto desses estudiosos.

Além da disciplina de “Pensamento Sociológico Brasileiro”, ministrada entre 2010 e 2018, também ministrei na UFU outros componentes que incluíam uma gama de referências teóricas do pensamento nacional, como as disciplinas eletivas “Política Brasileira I” (2020) e “Política Brasileira II” (2020) que, após o novo Projeto Pedagógico passaram a ser, respectivamente, nomeadas por “Política no Brasil I” (2021 e 2022) e “Política no Brasil II” (2021 e 2022) e as disciplinas optativas: “Cultura Brasileira” (2015 e 2017) e “Identidade, Cultura e Política” (2018). Por meio delas pude mobilizar autores e autoras do/no Brasil, que contribuíram com suas interpretações sobre as dimensões cultural e política no país. Oportunidade de me inserir nos campos antropológicos e da ciência política em interface com a sociologia.

Para efeito de sistematização destaco no Quadro 1 a minha produção acadêmica na subárea do “Pensamento Social no Brasil”, entre diferentes categorias, entre elas publicações (livro, artigos, capítulos de livros, resenhas), orientações (TCC e Mestrado) e participações em bancas de defesa (TCC e Mestrado).

**Quadro 1: Produção acadêmica na subárea “Pensamento Social no Brasil”**

ID	Categoria	Descrição
1	Livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. <b>Guerreiro Ramos e o Desenvolvimento Nacional</b> . Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
2	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Freyre e a representação feminina na Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. <b>Genius</b> , v. 35, p. 20-26, 2019.
3	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica. <b>Sociedade e Estado</b> (UnB). v. 26, p. 113-132, 2011.
4	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Freyre e a Representação Feminina na Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. <b>Sociais e Humanas</b> , v. 24, p. 88-100, 2011.
5	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. A Série Brasiliana e sua Contribuição para as Ciências Sociais no Brasil. <b>Revista Iluminart</b> . v. 1, p. 283-290, 2009.
6	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. Fernando Correia Dias e a Sociologia dos Intelectuais. <b>Teoria e Sociedade</b> , UFMG, v. esp., p. 142-150, 2004.
7	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. Reflexões sobre teoria e militância em Guerreiro Ramos a partir da influência de Max Weber. In: SENEDA, Marcos César; BOLDA, Bruna S.; CUSTÓDIO, Henrique F. F.; SILVA, L. S. D.

**Weberianismo à Brasileira.** Cachoeirinha: Fi, v. 1, 2024, p. 249-269.

8	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. Permanência e atualidade de Max Weber no “Pensamento Social Brasileiro”. In: SENEZA, Marcos César; CUSTÓDIO, Henrique Florentino Faria (Org.). <b>Ciência como vocação: racionalidades e irracionalidades no velho e no novo mundo</b> , Porto Alegre: Editora Fi, v. 1, 2020, p. 181-195.
9	Resenha	SOUZA, Márcio Ferreira de. O Personalismo Negro de Guerreiro Ramos. Resenha do livro Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil: Ensaios, artigos e outros textos (1949-73), organizado por Muryatan S. Barbosa, Zahar, 2023. <b>Revista Fapesp</b> , Edição 331, Set. 2023.
10	Resenha	SOUZA, Márcio Ferreira de. Resenha Lélia Gonzalez, intérprete da realidade brasileira e da diáspora negra. Flávia Rios, Márcia Lima (orgs.). <b>Revista de Ciências Sociais</b> , UFC, v. 53, p. 489-500, 2022.
11	Resenha	SOUZA, Márcio Ferreira de. Inventores do Brasil: uma revisita aos clássicos. Resenha do livro: Inventores do Brasil, de Fernando Henrique Cardoso. <b>Mediações - Revista de Ciências Sociais</b> , v. 18, p. 260-265, 2013.
12	Resenha	SOUZA, Márcio Ferreira de. Resenha dos livros: ARRUDA, M. A. N. Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna e GARCIA, Sylvia Gemignani. Destino Ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes. <b>Teoria e Sociedade</b> . Belo Horizonte: UFMG, v. 14, p. 1-4, 2004.
13	Texto publicado em Blog	SOUZA, Márcio Ferreira de. A contribuição de Guerreiro Ramos para o estudo das relações raciais no Brasil. <b>Blog Vinte Cultura e Sociedade</b> , 2012. Disponível em: <a href="https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2012/04/03/a-contribuicao-de-guerreiro-ramos-para-o-estudo-das-relacoes-raciais-no-brasil/">https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2012/04/03/a-contribuicao-de-guerreiro-ramos-para-o-estudo-das-relacoes-raciais-no-brasil/</a>
14	Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos	SOUZA, Márcio Ferreira de. Traços gerais e caracterização da inteligência brasileira em Guerreiro Ramos. <b>Anais do 31º Simpósio Nacional de História</b> [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia. São Paulo: ANPUH, 2021. v. 1. p. 1-12. 31º. Simpósio Nacional de História: História, Verdade e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.
15	Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos	SOUZA, Márcio Ferreira de.; GONÇALVES, Mariana. Retratos do Brasil: as interpretações clássicas e suas contribuições ao campo da sociologia das emoções. In: X Congresso Português de Sociologia. <b>Atas do X Congresso Português de Sociologia</b> , 2018, Covilhã. Na era da “pós-verdade” - Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2018. p. 1-23, 2018.
16	Trabalho completo publicado em Anais de	SOUZA, Márcio Ferreira de. Mulheres em Três Tempos: Gilberto Freyre e a representação feminina na "Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil". <b>Anais do VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas</b>

	<b>eventos acadêmicos</b>	<b>Feministas – REDEFEM.</b> Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos, 2008. Belo Horizonte, UFMG, 2008. CD-ROM.
17	<b>Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Ó Abre Alas: as mulheres em cena no nascente mercado fonográfico brasileiro. In: <b>Seminário Internacional Fazendo Gênero 7</b> , 2006, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, p. 1-7, 2006.
18	<b>Trabalho Apresentado em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Uma leitura decolonial sobre a humilhação social pelo viés da ‘redução sociológica’ de Guerreiro Ramos: ganhos teóricos, epistemológicos e analíticos. <b>46º Encontro Anual da Anpocs</b> . Campinas, 2022 (Modalidade virtual).
19	<b>Trabalho Apresentado em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Palestra “Chaves de leitura para a Sociologia da sociedade brasileira contemporânea”. Faculdade Dom Bosco, Belo Horizonte, 2021.
20	<b>Trabalho Apresentado s em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Amado: reflexões sobre sua obra memorialística. GT Pensamento Social Brasileiro, no <b>XV Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , Rio de Janeiro, 2011.
21	<b>Trabalho Apresentado em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Mulheres em três tempos: Gilberto Freyre e a representação feminina na “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil”. <b>VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM)/II Encontro Internacional Política Feminismo/II Seminário Internacional Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos</b> , Belo Horizonte, 2008.
22	<b>Orientação de Monografias e Pesquisas de Iniciação Científica</b>	OLIVEIRA, Cleusa Vieira de. O conceito de “homem cordial” em Sérgio Buarque de Holanda: atualidade e possibilidades de sua aplicação no Brasil contemporâneo. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2024. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
23	<b>Orientação de Monografias e Pesquisas de Iniciação Científica</b>	GONÇALVES, Mariana. Ancestralidade: o elemento (in)visível das emoções. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2018. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
24	<b>Orientação de Monografias e Pesquisas de Iniciação Científica</b>	GONÇALVES, Mariana. Articulação entre o Pensamento Social Brasileiro e a Sociologia das Emoções como categoria de análise. <b>Iniciação Científica</b> . Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. <b>(Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2017. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
25	<b>Orientação de Monografias</b>	ARAÚJO, Danilo de Souza. Triste Fim de Policarpo Quaresma: Lima Barreto sob a perspectiva sociológica.

	e Pesquisas de Iniciação Científica	Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU), 2016. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
26	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	MARTINS, Mireile Silva. “Raça, classe e gênero e a contribuição de Lélia Gonzalez para o pensamento social” (Orientação: Moacir Freitas Jr.). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
27	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	MARTINS, Mireile Silva. “Raça, classe e gênero e a contribuição de Lélia Gonzalez para o pensamento social” (Orientação: Moacir Freitas Jr.). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2022.
28	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	PASQUA, Felipe Silva. A violência de gênero e suas nuances de classe social em Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre: resistências e ressignificações (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
29	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	GUIMARÃES, Lucas Leão. Uberlândia no Bar: Futebol e Cultura Nacional (Orientação: João Marcos Alem). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
30	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	LEMOS, Marcelo Rodrigues. Um Estudo Sobre a Articulação Gênero e Trabalho na Sociologia Brasileira (1970-1990) (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

Na fase de realização do meu doutorado não pude me dedicar com mais frequência à linha de pesquisa de “Pensamento Social no Brasil”, pois foi o momento em que me dediquei com mais afinco à sociologia dos usos do tempo e aos estudos de gênero – tema de minha tese, sobre o qual descrevo no tópico seguinte.

### **3.3. Doutorado em Ciências Humanas (2002-2007): O encontro com os Estudos de Gênero articulados com a Sociologia dos Usos do Tempo**

Tive a sorte e a felicidade de ter conhecido docentes, pesquisadores e estudantes que me proporcionaram grande estímulo. Neuma Aguiar, porém, merece uma referência à parte. Ela foi a pessoa de maior influência em minha trajetória acadêmica e foi aquela que mais oportunidades me propiciou, demonstrando grande confiança em meu trabalho. Nos tornamos amigos. Ela sempre foi uma generosa anfitriã nos momentos em que me recebeu em seu gabinete de trabalho ou em suas residências em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Além da orientação no mestrado e no doutorado, fui seu aluno em algumas das disciplinas que ministrou na UFMG: Pensamento Social Brasileiro, Metodologia em Ciências Sociais, Gênero e Sociedade, Estratificação e Desigualdades Sociais (em parceria com Archibald Haller – *in memoriam*) e Sociologia dos Usos do Tempo.

Com relação às abordagens metodológicas, Neuma me possibilitou uma entrada no universo da pesquisa quantitativa. Ela foi a idealizadora do bem-sucedido projeto de curso de verão de metodologia quantitativa na UFMG – o MQ. Também desenvolveu relevantes pesquisas entre 2001 e 2008: a pesquisa dos usos do tempo e o *survey* da região metropolitana de BH. Graças a Neuma é que contemplado com uma bolsa de estudos (CNPq) tive a oportunidade de realizar alguns minicursos de metodologia quantitativa no ICPSR<sup>13</sup> Summer Program in Quantitative Methods, na Universidade de Michigan (UMICH-EUA), entre junho e julho de 2003: *Understanding Unit and Item Nonresponse, Testing Questions and Instruments for Survey International* e *Introduction to Questionnaire Design*. Esta formação complementar oportunizou-me mais conhecimentos e segurança para o engajamento nas pesquisas quantitativas. Neuma

---

<sup>13</sup> Inter-university Consortium for Political and Social Research. Agradeço o apoio de seu diretor, à época, David A. Lam.

também me confiou a responsabilidade de ministrar, no próprio Programa de Metodologia Quantitativa da UFMG, a disciplina de Métodos de Pesquisa em Usos do Tempo (2009) e A Organização da Pesquisa de Survey (2008) - esta segunda como assistente da professora Solange Simões, então docente na UMICH e acompanhado de Maria Aparecida (Cida) Machado Pereira, uma contemporânea do doutorado com a qual estabeleci outras parcerias em pesquisas, além de laços de amizade. Cida Machado foi uma colega muito relevante em minha formação como pesquisador neste período da minha passagem pelo Programa de Pós-Doutorado em Ciências Humanas na UFMG.

Antes da finalização do mestrado me encontrava decidido a dar continuidade aos estudos de pós-graduação. Elaborei um projeto que, mais tarde, julguei bem ambicioso, para apresentar na seleção de doutorado da UFMG, realizada em 2000. Neste projeto propus abordar sobre a relevância da série editorial *Brasiliana*, publicada entre as décadas de 1930-1980, considerando a hipótese da existência desta série, fruto da emergência do mercado editorial no Brasil, como um dado possibilitador da comprovação empírica de que o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil foi importante, tanto como forma de legitimação do discurso acadêmico, no sentido de Pierre Bourdieu (1983), ao discutir sobre o campo científico, quanto para moldar as publicações da citada série editorial às exigências e demandas do universo acadêmico. Observei que a produção estritamente sociológica, dentro da série *Brasiliana*, aumentou com o passar do tempo e considerei a possibilidade de interpretar este aumento no volume de publicação em sociologia como relacionado ao processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Atentei para os novos “acordos” que passam a existir entre editores e autores e considerei a entrada de autores, exclusivamente do campo científico institucionalizado, foi importante para a discussão sobre o Brasil, visto que há uma progressão quantitativa na publicação dos trabalhos acadêmicos – as teses de doutoramento, por exemplo, de grandes centros, como a USP; além da

presença de autores diretamente ligados à criação da Escola Livre de Sociologia e Política, como Roberto Simonsen.

Feita a digressão acima, necessária para a contextualização da minha entrada no campo investigativo sobre a sociologia dos usos do tempo, apesar de ter sido aprovado no processo seletivo com o referido projeto sobre a série *Brasiliana*, hoje tenho a consciência de que muito provavelmente eu não conseguiria dar conta do trabalho hercúleo a que me propus na ocasião, considerando o grande volume de publicações daquela série. Engajado na pesquisa “Múltiplas Temporalidades de Referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado - análises dos usos do tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais”, sob coordenação geral de Neuma Aguiar, recebi uma bolsa do CNPq para supervisionar o trabalhado de campo no âmbito do Centro de Estudos e Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (Cepeqcs), juntamente com Cida Machado.

Em comum acordo com Neuma, decidi mudar por completo minha linha e tema de investigação. Curioso pelas teorias sociológicas sobre temporalidades e usos do tempo, adotei uma atitude pragmática de aproveitar o meu investimento e leituras e os conhecimentos adquiridos no processo da pesquisa. Assim passei a investir na “Sociologia dos Usos do Tempo”. Tive livre acesso a um riquíssimo banco de dados em cuja construção pude colaborar e, a partir dele, já matriculado no Doutorado, elaborei um novo projeto de investigação, com o aval institucional do Colegiado do curso de Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política. Este projeto, substitutivo ao anterior sobre a série *Brasiliana*, versou sobre os usos do tempo em Belo Horizonte. Neste trabalho desenvolvi uma investigação com base na sociologia da vida cotidiana, refletindo sobre a percepção temporal, isto é, sobre o dia a dia dos moradores de Belo Horizonte e seus “usos do tempo”. Durante dois anos obtive a concessão de bolsa da CAPES para realização da minha tese de doutoramento. Após este período abri mão desta bolsa porque tive a oportunidade de concessão de bolsa de pesquisa pelo CNPq vinculada ao

projeto de pesquisa de Neuma Aguiar que não me exigia exclusividade. Neste momento pude, paralelamente, atuar como professor da rede privada de ensino superior.

Do ponto de vista metodológico, com relação à pesquisa “Múltiplas Temporalidades de Referência...”, tive a oportunidade de aprender sobre instrumentos de construção de dados como os diários dos usos do tempo, uma grande novidade para mim. Foi um trabalho extremamente gratificante e a total confiança que Neuma depositou em mim (e em Cida Machado, a parceira na supervisão do campo) me proporcionou um forte senso de responsabilidade na condução da pesquisa. Além da supervisão de campo trabalhei com a codificação e análise de dados. Em meu projeto de doutorado fiz um recorte considerando a percepção do tempo sob a perspectiva da masculinidade. Dessa maneira fiz uma interseção entre a sociologia dos usos do tempo, a sociologia de gênero (com ênfase nas masculinidades) e a sociologia da vida cotidiana. *Sociologia dos usos do tempo* e os *estudos sobre masculinidades* passaram a ser meus novos temas de investigação na pesquisa sociológica.

Em síntese, em minha tese (Souza, 2007) objetivei uma investigação da *percepção do tempo* sob a perspectiva de gênero, fundamentando-me na dimensão analítica da sociologia da vida cotidiana. Desenvolvi um estudo sobre a representação da masculinidade, a partir do qual busquei identificar as metamorfoses desta “representação” na vida contemporânea. Procurei também observar se ocorreu - e como é possível identificar - a adequação dos homens aos novos modelos de padrão e representação sociais que redefinem os papéis de gênero. Analisei como a definição de um “novo homem” afeta a vida cotidiana, fazendo uma distinção entre percepção e práticas cotidianas, uma vez que nesta tese analisei o contraste entre o dia a dia e a sua cognição. Minha base empírica, portanto, foi calcada no banco de dados da pesquisa “Múltiplas Temporalidades de Referência” e a operacionalização dos dados realizou-se conjugando as análises quantitativa e qualitativa. No segundo caso procedi pelo uso da técnica de

grupos focais. Ao refletir sobre os dados trabalhados levei em consideração o fato de que ainda que encontremos na sociedade brasileira – e numa grande capital brasileira como Belo Horizonte - representações de modos de vida típicos de valores não tradicionais, os valores tradicionais permanecem dominantes na esfera das representações de gênero. A percepção do tempo do ponto de vista do gênero – especificamente a “percepção masculina” – permanece assentada em bases tradicionais: ainda que no campo da prática os homens não se configurem como exclusivos provedores do ambiente doméstico, no que tange à percepção continua prevalecendo a visão da masculinidade como desvinculada deste ambiente.

Naquela ocasião, entendi a relevância de uma pesquisa voltada para a análise dos usos do tempo como considerável sob múltiplos aspectos: em primeiro lugar, pela contribuição que tal tipo de pesquisa oferece do ponto de vista metodológico, ponderando a introdução de técnicas e de instrumentos de coleta de dados, como os diários de usos do tempo, que permitem um avanço para além dos estudos etnográficos, como até então vinha ocorrendo no Brasil (Aguiar, 1996); em segundo lugar, pela possibilidade de desenvolvimento de dados para estudos comparativos em âmbitos nacional e internacional e, em terceiro lugar, pela relevância dos estudos dos usos do tempo para o conhecimento de aspectos diversificados da vida cotidiana, seja para as análises de qualidade de vida (de lazer, de descanso), ou seja, para análises de divisão do trabalho remunerado ou das atividades domésticas, por gênero, entre outras possibilidades.

Por outro aspecto, ao considerar a relação entre masculinidades e temporalidade, em minha tese tentei contribuir para a ampliação do debate no campo de estudos sobre gênero, com relação à temática específica das masculinidades, na ocasião ainda não suficientemente explorada no Brasil. O tema de estudos sobre masculinidades passou a ser desenvolvido mais sistematicamente a partir da década de 1990, no Brasil, sob múltiplas perspectivas, principalmente em articulação com a sexualidade, a saúde e

a violência. Porém a relação masculinidade/temporalidade carecia de ser abordada, levando em consideração aspectos como a percepção da temporalidade na vida cotidiana. É na vida cotidiana, pois, que se estabelece o processo das interações sociais onde homens e mulheres constroem e se constroem no mundo – são sujeitos e objetos neste processo social. Neste sentido penso que em minha tese pude contribuir para este debate.

O meu grande desafio teórico, em relação à opção por tomar as análises da vida cotidiana como ponto de partida para minha discussão específica de tese foi ter de lidar com uma diversidade de abordagens. Entendi, portanto, que no plano da vida cotidiana – e das relações microssociais – é que são construídos os aspectos das configurações simbólicas do tempo e de gênero consolidados nas relações macrossociais. Dessa maneira tive que exercitar a articulação de perspectivas múltiplas, cuidando-me de aproxima-las quando possível, ao mesmo tempo em que procurei destacar aspectos de conflitos entre tais abordagens. Meu ponto de partida foi, portanto, a fenomenologia, tendo como referência central Alfred Schutz (1967), em cujos estudos encontrei a base analítica para a discussão da vida cotidiana e a influência para a construção teórica das outras três correntes as quais também referenciai em minha tese: (i) a perspectiva marxista, calcada nos estudos da vida cotidiana, de Agnes Heller (1977, 1985); (ii) a corrente do interacionismo simbólico, tendo como referência George H. Mead e Erving Goffman (1971, 1974, 1975, 1979); (iii) a vertente etnometodológica, representada por Harold Garfinkel (1967) e Aaron Cicourel (1973).

Observei que a introdução da perspectiva fenomenológica para a minha questão central de tese apresentou como contribuição a possibilidade de análise da “percepção” do tempo, visto que Schutz tem como ponto central em sua obra, a percepção do mundo social como fenômeno intersubjetivo. Ao ressaltar as noções de vida cotidiana, busquei

também evidenciar as noções de temporalidade e, criticamente, de “papel social”, em cada uma das correntes.

Adentrei a discussão sobre a percepção do tempo, que comprehendi como um aspecto fundamental na construção do mundo da vida. Também procurei, do ponto de vista teórico, focar na dimensão analítica da Sociologia do Tempo e do Espaço, por meio de uma revisão bibliográfica do enfoque da temporalidade no campo sociológico. O tempo é uma construção social que se processa conforme a organização da vida cotidiana, como pode ser constatado a partir de diversos estudos teóricos e empíricos importantes que foram desenvolvidos com o objetivo de abordá-lo sociologicamente, seja sob o enfoque da coordenação das atividades (Elias, 1998; Nowotny, 1994), seja pelo enfoque organizacional (Giddens, 1987, 1989; Zerubavel, 1985a, 1985b; Castoriadis, 1982; Aguiar, 2000, 2001).

A partir da discussão teórica que desenvolvi sobre a “sociologia do tempo” constatei que a noção de tempo é incorporada pelos seres humanos de tal maneira que conduz homens e mulheres a terem uma percepção “naturalizada”. Entretanto, julguei importante atentar para a dimensão do conflito ao passo que, de acordo com a leitura de Helga Nowotny (1994), o caráter subjetivo do tempo é uma variável importante para a identificação da sua percepção. Em minha tese discuti que esta percepção não é a mesma entre as pessoas, sobretudo se considerarmos a dimensão de gênero, embora sua apreensão seja sutil. Apresentei a hipótese de diferenciação da percepção do tempo levando em consideração o caráter subjetivo desta percepção que está relacionada com a dimensão de gênero no sentido de que a representação social das masculinidades e das feminilidades é determinante na organização do tempo cotidiano de cada gênero. Para tanto atentei para as teorias de gênero, com foco nas masculinidades e, sobretudo, para os estudos que levam em conta as representações dos papéis sociais e suas transformações.

Considerando, naquele momento, que os estudos de gênero, com foco nas mulheres, já haviam tomado consideráveis proporções e versavam sobre os mais diferentes aspectos no que se refere aos “problemas de gênero”, sejam por meio de abordagem de temas como a inserção no mercado de trabalho (Bruschini, 2000), a flexibilidade e transformações nas configurações familiares (Vaitsman, 1994), as transformações na vida afetiva, as consequentes “reinvenções do vínculo amoroso” (Matos, 2000), as conquistas políticas tendo o movimento feminista como uma das bases de apoio. O fato é que se tornou consenso falar de uma “nova mulher”.

Passou-se constantemente a se falar, naquela década de transição do século XX para o século XXI, sobretudo midiaticamente, na emergência de um “novo homem”. No meu ponto de vista os estudos acadêmicos, no campo da sociologia, que estavam sendo conduzidos pela preocupação com o surgimento do “novo homem”, a partir da mudança de um contexto focado na crise do patriarcalismo, ainda não haviam logrado preencher diversas lacunas. Por exemplo, limitar-se ao enfoque da sexualidade ou da violência. Porém, os desdobramentos destes estudos tornaram-se cada vez mais complexos, visto que o emprego do termo masculinidade passa a ser substituído pelo termo em seu plural: masculinidades. Há, portanto, uma diversidade de masculinidades que tem a ver com as diferentes inserções dos homens nas estruturas social, política, econômica e cultural (Connel, 1995; Hearn, 1996). Neste sentido, se a partir do final da década de 1980 e, mais precisamente, nos anos 1990 e na entrada dos anos 2000, nos deparamos com uma ideia de emergência de um “novo homem”, entendi que há que se considerar, também, a permanência de um “velho homem” - calcado nos ideais burgueses da família moderna (Oliveira, 2004) cuja representação máxima é a figura do pai e provedor.

Minha análise dos dados empíricos foi motivada por meio de algumas questões, a saber: Quais são os principais aspectos das transformações na dimensão da masculinidade? Como os homens têm reagido a estas transformações? Como (e se) estão se adequando aos novos modelos de

padrões sociais que redefinem os papéis de gênero? Como percebem o seu próprio tempo? Esta percepção de tempo é diferenciada entre os gêneros masculino e feminino? A percepção que as pessoas têm sobre o tempo está associada à noção de papéis de gênero e está vinculada à prática cotidiana? (Souza, 2007).

Este foi o ponto de partida da minha pesquisa de doutoramento, na qual me centrei na temporalidade sob o enfoque organizacional, a partir do processo de racionalização entre o público e o privado e procurei destacar o conflito dos valores tradicionais e valores pós-modernos (Inglehart, 1997) e suas implicações para a dimensão de gênero (Matos, 2000).

Trabalhei os dados quantitativos da pesquisa e enfatizei elementos qualitativos (grupos focais) da percepção do tempo – por homens e mulheres - a partir da análise dos valores que regem diferentes estilos de vida na sociedade brasileira contemporânea. Meu pressuposto foi o fato de a contemporaneidade ser marcada pelo conflito de diversas concepções morais e de valores, tradicionais e pós-modernos. Os dados qualitativos possibilitaram um aprofundamento na dimensão do conflito. Foi a partir deles que pude observar novas tendências de valores que podem ser verificadas em ambos os gêneros.

Em minha reflexão sobre os dados empíricos mobilizados na tese de doutorado, levei em consideração o fato de que ainda que as representações de modos de vida típicos de valores não tradicionais despontem como novos dados sociológicos, os valores tradicionais permanecem dominantes na esfera das representações de gênero. Dessa maneira, argumentei que a percepção do tempo do ponto de vista do gênero – em particular a percepção masculina – continua assentada em bases tradicionais: mesmo que na prática encontremos homens que não se configuram como exclusivos provedores do ambiente doméstico, no que se refere à “percepção” prevalece uma visão da masculinidade como desvinculada do âmbito doméstico. O tempo cotidiano dos homens, em relação aos seus usos e práticas, não é

propriamente o tempo dispendido com o ambiente doméstico. Observei que, no que diz respeito às variáveis de percepção relacionadas ao grau de justiça acerca da divisão de tarefas domésticas há uma tendência em considerar como “justa” tal divisão e notei que as maiores responsabilidades e dedicação do tempo às atividades domésticas e cuidados com os filhos continuavam recaendo, naquela primeira década do século XXI, sobre as mulheres. Apontei tal fato como um indicativo de um alto grau permanência de tradicionalismo na sociedade brasileira acerca das representações de gênero, ainda que, ao mesmo tempo, fosse possível vislumbrar uma abertura existente para a compreensão dos homens e mulheres acerca dos novos valores e de novos tempos que demandam a emergência de um “novo homem”. Entretanto, observo que a existência deste “novo homem” é possibilitada porque os cenários da vida conjugal foram transformados – a forte e contínua presença das mulheres no mercado de trabalho, o aumento das mulheres como “chefe” de domicílios etc. – e nesse processo de mudanças aparecem demandas pela necessidade de inclusão de novos personagens.

O processo de construção de minha tese, além da colaboração de colegas e amigos do Cepeqcs – Cida Machado, Luiz Flávio Neubert, Arnaldo Mont’Alvão, entre outras e outros – contou com contribuições inestimáveis de docentes como Emílio Suyama (ICEX - UFMG), que pacientemente supervisionou e me orientou nas análises estatísticas e Solange Simões (Universidade de Michigan), que se colocou disponível para me acompanhar sempre que eu solicitei sua colaboração; dos professores Antônio Fernando Mitre Canahuati e Vera Alice Cardoso e Silva, ambos do Departamento de Ciência Política da UFMG que, enquanto coordenadores do Programa de Doutorado em Ciências Humanas da UFMG, muito me apoiaram na realização do meu trabalho. Vera Alice contribuiu também no processo de qualificação da minha tese. No mais, contribuições não faltaram por parte dos avaliadores que compuseram a banca de qualificação da tese: Corinne Davis Rodrigues (Departamento de Sociologia e Antropologia - UFMG), Marlise Matos (Departamento de Ciência Política

- UFMG) e Cornelis Johannes van Stralen (Departamento de Psicologia - UFMG). Deles recebi sugestões valiosas, além das necessárias críticas para o aprimoramento do meu trabalho final. Fizeram parte da banca de defesa de tese as professoras Marie Jane Soares Carvalho (Faculdade de Educação - UFRGS), Maria do Carmo Fonseca (Cedeplar – UFMG), e, novamente, Marlise Matos (DCP – UFMG), além do professor Carlos Magno Guimarães (Departamento de Sociologia e Antropologia – UFMG).

Neste período de envolvimento com as pesquisas sobre usos do tempo liderei até 2009, juntamente com Neuma Aguiar, o Grupo de Pesquisa “Tempo e Sociedade”, certificado pelo CNPq no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Dele fizeram parte pesquisadoras como Gisela Black Taschner, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP); Marie Jane Soares Carvalho e Juliana Brandão Machado, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); além de discentes e pesquisadores do SOA/UFMG: Arnaldo Mont’Alvão, Luiz Flávio Neubert e Rafaela Cyrino.

Listo no Quadro 2 minha produção relativa às publicações e outros trabalhos que se referem à sociologia dos usos do tempo. A maior parte dela está articulada aos estudos de gênero. Meu primeiro artigo sobre o tema (Souza, 2000) foi publicado antes mesmo de me matricular no programa de doutorado. Como eu já havia realizado uma disciplina com Neuma Aguiar – Sociologia dos Usos do Tempo -, investi muito em leituras sobre o tema e já havia acumulado uma relativa bagagem teórica.

Dos meus estudos sobre os usos do tempo e temporalidade, produzi, individualmente e em parcerias, trabalhos que foram apresentados em eventos acadêmicos, capítulos de livros e relatórios de pesquisas, abordando questões de ordem teórica e metodológicas. Em parceria com Mónica Franch (UFPB) organizei o dossiê “Temporalidades” (Revista

Política & Trabalho, UFPB - Franch; Souza, 2011)<sup>14</sup> e coordenei o Simpósio Temático “Relações de gênero e práticas temporais”, no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, realizado entre 16 e 20 de setembro de 2013 na Universidade Federal de Santa Catarina.

Entre as parcerias intelectuais nesta fase do doutoramento, na UFMG, além de Neuma Aguiar, destaco as interlocuções com Luiz Flávio Neubert e Arnaldo Mont’Alvão, com os quais produzi artigos e trabalhos para apresentações em congressos e com Cida Machado, com quem produzi relatórios de pesquisas no âmbito do CEPECQS.

Participei de eventos acadêmicos com apresentações de trabalhos, alguns dos quais, assinados individualmente ou em parcerias, com publicações em versão completa e/ou resumidas, em Anais dos respectivos eventos (Quadro 2 – itens 7 a 19). Compus, também, bancas avaliadoras de defesas de qualificação em níveis de mestrado e de doutorado e bancas de defesa de dissertação e de tese que versavam sobre os usos do tempo (Quadro 2, itens 22 a 28).

**Quadro 2: Produção e publicações na subárea da Sociologia dos Usos do Tempo em articulação com os Estudos de Gênero.**

ID	Categoria	Descrição
1	Tese de Doutorado	SOUZA, Márcio Ferreira de. A percepção do tempo na vida cotidiana sob a perspectiva de gênero: o dia a dia em

<sup>14</sup>Neste referido dossiê recebemos contribuições de autoras e autores do Brasil e de instituições estrangeiras, pela ordem de publicação: Emília Rodrigues Araújo (A política de tempos: elementos para uma abordagem sociológica); Maria Helena Oliva Augusto (Tempo, memória e identidade: algumas considerações); Neuma Aguiar (Mudanças no uso do tempo na sociedade brasileira); Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert (Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais); Arnaldo Mont’Alvão (Transportes e tempo de mobilidade urbana em Belo Horizonte); Rafaela Cyrino (A gestão do trabalho doméstico entre as mulheres executivas: um exemplo de combinação de dados de uma pesquisa de Usos do Tempo com metodologia qualitativa); Ana Domínguez Mon (Temporalidades de género en los cuidados a la salud en Buenos Aires: los sectores medios ante las enfermedades crónicas); Marcel Mano (Contato, guerra e paz: problemas de tempo, mito e história) e Thaís Nascimento ('São Pedro: rogai por nós!': festa, política e memória).

		Belo Horizonte. <b>Tese</b> (Pós-Graduação em Ciências Humanas: Sociologia e Política, UFMG). Orientação: Neuma de Figueiredo Aguiar, Setembro, 2007.
2	<b>Artigo</b>	FRANCH, Mónica; SOUZA, Márcio Ferreira de. Temporalidades: proposta para uma agenda de pesquisa em Ciências Sociais. <b>Política &amp; Trabalho</b> (UFPB. Impresso), v. 34, p. 11-18, 2011.
3	<b>Artigo</b>	MONT'ALVÃO, Arnaldo; NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Márcio Ferreira de. Espaço e Tempo na “Teoria da Estruturação”. <b>Política &amp; Trabalho</b> (UFPB. Impresso), v. 35, p. 187-200, 2011.
4	<b>Artigo</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; NEUBERT, Luiz Flávio; AGUIAR, Neuma. Um Estudo da Percepção de Usos do Tempo sob a Perspectiva de Gênero. <b>Sociedade e Cultura</b> (Goiânia), v. 8, p. 53-69, 2005.
5	<b>Artigo</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. O Tempo Como Construção Social. <b>Estudos</b> (Goiânia), v. 1, p. 755-770, 2000.
6	<b>Capítulo de livro</b>	NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Márcio Ferreira de. Concepções morais e valores na contemporaneidade: um estudo sobre trabalho e lazer sob a perspectiva de gênero. In: PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha e FERREIRA, Maria da Luz Alves. (Org.). Entre o urbano e o rural: perspectivas das Ciências Sociais. Montes Claros: Ed. Unimontes, 1ª. ed., v. 1, p. 35-75, 2014.
7	<b>Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. As pesquisas de Usos do Tempo na UFMG e suas articulações com a dimensão de gênero. <b>Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)</b> , 2013. p. 1-12.
8	<b>Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gênero e temporalidade cotidiana em Belo Horizonte sob a perspectiva da masculinidade. Florianópolis. <b>Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9</b> . Florianópolis, 2010.
9	<b>Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Papéis de Gênero e Práticas Cotidianas: a dimensão do tempo sob a perspectiva da masculinidade. <b>Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia: Consensos e Controvérsias</b> . Rio de Janeiro, 2009.
10	<b>Trabalho completo publicado em Anais de eventos acadêmicos</b>	MONT'ALVÃO, Arnaldo; NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Márcio Ferreira de.; AGUIAR, Neuma. Tempo de Trabalho e Desigualdade Ocupacional em Belo Horizonte. <b>Anais do V Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho (ALAST)</b> , 2007.
11	<b>Trabalho completo</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; NEUBERT, Luiz Flávio. Múltiplas temporalidades de referência: estudo da

	publicado em Anais de eventos acadêmicos	percepção dos usos do tempo sob a perspectiva de gênero. <b>Anais do XI Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , 2003.
12	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. As pesquisas de Usos do Tempo na UFMG e suas articulações com a dimensão de gênero (apresentação de trabalho). <b>Seminário Internacional Fazendo Gênero 10</b> . Florianópolis, SC, 2013.
13	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)</b>	FRANCH, Mónica; SOUZA, Márcio Ferreira de. Coordenação do Simpósio Temático “Relações de Gênero e Práticas Temporais”. <b>Seminário Internacional Fazendo Gênero 10</b> . Florianópolis, SC, 16 a 20 de setembro de 2013.
14	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Gênero e temporalidade cotidiana em Belo Horizonte sob a perspectiva da masculinidade (apresentação de trabalho). <b>Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos</b> , Florianópolis, 2010.
15	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Papéis de Gênero e Práticas Cotidianas: a dimensão do tempo sob a perspectiva da masculinidade (apresentação de trabalho). <b>XIV Congresso Brasileiro de Sociologia: Consensos e Controvérsias</b> . Rio de Janeiro, 2009.
16	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)</b>	MONT'ALVÃO, Arnaldo; NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Márcio Ferreira de.; AGUIAR, Neuma. Tempo de Trabalho e Desigualdade Ocupacional em Belo Horizonte (apresentação de trabalho). <b>V Congresso Latino-Americano de Sociologia do Trabalho (ALAST)</b> , Montevideu, Uruguai, 2007.
17	<b>Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; NEUBERT, Flávio Neubert. Concepções morais e valores de gênero na contemporaneidade (apresentação de trabalho). <b>XII Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , 2005, Belo Horizonte, MG, 2005.

		coordenações de GT/ST)
18	Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)	SOUZA, Márcio Ferreira de.; NEUBERT, Flávio Neubert. Múltiplas temporalidades de referência: estudo da percepção dos usos do tempo sob a perspectiva de gênero (apresentação de trabalho). <b>XI Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , 2003, Campinas, SP, 2003.
19	Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)	SOUZA, Márcio Ferreira de.; NEUBERT, Flávio Neubert. Índices, Análises e Categorias de Temporalidade (apresentação de trabalho). <b>I Encontro Internacional da REDEFEM</b> , 2003. Gramado, RS, 2003.
20	Participação em eventos acadêmicos (Apresentação de Trabalhos e coordenações de GT/ST)	SOUZA, Márcio Ferreira de. Relação entre trabalho e educação no sistema prisional: o caso da “Penitenciária de Mulheres”, em Belo Horizonte (apresentação de trabalho). <b>I Simpósio Trabalho e Educação. Faculdade de Educação</b> , UFMG. 6, 7 e 8 de julho de 2001.
21	Pesquisa e projeto	2001-2003 - Múltiplas Temporalidades de Referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado - análises dos usos do tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais. Integrantes: AGUIAR, Neuma (coordenadora); SOUZA, Márcio Ferreira de.; PEREIRA, Maria Aparecida Machado; NEUBERT, Luiz Flávio; MONT'ALVÃO, Arnaldo. Centro de Estudos e Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (Cepeqcs) – UFMG. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
22	Pesquisa e projeto	2001 - Tempo no sistema prisional – Pesquisa piloto realizada na Penitenciária Estêvão Pinto, Belo Horizonte. Integrantes: AGUIAR, Neuma (coordenação); SOUZA, Márcio Ferreira de; ABREU, Flávia. UFMG. Pesquisa sem financiamento.
23	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	ALMEIDA, Aline Santos. A percepção dos professores da SEDUC/AM de ensino fundamental da cidade de Manaus sobre as horas de trabalho pedagógico na escola (orientação: Luiz Flávio Neubert). <b>Exame de qualificação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação)</b> - Universidade Federal de Juiz de Fora., 2016.
24	Participação em bancas avaliadoras	PEREIRA, Evaldo Bezerra. Horas de Trabalho Pedagógico - HTP implementadas pela Secretaria estadual de educação do Amazonas - SEDUC: estudo de caso em

	(Graduação, Mestrado e Doutorado)	duas escolas da rede estadual de Manaus/AM (Orientação: Luiz Flávio Neubert). <b>Exame de qualificação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação)</b> - Universidade Federal de Juiz de Fora. 2026.
25	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	NEUBERT, Luiz Flávio. Desigualdade Ocupacional e os Usos do Tempo: um estudo sobre os determinantes do tempo contratado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas (Orientação: Neuma Aguiar). <b>Tese</b> (Doutorado em Sociologia e Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
26	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	NEUBERT, Luiz Flávio. Desigualdade Ocupacional e os Usos do Tempo: um estudo sobre os determinantes do tempo contratado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas (Orientação: Neuma Aguiar). <b>Exame de Qualificação (Doutorado em Sociologia e Política)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
27	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. A Construção Social da Temporalidade e a Articulação entre Trabalho Doméstico e Trabalho Assalariado (Orientação: Neuma Aguiar). <b>Tese</b> (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
28	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	MANFREDINI, Roberta Lusa. O Uso do Tempo das Alunas-Professoras do PEAD (Orientação: Marie Jane Soares de Carvalho). <b>Exame de Qualificação Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) – UFRGS</b> , 2010.
29	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. A Construção Social da Temporalidade e a Articulação entre Trabalho Doméstico e Trabalho Assalariado (Orientação: Neuma Aguiar). <b>Exame de Qualificação (Doutorado em Sociologia)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

#### 4. Os Estudos de Gênero articulados com a Sociologia Geracional e os temas da infância, juventude e envelhecimento.

Em minhas abordagens sobre a dimensão de gênero, acabei conduzindo algumas reflexões para os estudos sobre gerações, considerando os marcos temporais entre a infância, a juventude e a velhice. É sobre o tema das gerações e ciclos de vida que trato no presente tópico,

fazendo algumas digressões sobre uma fase anterior à minha chegada na UFU e tratarrei, também do momento em que, já na UFU, eu estabeleci parcerias acadêmicas com pesquisadoras da UFPB e da UEL.

#### **4.1. Digressão: Uma breve passagem pela PUC Minas (2007-2008)**

Por dois anos (2007 e 2008) trabalhei na PUC Minas, no cargo de analista administrativo pleno, prestando serviços para o Instituto da Criança e do Adolescente (ICA – Puc Minas). Na ocasião o ICA era coordenado por Rita de Cássia Fazzi e, neste período, desenvolvi trabalhos de extensão, tendo a oportunidade de coordenar duas pesquisas de campo realizadas nos municípios mineiros de Capelinha e de Sete Lagoas. Foram diagnósticos encomendados pelas respectivas prefeituras municipais, sobre a situação da infância e juventude nos municípios citados. Passei quatro meses em Capelinha, no Vale do Jequitinhonha, trabalhando juntamente com uma equipe de jovens moradores no município, com a finalidade de realizar o referido diagnóstico. Conduzi diversos grupos focais e entrevistas com crianças e jovens, com profissionais da educação e gestores públicos. Além da coordenação geral de Rita Fazzi, desenvolvi o trabalho de diagnóstico juntamente a Sânia Maria Campos e Azula Marina Couto Marinho, então componentes do ICA.

Foi uma experiência ímpar a imersão no município de Capelinha e uma oportunidade significativa de desenvolver um trabalho de forma tão direta a partir do qual pude construir uma “sociologia artesanal”, nos termos de Howard Becker (1997). Em Sete Lagoas a experiência se repetiu, além da continuidade das parcerias de Sânia e Azula, na experiência de Sete Lagoas construímos o diagnóstico da situação da Infância e da Adolescência com o auxílio de Henrique Willer de Castro Pereira e Hilda Alejandra Gavilanes Jimenez (Quadro 3 - itens 13 e 14).

#### **4.2. Estabelecendo parcerias: produções conjuntas com pesquisadoras da UEL e da UFPB**

No Quadro 3 sintetizo a minha produção relativa aos estudos de gênero articulados com a sociologia geracional que revela: a produção de artigos individuais e publicações – artigos, organização de dossiê temático -, em parceria com Mónica Franch, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e trabalhos publicados em Anais de Congressos, alguns em parcerias com Silvana Mariano e Lina Penati Ferreira, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) (Quadro 3 – itens 1 a 9); pesquisas que envolvem a questão geracional com produção de relatórios; participação em

eventos acadêmicos com apresentações de trabalhos (Quadro 3 – itens 10 e 11); orientação de trabalhos de monografias e dissertação de mestrado (Quadro 3 – itens 15 a 19);, além de ter participado de bancas de TCC em curso de graduação (Quadro 3 – itens 20 a 25).

No dossiê supracitado – Gênero e Gerações (Souza; Franch, 2012, p. 1) – observamos que “os estudos de gênero e de geração possuem, histórica e conceitualmente, afinidades importantes, mas também notáveis diferenças”. As duas dimensões são desafiadoras no que diz respeito ao diálogo entre os polos natureza/cultura, “refletindo sobre o modo como socialmente se atribuem significados ao dimorfismo sexual (estudos de gênero) e às mudanças corporais advindas da passagem do tempo (estudos de geração)”. Entendemos se tratar de dois recortes – gênero e geração - relacionados à distribuição de poder e prestígio, na amplitude dos marcadores sociais da diferença. Se a dimensão de gênero é mais reconhecida como relevante marcador social, em conjunto com os marcadores de classe e raça/etnia, reconhecemos que os estudos de geração ainda se encontravam dispersos em investigações articuladoras com o gênero (Souza; Franch, 2012).

#### **4.3. Passagem pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - PPGSOC (2019-2021)**

Em breve passagem como colaborador pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (2019-2021), tive a oportunidade de ministrar, juntamente com a professora Angela Maria de Sousa Lima, a disciplina “Sociologia da Educação e das Juventudes”, que julgo ter sido uma experiência muito proveitosa para a compreensão do recorte geracional central da referida disciplina.

Não me considero, necessariamente, um “especialista” na sociologia das gerações, mas no meu percurso acadêmico entendi que categorias como “geração” e “idade” são sempre marcas sociais de grande relevância para a compreensão de uma multiplicidade de fenômenos sociais. Ao desenvolver pesquisa sobre o Programa Bolsa Família (Quadro 3 – item 12), coordenada por Silvana Mariano, da UEL, focamos na quebra do ciclo intergeracional da pobreza. Foi uma experiência muito importante para compreender o referido programa como estimulador de perspectivas futuras mais otimistas por partes de suas beneficiárias, sobre o destino das filhas e filhos, além dessas beneficiárias, de um modo geral se referirem si próprias a partir de uma autopercepção enquanto mulheres mais autônomas, mesmo em situação de pobreza, do que a geração de suas mães.

Nos anos mais recentes, por exemplo, tenho pesquisado o trágico fenômeno do feminicídio no Brasil. Sobre isso, cabe a observação feita pelo Monitor de Feminicídios no Brasil, do Laboratório de Estudos sobre Feminicídios (Lesfem), da Universidade Estadual de Londrina, de que “o ciclo de vida, dimensionado por faixas etárias, também incide na intensidade do risco a que as mulheres estão expostas à violência de gênero” (Mariano et al., 2024, p. 27). No Informe Feminicídios no Brasil 2023, do qual eu fiz parte da equipe de elaboração, apresentamos um gráfico com a distribuição etária das vítimas de feminicídios. Os dados revelam que as mulheres entre 25 e 36 anos constituem o grupo com a maior porcentagem, 28,8%. Nas faixas de idade abaixo dos 25, de modo agregado constaram 20,3% vítimas de feminicídio consumado. Agregando os dados das vítimas de feminicídio no Brasil, em 2023, de até 36 anos, concentram-se quase a metade (49,1%). Este é um dado bastante revelador do risco de extermínio de vida sofrido pelas mulheres mais jovens no Brasil.

No conjunto de atividades na UEL e com a UEL, a minha maior parceira de trocas intelectuais foi e continua sendo até o presente momento Silvana Mariano. De forma absolutamente generosa Silvana, por quem tenho muita admiração como socióloga, de formação sólida e visão crítica, há pelo menos 15 anos frequentemente vem me incluindo em seus projetos. Além do mais, tornou-se uma grande amiga. Participei de seu Grupo de Pesquisa Gênero e Políticas Públicas (GEPOL/UEL). Juntos produzimos diversas publicações acadêmicas, relatórios técnicos e participamos de organizações de eventos acadêmicos, com parcerias em coordenações em GTs e STs etc. Faço esta digressão para ressaltar o meu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pela Silvana e como agradecimento por tantas e enriquecedoras oportunidades oferecidas à minha trajetória profissional.

Fundado em 2022 e idealizado por Silvana Mariano (UEL), o Laboratório de Estudos de Feminicídios (Lesfem) é composto por uma rede de pesquisadoras e pesquisadores da UEL, Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O Lesfem objetiva contribuir com a construção de dados sobre crimes de feminicídios no Brasil. Na UFBA foi realizado o “I Simpósio Internacional sobre Feminicídios: Cenas, representações e (in)ação do Estado, entre os dias 22 e 24 de novembro de 2023” organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Nesta primeira edição, em parceria com o Lesfem, a professora Márcia Santana Tavares esteve à frente da organização a quem somaram-se uma equipe do PPGNEIM e Silvana Mariano. Em 2024, o Lesfem promoveu e organizou o II Simpósio sobre Feminicídios: reflexões sobre incidências e (in)visibilidades, entre 23 e 25 de outubro. Eu tive a oportunidade de participar das duas edições nas quais ministrei minicurso (I Simpósio, 2023), coordenei ST e Mesa Redonda, além de ter composto o Comitê Científico e a equipe de organização (II Simpósio, 2024).

Minha parceria com Silvana Mariano teve início em 2009 quando cheguei à UFU. Em maio de 2010 coordenamos juntos o evento “Gênero e Políticas Públicas”, na UFU. Com a ida de Silvana para a UEL ainda se manteve à frente do evento “Gênero e Políticas Públicas”, organizando outras edições das quais tive a oportunidade de participar dos III, IV e V Simpósio.

Finalizo o presente tópico com uma síntese da minha produção e publicações relativas aos Estudos de Gênero em conexão com a sociologia geracional, destacando fases específicas dos ciclos de vida como a infância, juventude e envelhecimento.

**Quadro 3: Produção e publicações em Estudos de Gênero articulados com a Sociologia Geracional e os temas da infância, juventude e envelhecimento.**

ID	Categoria	Descrição
1	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana. Percepções de cuidado e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças e permanências. <b>Mediações</b> (UEL), v.23, n.3, 2018.
2	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de.; FRANCH, Mónica. Condição e Trânsito? Articulando as Categorias Gênero e Geração. <b>Caderno Espaço Feminino</b> , v. 25, p. 1-10, 2012.
3	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de. O Desenvolvimento de Pesquisas com Crianças, Adolescentes e Jovens a partir de Temas Sensíveis. <b>Política &amp; Trabalho</b> (UFPB), v. 31, p. 127-141, 2009.
4	Organização de Dossiê Temático	FRANCH, Mónica; SOUZA, Márcio Ferreira de. Gênero e Gerações. <b>Caderno Espaço Feminino</b> . Uberlândia: EDUFU, 2012.
5	Trabalho completo publicado em Anais em eventos acadêmicos	FERREIRA, Lina Penati; MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. A pesquisa narrativa para estudos sobre mulheres em situação de pobreza. Florianópolis. <b>Anais do 19º Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , v. 1. p. 1-19, 2019.
6	Trabalho completo publicados em Anais em eventos acadêmicos	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de; FERREIRA, Lina Penati. Refletindo sobre autonomia feminina em contextos de pobreza urbana. Caxambú. <b>Anais do 42º Encontro Anual da Anpocs</b> , p. 1-29, 2018.

	<b>Trabalho completo publicados em Anais em eventos acadêmicos</b>	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de; FERREIRA, Lina Penati. Teorias sociais sobre agência: contribuições do feminismo negro e da abordagem das capacidades. Londrina. <i>Anais do V Simpósio Gênero e Políticas Públicas</i> , p. 1-15, 2018.
7	<b>Trabalho completo publicados em Anais em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana. Gênero, gerações e mudança de condição social entre as mulheres titulares do Programa Bolsa Família. <i>Anais do V Seminário Trabalho e Gênero &amp; III Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais</i> , v. 1., Uberlândia, 2014.
8	<b>Trabalho completo publicados em Anais em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana A. Percepções e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças ou permanências? <i>Anais do 17º Congresso Brasileiro de Sociologia</i> , Porto Alegre, 2015.
9	<b>Trabalho completo publicados em Anais em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana. Gênero, gerações e mudança de condição social entre as mulheres titulares do Programa Bolsa Família. <i>V Seminário Trabalho e Gênero &amp; III Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais</i> , Uberlândia, 2014.
10	<b>Trabalho Apresentado em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana A. Percepções e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças ou permanências? <i>17º Congresso Brasileiro de Sociologia</i> , Porto Alegre, 2015.
11	<b>Trabalho Apresentado em eventos acadêmicos</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana A. Percepções e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças ou permanências? <i>17º Congresso Brasileiro de Sociologia</i> , Porto Alegre, 2015.
12	<b>Pesquisa Acadêmica</b>	2015-2020 - Gênero e Interseccionalidades na questão do desenvolvimento: os desafios do Programa Bolsa Família para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza. Integrantes: MARIANO, Silvana (coordenação); SOUZA, Márcio Ferreira de (bolsista produtividade CNPq).; FERREIRA, Lina Penati. Universidade Estadual de Londrina. Financiamento: Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
13	<b>Pesquisa de Extensão</b>	2007-2008 - Diagnóstico da Situação da Infância, Adolescência e Juventude do Município de Capelinha, MG. 2008. Integrantes: Fazzi, Rita de Cássia; (coordenadora Geral); SOUZA, Márcio Ferreira de (coordenação de campo); MARINHO, Azula Marina Couto. CAMPOS, Sânia. Instituto da Criança e do Adolescente (ICA, PucMinas). Financiamento: Cifa for Children - ONG.
14	<b>Pesquisa de Extensão</b>	2008 - Diagnóstico da Situação da Infância, Adolescência e Juventude do Município de Sete Lagoas, MG. Integrantes: FAZZI, Rita de Cássia (coordenação geral); SOUZA, Márcio Ferreira de (coordenação de campo); MARINHO, Azula Marina Couto; CAMPOS, Sânia;

		PEREIRA, Henrique Willer de Castro; GAVILLANES, Hilda Alejandra. Instituto da Criança e do Adolescente (ICA, PucMinas). Financiamento: Secretaria Municipal de Justiça Social de Sete Lagoas.
15	Orientação (Graduação, Mestrado e Doutorado)	CORDERO, Sarah González. Análise das emoções e desafios de mães adolescentes em situação de pobreza: um estudo comparativo entre Uberlândia (Brasil) e Marañonal (Costa Rica). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
16	Orientação (Graduação, Mestrado e Doutorado)	BARBOSA, Zélide Kátia. A socialização da criança e do adolescente no Congado de Uberlândia: andanças dos ternos Marinheiro e Estrela Guia. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2016. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
17	Orientação (Graduação, Mestrado e Doutorado)	CRUZ, Ananda Fortunato da. Uma análise socioantropológica das emoções em <i>Amour</i> , de Michael Haneke. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2016. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
18	Orientação (Graduação, Mestrado e Doutorado)	PEREIRA, Wilson. A sociedade e o idoso numa perspectiva de vida dependente. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2017. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
19	Orientação (Graduação, Mestrado e Doutorado)	SANTOS, Kamilla Alves dos Santos. O Rejuvenescimento da Terceira Idade nos Dias Atuais: uma experiência na Unibiótica. Trabalho de Conclusão de Curso. <b>(Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2016. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
20	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	BITTAR, Michelle Cristine Pereira da Silva. Vítimas e Sentinelas: como os conselheiros tutelares concebem a violência doméstica contra crianças e adolescentes. (Orientação: Rafaela Cyrino). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
21	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	FERNANDES, Eduardo. Circuito Emo: práticas de juventudes e estudo do desvio. (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2018.
22	Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)	DINIZ, Renato Domingues. A família, a televisão e a constituição da criança em consumidor. (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
23	Participação em bancas avaliadoras	PEREIRA, Ana Paula Botão. Programas sociais para a Juventude: limites e possibilidades de uma individualização como experiência democrática.

	(Graduação, Mestrado e Doutorado)	(orientação: Silvana Mariano). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais -UEL)</b> , 2014.
24	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	CASTRO, Letícia Amaro. Participação em banca de Letícia Amaro de Castro. Mudanças no hábito de jantar pelo relato de pessoas idosas (Orientação: Mônica Chaves Abdala). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
25	<b>Participação em bancas avaliadoras (Graduação, Mestrado e Doutorado)</b>	ZANONI, Heitor Tavares. Identidade de Gênero e Filmes Infantis: um panorama sobre as novas perspectivas da construção das identidades de gênero em crianças. (orientação: Eliane Schmaltz Pereira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais – UFU)</b> , 2011.

## 5. Por vários caminhos sobre as desigualdades: gênero, masculinidades, a articulação gênero e sexualidade e políticas públicas

É muito alta a probabilidade de envolvimento ou algum investimento em estudos e pesquisas sobre as desigualdades quando passamos pelas Ciências Sociais. O fenômeno das desigualdades se revelou um tema clássico por excelência na área e está intrinsecamente articulado com a esfera da estratificação social. Meu contato com Neuma Aguiar foi fundamental para o envolvimento que tive com o tema da Estratificação Social e, consequente, das desigualdades. Além do meu trabalho em pesquisas desenvolvidas pelo Cepeqcs/UFGM, no doutorado cursei duas disciplinas relacionadas à estratificação social: “Teoria Política Contemporânea: política e estratificação social”, ministrada por Vera Alice Cardoso Silva, do DCP e “Estratificação Social e Desigualdades”, ministrada por Neuma Aguiar e Archibald Haller, do SOA.

A primeira disciplina teve como foco a análise das formas de organização da política e do Estado na contemporaneidade a partir de visões teóricas que, de acordo com o próprio Plano de Ensino elaborado pela professora Vera Alice Cardoso Silva (2001), “compartilham a tese segundo a qual as formas de participação política, de organização da ação coletiva e do próprio funcionamento do estado são crucialmente influenciados pelos padrões de inserção dos indivíduos e grupos em “lugares sociais” objetivamente determinados”. Neste sentido, tive acesso a teorias de inspiração neomarxista, estrutural-funcionalista e neo-institucionalistas que revelam as diferenças entre padrões historicamente conhecidos de estratificação social, que permitem a análise comparativa no estudo de sistemas políticos. Tive, por meio da referida disciplina, acesso a uma bibliografia bem eclética contendo autores como Jürgen Habermas (1984),

David Held (1984), Theda Skocpol (1985), Anthony Giddens (1987), Adam Przeworski (1989), Ronald Chilcote (1991), Paul DiMaggio & Walter Powell (1991), Stephen Edgel (1993), Samuel Huntington (1994), Erik Olin Wright (1997) entre outros.

A segunda disciplina referida, de abordagem mais propriamente sociológica foi trabalhada partindo da sociologia clássica até chegar a estudos modernos e contemporâneos sobre o tema. Para Haller (2000), as desigualdades são entendidas como estratificação social e o próprio conceito se refere às hierarquias de poder existentes em algum grau em todas as sociedades. A estratificação social se refere ao conjunto de estratos compostos por indivíduos ou por grupos de indivíduos, compondo uma hierarquia social. O professor Haller, em sala de aula, chamava-nos à atenção para as dificuldades de especificação de conceitos que abranjam os diferentes fenômenos de estratificação. Numa tentativa de síntese em artigo publicado na revista *Teoria e Sociedade* (Haller, 2000), ele destaca que a estratificação social resulta em quatro dimensões: o poder político, o poder econômico, o poder de prestígio e o poder de informação.

Teoricamente as desigualdades foram refletidas sob perspectivas analíticas diversificadas. Tomando como ponto de partida três grandes nomes da sociologia clássica, eis uma dimensão de grande relevância para as abordagens marxista, weberiana e durkheimiana. As três tradições de análise de classe relacional apresentam focos distintos: a tradição marxista ressalta as relações de produção; a tradição weberiana se efetiva por meio das relações de mercado (posições de classe) e a tradição durkheimiana se concentra nas ocupações (divisão do trabalho). Não é meu objetivo discorrer sobre as leituras acerca as análises de classes a partir das abordagens clássicas e das tradições neomarxista, neoweberiana e neodurkheimiana. Feito que cumpriu de modo competente Erik Olin Wright em sua coletânea *Análise de Classe: Abordagens* (Wright, 2015), aprofundando-se nos fundamentos de uma análise de classe neomarxista e, contando com a colaborações de Richard Breen, que aborda sobre os fundamentos de uma análise de classe neoweberiana e de Davis Grusky e Gabriela Galescu, que abordam sobre os fundamentos de uma análise de classe neodurkheimiana. No Brasil, José Alcides Figueiredo Santos apresenta uma contribuição sobre o tema no livro originário de sua tese de doutorado defendida no IUPERJ, *Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento, mudança e efeitos na renda* (Santos, 2002), a partir de uma sofisticada investigação empírica calcada na tradição marxista em análise de classe e com destaque para as contribuições de Erik Olin Wright.

Fiz referências às duas disciplinas que cursei no doutorado que versam sobre a estratificação, para destacar a formação teórica eclética que tive na UFMG e que me direcionou a leituras e estudos sobre a estratificação para além da dimensão de classes. Em minha trajetória

acadêmica não produzi reflexões mais específicas sobre estratificação de classes, a não ser de modo periférico. Na condição de professor de sociologia, porém, este tema aparece com frequência em meus planos de ensino. Ministrei por várias vezes, no curso de graduação em Ciências Sociais, as disciplinas Sociologia I, com foco em Durkheim; Sociologia III, com foco em Weber e, no âmbito da pós-graduação, a disciplina Teoria Sociológica Clássica, com foco na tríade Karl Marx<sup>15</sup>, Max Weber e Émile Durkheim<sup>16</sup>.

### **5.1. Desigualdades: um recorte de gênero**

O tema das desigualdades me apareceu a partir do recorte de gênero – as desigualdades de gênero -, desde o meu envolvimento em pesquisas na UFMG, como a pesquisa “Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida e Participação Política na Grande Belo Horizonte: Um Módulo Básico em Ciências Sociais para a Apreensão da Mudança por Análise Longitudinal” (2001-2003), coordenada por Neuma Aguiar. Trata-se de pesquisa por amostragem vinculada ao projeto internacional *Social Hubble* para análise comparativa das regiões metropolitanas de Chicago, Beijing, Cape Town e Varsóvia. Nesta pesquisa, além de ter tido a oportunidade de trabalhar juntamente com a equipe de coordenação de campo, supervisionando a aplicação de questionários, pude também, colaborar na própria construção do questionário – organizado por módulos que abarcavam os temas que constam em seu título, bem como outros como “religião”, “lazer” e “trabalho”.

Participei dos projetos de pesquisas sequenciais, como o de 2005: “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (Cepeqcs - UFMG). Uma pesquisa contínua, por amostragem com a finalidade de captar processos de mudança social na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Também desenvolvi trabalho de supervisão de campo e colaborações na construção do questionário. Entre 2008-2009 fiz parte de mais uma edição da “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (Cepeqcs - UFMG).

Ainda no Cepeqcs, UFMG, participei, em 2007, da pesquisa “A Categoria Profissional dos Médicos: Fatores condicionantes de sua atração

<sup>15</sup> Registro que desde que cheguei à UFU, em janeiro de 2009, nunca ministrei a disciplina Sociologia II (focada em Karl Marx), no âmbito da graduação, que sempre foi e continua sendo bastante “disputada” por uma parte do corpo docente. Meu posicionamento nunca foi o de disputa por disciplinas, embora eu tenha aquelas que, obviamente, me despertam mais interesse. A oportunidade de ministrar um componente curricular contendo a produção teórica marxista me surgiu, portanto apenas na pós-graduação.

<sup>16</sup> No tópico “outros temas variados”, descrevo sobre as disciplinas que ministrei na UFU e em outras instituições.

e fixação no Modelo de Atenção Primária à Saúde: um Estudo em Minas Gerais". Esta pesquisa foi desenvolvida pelo Observatório de Recursos Humanos em Saúde, sob a coordenação de Ignez Helena Oliva Perpétuo, graduada em Medicina e pós-graduada em Demografia, pela UFMG. O objetivo geral foi o de "descrever e analisar os fatores determinantes da atração e fixação do médico que atua na atenção primária à saúde em MG, comparando o profissional inserido no modelo de Saúde da Família com o do modelo de atenção convencional" (Projeto aprovado pelo EDITAL FAPEMIG No 005/2006). No âmbito do Cepeqcs colaboramos no levantamento de dados sobre motivos de fixação e/ou repulsão do profissional médico na Atenção Primária à Saúde - Programa de Saúde da Família (PSF) ou convencional, colaborando com a supervisão metodológica, participação na elaboração do pré-teste, com treinamento da equipe de campo e a elaboração de questionário.

O meu interesse pela abordagem da estratificação de gênero foi despertado, evidentemente, por Neuma Aguiar que constatou que a maioria dos estudos existentes sobre a estratificação priorizam o mercado de trabalho em relação a sua abertura e fechamento. Em texto publicado no início do presente século Aguiar argumentou que somente em períodos recentes é que se tem em conta que o fechamento do mercado de trabalho decorre dos "processos discriminatórios que limitam a escolha dos integrantes deste mercado, pela introdução das dimensões de gênero e de raça nos estudos de estratificação e de mobilidade social" (Aguiar, 2001: 20). Além dos próprios estudos e pesquisas desenvolvidos por Neuma, autoras como Rosemary Crompton (1986) e Sylvia Walby (1997), que teorizaram sobre o gênero e a estratificação, foram inicialmente aquelas que me despertaram o interesse para o tema. Walby, por exemplo, questiona se a posição de classe de um profissional seria afetada por seu gênero e se as distinções existentes entre as ocupações seriam apropriadas para determinar a distinção entre as mulheres trabalhadoras.

## **5.2. Gênero e políticas públicas**

Outra pesquisa na seara das desigualdades sociais, aqui mais especificamente nas desigualdades de gênero e políticas públicas, foi desenvolvida entre 2015-2019: "Gênero e Interseccionalidades na questão do desenvolvimento: os desafios do Programa Bolsa Família para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza". Esta pesquisa foi coordenada por Silvana Mariano. No tópico sobre os estudos de gêneros e geração fiz referência a esta pesquisa com o intuito de destacar a articulação entre estudos de gênero e gerações. Desenvolvemos um estudo comparativo entre diferentes gerações de titulares do Programa, com o intuito de identificar

as possibilidades e os obstáculos para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza e seus marcadores de gênero, em intersecção com outros marcadores de desigualdades sociais. A coleta de dados foi de caráter qualitativa, as beneficiárias do Programa, considerando as cinco regiões do país (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste), nas seguintes capitais: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Salvador e São Paulo. Utilizamos como principal instrumento para a produção dos dados qualitativos os grupos focais, com titulares e beneficiárias do Programa, organizados por grupos de idade. Em complemento, lançamos mão dos dados macrossociais nacionais, secundários, para as análises acerca das correlações entre escolaridade e renda, no contexto brasileiro contemporâneo<sup>17</sup>.

Acrescento aqui o capítulo de livro produzido em parceria com Silvana Mariano e publicado originalmente em inglês na coletânea *Gender and Conditional Cash Transfers: Interdisciplinary Perspectives from Studies of Bolsa Família* organizada por Teresa Sacchet, Silvana Mariano e Cássia Maria Carloto. Trata-se do texto "Gender and Autonomy of Women in Poverty: An Investigation into the Bolsa Família Program". Nele, discutimos sobre o tema da autonomia de mulheres em situação de pobreza em relação à sua participação em programas de transferência condicionada de renda. Um tema de interesse para a agenda de pesquisa feminista por explicitar os diferentes modos de interação entre mulheres e Estado. Por meio de pesquisa empírica com mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, incluindo entrevistas realizadas em três municípios do estado do Paraná, no sul do país estabelecemos como objetivos de análise: (i) compreender as percepções das mulheres sobre os conceitos políticos de direitos e cidadania, a fim de descobrir (item 3 – Quadro 4) como elas interpretam sua relação com o Estado, seu acesso a políticas públicas e seu papel nesse processo; (ii) avaliar a autonomia dessas mulheres em áreas relacionadas à sua própria individualização. Comparamos dois grupos de respondentes, divididos pelo tempo mediano de participação no programa Bolsa Família, a fim de testar a possibilidade de o programa influenciar as percepções e práticas das mulheres pesquisadas. Por fim, também consideramos aspectos relacionados à liberdade e à capacidade decisória das mulheres. Com base em nossos resultados, constatamos que a participação no programa não tem impactos significativos nos aspectos analisados, especialmente no que se refere aos tipos de liberdade que implicam a individualização feminina (Mariano, Souza, 2020).

---

<sup>17</sup> Informações extraídas do Projeto de Pesquisa coordenado por Silvana Mariano.

Em relação aos itens 10 a 23 listados no Quadro 4 - Artigos, Resenhas e textos de Apresentação -, não discorro individualmente sobre cada um deles. Destaco, portanto, alguns que julgo mais relevantes, considerando aspectos mais originais e o veículo em que foi publicado. O artigo “Metodologia e ética feministas em pesquisa social com mulheres em situação de pobreza” (Mariano; Ferreira; Souza, 2022) foi publicado na Revista Pesquisa Qualitativa e resultou das pesquisas sobre o Programa Bolsa Família, desenvolvidas com Silvana Mariano. Nele “sistematizamos e defendemos uma visão sobre as responsabilidades científicas e políticas envolvidas na pesquisa feminista e propomos o processo de entrevistas narrativas como metodologia propícia para essa perspectiva”. Neste sentido, realçamos a pertinência e a relevância da “ética feminista”, a partir de critérios técnicos e políticos. Para tanto partimos da “exposição reflexiva da experiência de uma pesquisa qualitativa desenvolvida com mulheres em situação de pobreza para investigar autonomia feminina e desafios para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza”. A pesquisa, descrita no tópico anterior e listada no Quadro 4 (item 24), contou com a participação de noventa e sete mulheres titulares do Programa Bolsa Família. Em nossos argumentos, consideramos que “a entrevista narrativa, com perspectiva feminista, contribui para pesquisas qualitativas preocupadas com a qualidade da pesquisa e com as responsabilidades éticas das investigadoras” (Mariano; Ferreira; Penati, 2022, p. 192).

No artigo “Tecendo fios entre interseccionalidade, agência e capacidades na teoria sociológica” (Souza; Mariano; Ferreira; 2021), destacamos que o pensamento crítico feminista voltado aos estudos sociais e considerando a ênfase na categoria gênero, possibilita uma compreensão mais adequada do mundo social. Destacamos que o feminismo, de abordagem interseccional, “tem demonstrado como gênero, articulado a outras categorias, como raça, classe, sexualidade, geração e localidade, pode auxiliar em análises mais complexas dos fenômenos sociais” (Souza; Mariano; Ferreira, 2021, p. 423). Visamos mobilizar a abordagem interseccional (Akotirene, 2019; Collins, 2019; Crenshaw, 2002; hooks, 2015) com o intuito de “revisar as noções de agência e de capacidades” (Giddens, 2009; Nussbaum, 2002; Sen, 1993), com vistas a fornecer uma base sociológica analítica da “constituição de sujeitos autônomos”. Em suma, além de destacar as contribuições da abordagem interseccional, “reelaboramos as noções de agência e de capacidades, tecendo combinações entre os fundadores e as fundadoras desses conceitos com representantes da abordagem interseccional” (Souza; Mariano; Ferreira, 2021, p. 423).

Ainda a partir de pesquisas sobre o Programa Bolsa Família, publicamos, na Revista Em Pauta, o artigo “Autonomia feminina e concepções de direito entre mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família” (Mariano, Souza, 2019). Nossa base teórica, entre outras, também

esteve calcada em Amartya Sen (2008) e Martha Nussbaum (2002). Nele percorremos o tema da autonomia feminina, com o objetivo de compreender a percepção de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a respeito de concepções políticas como direito e cidadania. Inferimos o modo como elas interpretam a relação com o Estado, o acesso às políticas públicas e o seu agenciamento nesse processo, buscando “captar e dimensionar a autonomia dessas mulheres para a tomada de decisões no espaço doméstico e em aspectos relativos à individualização feminina, tanto no contexto das relações familiares como das relações sociais mais amplas”. As análises, que resultaram de estudos de caso realizados em Curitiba (Paraná) e Fortaleza (Ceará), no ano de 2013, foram mobilizadas a partir de uma amostragem composta por cento e noventa entrevistas, sendo noventa e cinco em cada município (Mariano; Souza, 2019).

Para a Revista Brasileira de Ciência Política, produzimos o artigo “Conciliação e tensões entre trabalho e família para mulheres titulares do Programa Bolsa Família” (Mariano; Souza, 2015). Valemo-nos das análises de Esping-Andersen (1991), voltadas à interação entre Estado e mercado, “como critério para a distinção entre as três economias do *Welfare State*”. Na referida leitura, a “desmercadorização” - a oferta de bens e serviços pelo Estado, em substituição ao mercado -, é um princípio central para a análise da proteção social. Operacionalizando com os pares Estado e mercado, recorremos a outras referências com o objetivo de discutir sobre a questão social, a justiça e o desenvolvimento econômico e humano, a saber: Habermas (1987), Oliveira (1988), Castel (1998) e Rawls (2002). No artigo interrogamos sobre as condições que mulheres titulares do Programa Bolsa Família (PBF) enfrentam para a conciliação entre trabalho remunerado e cuidados familiares e sobre os obstáculos para essa conciliação e os possíveis impactos positivos e negativos para a situação delas, com vistas à redução das desigualdades de gênero. Utilizamos a mesma base empírica que resultou no artigo descrito no parágrafo supracitado. Os dados apontaram para dificuldades para o compartilhamento de tarefas de cuidados domésticos com outros membros familiares e o aumento das responsabilidades em decorrência das condicionalidades do PBF (Mariano, Souza, 2015).

No Quadro 4 (itens 24 a 28) destaco participações em pesquisas orientadas pelo tema geral das desigualdades sociais, com atenção para as desigualdades de gênero e políticas públicas.

### **5.3. Desigualdades de Gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas**

No período da minha inserção no doutorado, na UFMG, e com a minha entrada na UFU, realizei uma série de publicações como

organizações de livros (Quadro 4 – itens 1 e 2), capítulos de livros (Quadro 4 – itens 3 a 6) e organizações de dossiês temáticos (Quadro 4 – itens 7 a 9), além de artigos acadêmicos, resenhas e outros (Quadro 4 – itens 10 e 23).

Organizei o livro *Desigualdades de Gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas*, lançado em 2010 e que obteve uma segunda tiragem em 2012. Nele, além de dois textos de minha autoria – a apresentação “Por que as desigualdades de gênero no Brasil?” e o capítulo “Transição de valores e a perspectiva sobre o ‘novo homem’” – contei com a participação de catorze pesquisadoras/es de diferentes instituições brasileiras. Este trabalho foi dividido em quatro partes: a primeira delas está focada mais especificamente no campo da ciência política, com abordagens sobre participação política e cidadania, reunindo três textos - “Ideias Modernas e Comportamentos Tradicionais: a persistência das desigualdades de gênero no Brasil”, assinado por Solange Simões (UMICH) e Marlise Matos (UFMG); “Cidadania sexuada feminina: a inclusão das mulheres na Política de Assistência Social”, de autoria de Silvana Aparecida Mariano (UEL) e ‘Perfil político e participação política da mulher no Brasil: uma análise de dados empíricos”, de Paulo Magalhães Araújo (UFES)<sup>18</sup>. Na segunda parte destacam-se textos calcados no eixo da violência, a saber: “Patriarcado e Gênero na análise sociológica: do fenômeno da violência conjugal/gênero”, escrito por Hilda Alejandra Gavilanes e Neuma Aguiar (UFMG); ‘Entre Fios e Tramas: a ampliação da violência denunciada”, de Eliane Schmaltz Ferreira (UFU)<sup>19</sup>. A terceira parte agrupa três capítulos focados na relação entre Gênero, Trabalho, Ocupações e Subjetividades e contou com colaborações de Maria Lúcia Vannuchi<sup>20</sup> - UFU (“Gênero, Trabalho e Subjetividade: relações de poder para além de fronteiras ocupacionais e territoriais”); de Maria da Luz Alves Ferreira – Unimontes (“Desigualdades de Rendimento por Gênero na RMBH e no Município de Montes Claros” e de Silvana Maria Bitencourt - UFMT (“As relações de gênero na engenharia: diálogos num campo de poder/saber masculino”. Por

---

<sup>18</sup> Paulo Magalhães Araújo merece uma nota especial de agradecimento. É um grande amigo e figura importante em minha trajetória. Somos contemporâneos nas etapas de realização do Mestrado e do Doutorado na UFMG. Ele atuando na área da Ciência Política e eu na Sociologia.

<sup>19</sup> Quando cheguei à UFU em 2009, me senti muito bem acolhido por todo o corpo docente do INCIS. Eliane Schmaltz, porém, me ofereceu um acolhimento muito imediato e afetuoso. Foi por intermédio dela que me vinculei ao Neguem/UFU, também participamos juntos do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero, Relações Sociais, Representações e Subjetividades (GEPEGRES). Eliane sempre me incluiu de algum modo em seus projetos: foram vários convites para participações em bancas de TCC e de Mestrado de suas e seus orientandos, demonstrando, com isso, uma confiança em meu trabalho, assim como ela sempre generosamente aceitou os meus convites para avaliação das minhas/meus orientandas/os. Além do mais, após sua aposentadoria, tenho a imensa alegria de tê-la como vizinha.

<sup>20</sup> Malu Vannuchi tornou-se outra grande parceira no INCIS. Dividimos a disciplina optativa “O Gênero como Categoria de Análise Social”; estudos e pesquisas no Neguem/UFU e no GEPEGRES/UFU; colaborações em produções de textos; parcerias em bancas de avaliações. Sobretudo, compartilhamos uma amizade construída e solidificada há três lustros.

fim, a quarta parte do livro apresenta quatro capítulos dedicados ao Gênero e Gerações na vida contemporânea, contendo os seguintes textos: “Três Histórias – Tempo, juventude e gênero em contextos de exclusão social”, de Mónica Franch (UFPB); “Envelhecimento, masculinidade e a imprensa esportiva: o caso da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1974”, de Leonardo Turchi Pacheco; “Entre gênero e gerações: a fala de crianças educadas por avós e avôs”, de Rosa Maria da Exaltação Coutrim (UFOP) e, por fim, o já citado texto de minha autoria “Transição de valores e a perspectiva sobre o ‘novo homem’ ”. Os capítulos dos livros receberam apoios de agências de fomento - CAPES, CNPq e FAPEMIG – além de apoios institucionais do Cepeqcs/UFMG, Nepem/UFMG, Neguem/UFU, Nupecs/UFU.

“Mulheres Trabalhadoras: (in) visíveis?”, lançado em 2016, é o título de outro livro que colaborei na organização. Desta vez em parceria com as colegas Patrícia Vieira Trópia (UFU)<sup>21</sup>, Tânia Ludmila Dias Tosta (UFG), Eliane Gonçalves (UFG) e Maria Lúcia Vannuchi (UFU). Esta coletânea, composta por dez textos: nove deles resultaram de sessões temáticas do V Seminário Trabalho e Gênero, “Teorias, Pesquisas e Práticas Sociais”, realizado na Universidade Federal de Uberlândia de 19 a 21 de novembro de 2014 e mais um capítulo assinado pelas organizadoras e organizador da coletânea, intitulado “Feminismos, trabalho e ação coletiva: teorias, pesquisas e práticas sociais”. Neste último, destacamos “o modo vivo e múltiplo como o feminismo se expressa hoje no Brasil” e procuramos “dar visibilidade aos olhares das/dos pesquisadoras/es sobre trabalho e gênero e sindicalismo no País” (Trópia et al., 2016, p. 17). A tônica está centrada nas dimensões do trabalho e do gênero, como duas esferas das mais relevantes para a pesquisa social, que refletidas em interseção, permitem análises ainda mais fecundas que possibilitam uma melhor compreensão sobre as desigualdades de gênero.

#### **5.4. Gênero e Sexualidade**

Sobre o tópico “Gênero e Sexualidade” organizei três dossiês para o periódico Caderno Espaço Feminino, da UFU. O mais recente, editado em 2023, é o Dossiê: “Teoria(s) queer/ transviadas: gênero, sexualidade e política”, organizado em parceria com três historiadores: Carla Miucci Ferraresi Barros, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História (PPGHI/UFU), Fabrício Marçal Vilela, mestre em História Social pelo PPGHI/UFU e Daniel Henrique de Oliveira Silva, então vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do

---

<sup>21</sup> Um agradecimento muito especial à Patrícia Vieira Trópia, colega, amiga, grande apoiadora. Nossa entrada no Incis deu-se no mesmo 22 de janeiro de 2009. Desde então, dela só recebi grandes estímulos em minha jornada pela UFU.

Rio de Janeiro e, atualmente, Professor Adjunto na Universidade Estadual do Ceará (UECE). No referido dossiê reunimos publicações resultantes de pesquisas teóricas e/ou empíricas que trazem reflexões os “saberes e poderes acerca dos (trans)gêneros e das (trans)sexualidades”. Os textos dialogam com as perspectivas teóricas dos estudos queer, em suas múltiplas abordagens. Conforme destacamos no texto de apresentação (Barros; Vilela; Silva; Souza: 2023, p. 7), são textos se configuram em

Análises críticas acerca da constituição de espaços, discursos, linguagens e do aparato constituinte das tecnologias sociais de gênero cisheteronormativas - que engendram as performatividades de gênero e normatizam as sexualidades -, mas também aqueles que dizem respeito aos campos de ação das práticas contrasexuais e contra-hegemônicas, que apontam para outras dinâmicas de ser e estar no mundo, marcam as rupturas e as subversões, e que identificam as práticas de insurgências micropolíticas de dissidentes de gênero.

O dossiê “Gênero e Sexualidade: masculinidades, relações homoafetivas masculinas, mulheres, transexuais e travestis”, foi publicado em 2018. Para compô-lo foram selecionados artigos cujas abordagens enfatizam os temas das masculinidades e relações homoafetivas masculinas, mulheres, transexuais e travestis. As abordagens são variadas, resultando em reflexões, muitas delas a partir de pesquisas empíricas, calcadas em leituras interdisciplinares, permitindo o diálogo entre as múltiplas áreas das ciências humanas, em geral com o campo da saúde. Reconheço que “refletir sobre a categoria gênero implica pensá-la em termos relacionais - intra e intergênero. A interconexão com o campo da sexualidade, por sua vez, permite uma compreensão das problemáticas a respeito das orientações sexuais, das identidades sexuais e de gênero, dentre outras possibilidades (Giuliani, Guerra, Souza, 2018, p. 9).

Outro dossiê, publicado em 2015, foi organizado em parceria com Rafaela Cyrino (atualmente na UFSJ) e intitula-se “Usos acríticos do Gênero”. Mobilizados pelo “neoconservadorismo moralizante”, traduzido na suposta existência de uma “ideologia de gênero”, que passa a ganhar mais espaço, sobretudo as mobilizações de 2013 no país, propusemos “refletir sobre alguns dilemas enfrentados pela crítica feminista na contemporaneidade”, assim como objetivamos investigar como a categoria gênero, “em diferentes meios discursivos”, passa a ser utilizada com propósitos conservadores, “a partir de um viés binário, redutor, essencialista, tecnicista e acrítico” (Souza, Cyrino, 2015, p. 6). No referido dossiê reunimos sete artigos de viés crítico de autoras do Brasil e do exterior.

Entre os itens 34 a 42 (Quadro 4), constam meus trabalhos de supervisão de pós-doutorado<sup>22</sup> e orientações de TCC, dissertações e teses sobre as temáticas relatadas no presente tópico. A partir dos títulos dos referidos trabalhos é possível observar que tenho acompanhado a dinâmica de pesquisa no âmbito da UFU e fora dele - considerando trabalhos de coorientação de dissertação e de tese na UEL – sob as perspectivas de gênero.

Por fim, nos itens 42 a 97, do Quadro 4, encontram-se registradas minhas participações em bancas de TCC, exames de qualificações, dissertações e teses que versaram sobre as desigualdades sociais, desigualdades de gênero/sexualidade e políticas públicas. Até o momento foram mais de 50 participações, somente neste tópico. Além de bancas realizadas na UFU, participei, também de bancas em outras instituições, como a UFMG, UNIMONTES e UEL.

### **5.5. Grupos de Estudos e Pesquisas**

Na UFU sou membro co-fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero, Relações Sociais, Representações e Subjetividades (GEPEGRES), formado em 2012, com registro no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes e, atualmente, liderado por Maria Lúcia Vannuchi. Nele estou vinculado à linha de pesquisa “Gênero, temporalidade e emoções”.

Além do GEPEGRES faço parte do Neguem (Núcleo de Estudos de Gênero)<sup>23</sup>, desde 2010. Sua criação deu-se em 1992, vinculado ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) do INHIS/UFU. Foi neste grupo que encontrei grande acolhimento de suas e seus participantes. Tenho a honra de fazer parte deste histórico grupo, que é uma fonte de produção de conhecimento e vivências, voltado às “múltiplas experiências e pesquisas de gênero”. O Neguem edita a revista acadêmica *Caderno Espaço Feminino*, da qual participo do Conselho Editorial, desde 2012.

---

<sup>22</sup> Entre 2013 e 2015 tive a honra de supervisionar a pesquisa de Pós-Doutorado de Rafaela Cyrino sobre os usos normativos do gênero. Rafaela demonstrou-se uma dedicada e competente pesquisadora. Tornamo-nos, posteriormente, colegas de trabalho e amigos. À Rafaela deixo um registro sincero de agradecimento pelas parcerias acadêmicas estabelecidas e por muito mais.

<sup>23</sup> O Neguem conta, atualmente, com as presenças de Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro (Coordenadora - INHIS/UFU); Dulcina Tereza Bonati Borges (Coordenadora); Carla Denari Giuliani; Clarissa Borges; Claudia Guerra; Eliane Schmaltz Ferreira; Fabrício Vilela; Fernanda Cássia dos Santos; Jane de Fátima Silva Rodrigues; Jorgetânia da Silva Ferreira; Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior; Maria Lucia Vannuchi e Mônica Chaves Abdala, entre outras/os docentes e discentes. Faço minha reverência à Profa. Vera Lúcia Puga (INHIS), pelo seu importante papel histórico como uma das fundadoras do Neguem. Um aparte sobre Mônica Abdala, para além do Neguem: dedicada colega e amiga que é uma das nossas referências e “consultora” em assuntos de gastronomia, além de ser grande figura de autoridade no campo de estudos sobre alimentação sob a perspectiva das Ciências Sociais.

Os dois espaços foram e continuam sendo muito enriquecedores para minha formação contínua no campo de estudos sobre gênero.

**Quadro 4: Produção e publicações em Desigualdades de gênero, masculinidades, a articulação gênero e sexualidade e políticas públicas.**

ID	Categoria	Descrição
1	Livro organizado	SOUZA, Márcio Ferreira de (org.). <b>Desigualdades de Gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas.</b> Belo Horizonte: Argvmentvm, 1ª. Edição (primeira tiragem), 2010. 308 p. SOUZA, Márcio Ferreira de (org.). <b>Desigualdades de Gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas.</b> Belo Horizonte: Fino Traço, 1ª. Edição (segunda tiragem), 2012. 308 p.
2	Livro organizado	TRÓPIA, Patrícia V.; TOSTA, Tânia L. D.; GONCALVES, Eliane; VANNUCHI, Maria Lúcia; SOUZA, Márcio Ferreira de. (Orgs.). <b>Mulheres Trabalhadoras: (in) visíveis?</b> 1. ed., Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. v. 1. 208 p.
3	Capítulo de livro	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. Gender and Autonomy of Women in Poverty: An Investigation into the Bolsa Família Program. In: SACCHET, Teresa Sacchet; MARIANO, Silvana; CARLOTO, Cássia Maria (Org.). <b>Women, Gender and Conditional Cash Transfers: Interdisciplinary Perspectives from Studies of Bolsa Família.</b> 1ed. Nova York: Routledge, 2020, p. 108-135.
4	Capítulo de livro	GONCALVES, Eliane; TRÓPIA, Patrícia V.; VANNUCHI, Maria Lúcia; SOUZA, Márcio Ferreira de.; TOSTA, Tânia L. D. Feminismos, trabalho e ação coletiva: teorias, pesquisas e práticas sociais. In: TRÓPIA, Patrícia V.; TOSTA, Tânia L. D.; GONCALVES, Eliane; VANNUCHI, Maria Lúcia; SOUZA, Márcio Ferreira de. (Orgs.). <b>Mulheres Trabalhadoras: (in) visíveis?</b> 1. ed., Belo Horizonte: Fino Traço, v. 1, p. 19-38, 2016.
5	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. Por que as desigualdades de gênero no Brasil? In: SOUZA, Márcio Ferreira de. (Org.). <b>Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas.</b> Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010, p. 7-13.
6	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. Transição de valores e a perspectiva sobre o "novo homem". In: SOUZA, Márcio Ferreira de. (Org.). <b>Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas.</b> Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010, p. 239-265.
7	Organização de Dossiê Temático	BARROS, Carla Miucci Ferraresi de; SILVA, Daniel Henrique de Oliveira; VILELA, Fabrício Marçal; SOUZA, Márcio Ferreira de. <b>Dossiê: Teoria(s) queer/</b>

		<b>transviadas: gênero, sexualidade e política.</b> Caderno Espaço Feminino (UFU), v. 36, p. 4-13, 2023, 321 p.
8	<b>Organização de Dossiê Temático</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. <b>Dossiê: Gênero e Sexualidade: masculinidades, relações homoafetivas masculinas, mulheres, transexuais e travestis.</b> Caderno Espaço Feminino (Online), v. 31, n. 2, 2018, 513 p.
9	<b>Organização de Dossiê Temático</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; CYRINO, Rafaela (orgs.). <b>Dossiê: Usos acríticos do Gênero.</b> Caderno Espaço Feminino (Online), v. 28, 2015, 320 p.
10	<b>Texto de Apresentação de Dossiê</b>	BARROS, Carla Miucci Ferraresi de; SILVA, Daniel Henrique de Oliveira; VILELA, Fabrício Marçal; SOUZA, Márcio Ferreira de. Apresentação do <b>Dossiê Teoria(s) queer/ transviadas: gênero, sexualidade e política.</b> Caderno Espaço Feminino (UFU), v. 36, p. 4-13, 2023.
11	<b>Artigo</b>	MARIANO, Silvana; FERREIRA, Lina Penati; SOUZA, Márcio Ferreira de. Metodologia e ética feministas em pesquisa social com mulheres em situação de pobreza. <b>Revista Pesquisa Qualitativa</b> , v. 10, p. 192-212, 2022.
12	<b>Artigo</b>	SOUZA, Marcio Ferreira de; MARIANO, Silvana; FERREIRA, Lina Penati. Tecendo fios entre interseccionalidade, agência e capacidades na teoria sociológica. <b>Civitas</b> (Porto Alegre), v. 21, p. 423-433, 2021.
13	<b>Resenha</b>	SOUZA, Marcio Ferreira de. Cintura Fina: da correnteza ao remanso. Resenha do livro: MORANDO. Luís. Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020, 340. <b>ArtCultura</b> (UFU), v. 23, p. 291-296, 2021.
14	<b>Entrevista</b>	MACHADO, Lia Zanotta; PASTANA, Debora Regina; SOUZA, Márcio Ferreira de. Entrevista de Lia Zanotta Machado. <b>Caderno Espaço Feminino</b> , v. 33, p. 10-54, 2020.
15	<b>Artigo</b>	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira. Autonomia feminina e concepções de direito entre mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família. <b>Revista Em Pauta</b> , v. 17, p. 165-180, 2019.
16	<b>Texto de Apresentação de Dossiê</b>	GIULIANI, Carla Denari; GUERRA, Cláudia Costa; SOUZA, Márcio Ferreira de. Apresentação dos Dossiês “Gênero, Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos” e “Gênero e Sexualidade”. <b>Caderno Espaço Feminino</b> , Volume 31, no. 2, p. 1-11, 2018.
17	<b>Artigo</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Teoria feminista de gênero no Brasil: apontamentos sobre um debate. <b>Teoria e Cultura</b> (UFJF), v. 11, p. 103-110, 2016.
18	<b>Artigo</b>	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. Conciliação e tensões entre trabalho e família para mulheres titulares do Programa Bolsa Família. <b>Revista Brasileira de Ciência Política</b> , v. 3, p. 147-177, 2015.

19	<b>Texto de Apresentação de Dossiê</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de; CYRINO, Rafaela. Apresentação do Dossiê “Usos Acríticos do Gênero”. <b>Caderno Espaço Feminino</b> (Online), v. 28, p. 1-11, 2015.
20	<b>Texto de Apresentação de Dossiê</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Múltiplas Representações Sobre a Dimensão de Gênero: articulações com os temas de saúde, trabalho e outras possibilidades. <b>Caderno Espaço Feminino</b> (Online), v. 24, p. 7-13, 2011.
21	<b>Resenha</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Resenha do livro: HIRATA, Helena et al. (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. <b>Caderno Espaço Feminino</b> (Online), v. 24, p. 253-258, 2011.
22	<b>Resenha</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Resenha dos livros: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. Desigualdade e desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira. <b>Estudos em Avaliação Educacional</b> (Online), v. 21, p. 407, 2010.
23	<b>Artigo</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. As Análises de Gênero e a Formação do Campo de Estudos Sobre a(s) Masculinidade(s). <b>Revista Mediações</b> (UEL), v. 14, p. 123-144, 2009.
24	<b>Participação em evento acadêmico</b>	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. Concepções de direito e cidadania, formas de liberdade e capacidade de decisão entre mulheres em situação de pobreza (apresentação de trabalho). Belo Horizonte: 10º. <b>Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP)</b> . 30 de agosto a 02 de setembro de 2016.
25	<b>Participação em evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de; MARIANO, Silvana. Coordenação do GT “Teorias Feministas”. Londrina: IV Simpósio Gênero e Políticas Públicas. 08 a 10 de junho de 2016.
26	<b>Participação em evento acadêmico</b>	VANNUCHI, Maria Lúcia; SOUZA, Márcio Ferreira et al. Nas trilhas da Interseccionalidade de Gênero, Trabalho e Representações Sociais”. <b>Primer Congreso Internacional sobre Género y Espacio</b> . UNAM: 14 a 17 de abril de 2015.
27	<b>Participação em evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de; MARIANO, Silvana. Coordenação do GT “Teorias Feministas”. Londrina: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. 27 a 29 de maio de 2014.
28	<b>Participação em evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Filme “Incêndios” (Incendies, Canadá-França, 2010). <b>Seminário História, Cinema, Estudos Feministas em Movimento – Mostra de Filmes e Debates Interdisciplinares</b> . Uberlândia, 05 a 08 de março de 2013.
29	<b>Pesquisa</b>	2015-2019 - Gênero e Interseccionalidades na questão do desenvolvimento: os desafios do Programa Bolsa Família para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza. Integrantes: MARIANO, Silvana (coordenação); SOUZA, Márcio Ferreira de (bolsista produtividade CNPq).; FERREIRA, Lina Penati. Universidade Estadual de

		Londrina. Financiamento: Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
30	Pesquisa	2008-2009 - “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (Cepeqcs - UFMG). Integrantes: Neuma Aguiar (coordenação); Solange Simões, Márcio Ferreira de Souza, Maria Aparecida Machado Pereira, Antônio Augusto Pereira Prates. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
31	Pesquisa	2007 – 2007 – “Pesquisa Atração e Retenção dos Médicos da Atenção Básica à Saúde em Minas Gerais”. Integrantes: Ignez Perpétuo (coordenadora). Integrantes no âmbito do Cepeqcs: Maria Aparecida Machado Pereira (supervisão metodológica), Márcio Ferreira de Souza e Ângela Coutinho.
32	Pesquisa	2005 - “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (Cepeqcs - UFMG). Integrantes: Neuma Aguiar (coordenação), Solange Simões e Maria Aparecida Machado Pereira, Márcio Ferreira de Souza. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
33	Pesquisa	2001-2003 – “Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida e Participação política na Grande Belo Horizonte: Um Módulo Básico em Ciências Sociais para a Apreensão da Mudança por Análise Longitudinal”. Integrantes: Neuma Aguiar e Solange Simões (coordenação), Maria Aparecida Machado Pereira, David Featherman, Márcio Ferreira de Souza (integrantes). Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais Ford Foundation; Tinker Foundation e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
34	Supervisão de Pós-Doutorado	DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. Usos Normativos do Gênero. <b>Pós-Doutorado (PPGCS/UFU)</b> . Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, 2013-2015. Supervisão: Márcio Ferreira de Souza.
35	Orientação de TCC, dissertação e tese	OLIVEIRA, Maria Júlia Silva. Violência de gênero contra mulheres candidatas de alto escalão em eleições: uma análise do período 2015-2023. <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Orientação: Márcio Ferreira de Souza.
36	Orientação de TCC, dissertação e tese	PIO, Lorena Ingred Moreira Pio. Chefia familiar feminina e pobreza: os desafios enfrentados pelas beneficiárias do Programa Bolsa Família. <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Estadual de Londrina, 2022. Orientadora: Silvana Mariano; Coorientador: Márcio Ferreira de Souza.
37	Orientação de TCC,	MOLARI, Beatriz. Imagens de Mulheres na Publicidade Brasileira: O que pensam as e os profissionais de

	dissertação e tese	criação. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, 2020. Orientadora: Silvana Mariano; Coorientador: Márcio Ferreira de Souza.
38	Orientação de TCC, dissertação e tese	RAFAEL, Breno. A Crítica LGBT: elementos para uma prática pedagógica materialista e queer. Iniciação Científica. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Orientador: Márcio Ferreira de Souza.
39	Orientação de TCC, dissertação e tese	SILVA, Maria Laura Pacheco da Silva. Marias que ocupam espaços: uma análise da trajetória acadêmica de mulheres negras na cidade de Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2016. Orientador: Márcio Ferreira de Souza.
40	Orientação de TCC, dissertação e tese	PEIXOTO, Maria Denize Santos Peixoto. Estudantes Guineenses na Universidade Federal de Uberlândia: sociabilidade e identificações em terras do além-mar. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Orientador: Márcio Ferreira de Souza.
41	Orientação de TCC, dissertação e tese	MACEDO, Mirian Rosa. Gênero e sexualidade sob a perspectiva da disciplina de sociologia no ensino médio da rede pública de Uberlândia - MG. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Orientador: Márcio Ferreira de Souza.
42	Orientação de TCC, dissertação e tese	AMORIM, Marcella Olívia Fernandes. A Homossexualidade vista por dentro: um estudo de caso sobre a adoção por casais homoafetivos. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2012. Orientador: Márcio Ferreira de Souza.
43	Participação em Banca	TEIXEIRA, Maria Mariana Cardoso. Empreendedorismo e divisão sexual do trabalho: a narrativa do empoderamento feminino e a ocultação das relações sociais de sexo (Orientação: Rafaela Cyrino). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia. 2025
44	Participação em Banca	SANTOS, Luiz dos Santos. Torcendo a patologização do homoerotismo: um estudo de Vagas notícias de Melinda Marchiotti de João Silvério Trevisan (Orientação: Fábio Figueiredo Camargo). Exame de qualificação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, 2025.
45	Participação em Banca	CUNHA, Luiza Borges. Queer Horror: a representação Lgbtqia+ no cinema de terror (Orientação: Túlio Cunha Rossi). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2025.

46	Participação em Banca	TEIXEIRA, Maria Mariana Cardoso. Neoliberalismo, empreendedorismo e divisão sexual do Trabalho (Orientação: Rafaela Cyrino). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
47	Participação em Banca	GARCIA Clarck Hammer Soares. A representação social do gay negro na indústria pornográfica (Orientação Claudia Swatovski) <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
48	Participação em Banca	GARCIA Clarck Hammer Soares. A representação social do gay negro na indústria pornográfica (Orientação Claudia Swatovski) <b>Exame de Qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
49	Participação em Banca	ATTUCH, Mariana Sampaio. A Lesbianidade como subversão ao patriarcado e à heteronormatividade (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
50	Participação em Banca	PEREIRA, Sofia Xavier. Mídias digitais, pornografia e neoliberalismo: etnografia virtual da produção e venda de conteúdo adulto através da plataforma Privacy (Orientação: Cristiane Fernandes). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
51	Participação em Banca	OLIVEIRA, Izadora Lemes de. Lógica neoliberal e reconfigurações no mundo do trabalho: estudo sobre as condições de reprodução do trabalho dos motoristas de empresas de transporte que utilizam a mediação de aplicativos (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Exame de qualificação (Mestrado Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
52	Participação em Banca	SANTOS, Vinícius Henrique dos Santos. O fazer cidade das prostitutas: invasão, ocupação insistente e a ocupação da prostituição em regiões morais de Londrina (Orientação: Fernando Kulaitis). <b>Dissertação (Mestrado em Sociologia)</b> - Universidade Estadual de Londrina, 2023.
53	Participação em Banca	ALVES, Giselle Medeiros. Representações do feminismo: Uma investigação da retórica irônica na série Fleabag (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
54	Participação em Banca	MOREIRA, Higor Kleizer de Oliveira Moreira. O sensível e o (in)visível: a distribuição diferencial de visibilidade entre artistas dissidentes de gênero e sexualidade (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado Ciências Sociais)</b> , 2022.
55	Participação em Banca	MOREIRA, Higor Kleizer de Oliveira Moreira. O sensível e o (in)visível: a distribuição diferencial de visibilidade

		entre artistas dissidentes de gênero e sexualidade (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Exame de qualificação (Mestrado Ciências Sociais)</b> , 2021.
56	Participação em Banca	COUTINHO, Priscila Muniz. Um perfil profissional de diretoras escolares: trabalho, gênero e educação (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018
57	Participação em Banca	GOMES, Guilherme Augusto da Silva. Travessia: errância e homoerotismo em Nossos Ossos, de Marcelino Freire (Orientação: Fábio Figueiredo Camargo). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Estudos Linguísticos)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
58	Participação em Banca	FERREIRA, Lina Penati. As 'guerreiras' de Salvador-BA: um estudo sobre estratégias para a saída da pobreza (Orientação: Silvana Mariano). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Estadual de Londrina, 2018.
59	Participação em Banca	LOPES, Rafael. Mulheres em situação de rua e os limites da cidadania burguesa (Orientação: Rafaela Cyrino). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
60	Participação em Banca	COUTINHO, Priscila Muniz. Um perfil profissional de diretoras escolares: trabalho, gênero e educação (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
61	Participação em Banca	ARAÚJO, Bárbara Stéfanie Borges. Invisibilidade das discentes mães no período de graduação: análise da Universidade Federal de Uberlândia (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
62	Participação em Banca	SANTOS, Danúbia Soares de Oliveira. Políticas públicas preventivas à violência doméstica contra as mulheres implementadas em Uberlândia – MG (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
63	Participação em Banca	ARAÚJO, Gabriela Costa Araujo. A linguagem do/no universo trans: uma perspectiva antropológica (Orientação: Mônica Chaves Abdala, coorientação: Fábio Figueiredo Camargo). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
64	Participação em Banca	AMARAL, Matheus Lara do. Vias da igualdade e da diferença: uma análise sobre paradas LGBTs e a Ocupação Gaymada (Orientação: Mariana Magalhães Pinto Côrtes). <b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>

		(Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
65	Participação em Banca	OLIVIERA, Juliana Soares de. Declaração negativa de paternidade: uma violência de gênero e uma desconsideração da família monoparental (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
66	Participação em Banca	ALBERNAZ, Leidiane Lobo. Violência simbólica e assédio moral: o trabalho em análise. Estudo de caso de motoristas e cobradoras de ônibus em Uberlândia (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
67	Participação em Banca	PINTO, Lílian Silva. "Tem que pagar pra nascer, tem que pagar pra viver, tem que pagar pra morrer": mercado funerário e distinção social (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
68	Participação em Banca	SILVA, Pollyanna Fabrini. Movimentos de mulheres negras: análise das relações raciais pela perspectiva dos cabelos crespos (Orientação: Claudelir Corrêa Clemente). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
69	Participação em Banca	LIMA, Danielle Vieira Lima. O morador de rua da cidade de Uberlândia atendido pela Casa Santa Gemma: vivências e representações (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
70	Participação em Banca	OLIVEIRA Francisco Malta. Armadas e delicadas? O trabalho feminino na Polícia Militar de Minas Gerais (Orientação: Maria da Luz Alves Ferreira). <b>Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social)</b> - Universidade Estadual de Montes Claros, 2014.
71	Participação em Banca	CARVALHO, Maria do Carmo dos Santos. Mulheres no mercado de trabalho: o que há de novo e o que se repete (Orientação: Maria da Luz Alves Ferreira). <b>Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social)</b> - Universidade Estadual de Montes Claros, 2014.
72	Participação em Banca	SILVA, Maria Laura Pacheco da. Mulheres negras em movimento: as problemáticas de gênero e raça no Grucon-Uberlândia (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
73	Participação em Banca	FARIA, Iane Ulhoa. Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a dança de salão de Uberlândia (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

74	<b>Participação em Banca</b>	MORAIS, Camila Fernandes de. União Homoafetiva: permanências e avanços no âmbito jurídico social (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
75	<b>Participação em Banca</b>	ALBANO, Thaís Cristina Albano. As assimetrias de gênero nas representações de extraconjugalidades na telenovela Avenida Brasil (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
76	<b>Participação em Banca</b>	ROSA, Mariana Andrade Barcelos. Gênero e Mídia: as representações sociais do feminino na publicidade das revistas Nova e Playboy (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
77	<b>Participação em Banca</b>	MONTEZELO, Giovana Gabriela Montezello. Identidade de Gênero e Sexualidade: uma análise das revistas Nova e Playboy (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
78	<b>Participação em Banca</b>	NEUBERT, Luiz Flávio Neubert. Desigualdade Ocupacional e os Usos do Tempo: um estudo sobre os determinantes do tempo contratado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas (Orientação: Neuma Aguiar). <b>Tese (Doutorado em Sociologia)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
79	<b>Participação em Banca</b>	BASTOS, Sirlei Lopes Bastos. Acesso a Cargos de Autoridade: E a Mulher Como Vai? Um estudo da segregação ocupacional por gênero na Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG (Orientação: Jorge Alexandre Barbosa Neves). <b>Tese (Doutorado em Sociologia)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
80	<b>Participação em Banca</b>	BASTOS, Sirlei Lopes Bastos. Acesso a Cargos de Autoridade: E a Mulher Como Vai? Um estudo da segregação ocupacional por gênero na Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG (Orientação: Jorge Alexandre Barbosa Neves). <b>Exame de qualificação (Doutorado em Sociologia)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
81	<b>Participação em Banca</b>	OLIVIERA, Alecilda A. Alves. As conferências nacionais como instrumento de participação social no processo de formulação de políticas públicas para as mulheres nos governos Lula (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Exame de qualificação (Mestrado Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

82	<b>Participação em Banca</b>	FERREIRA, Lana Carolina de Paula. Precarização das condições de trabalho e o recurso à justiça do trabalho do Foro de Uberlândia (Orientação: Edilson Graciolli). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
83	<b>Participação em Banca</b>	SILVA, Renato Augusto de Assis. Rendimentos de alunos cotistas nos anos iniciais de graduação na Universidade Federal de Uberlândia (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
84	<b>Participação em Banca</b>	MARIANO, Flávia Gabriella Franco. Nas margens da cidade, as margens da política: movimentos sem-teto e luta popular na periferia do capitalismo (Leonardo Barbosa e Silva). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
85	<b>Participação em Banca</b>	SANTOS, Danúbia Soares de Oliveira. Políticas públicas preventivas à violência doméstica contra a mulher (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
86	<b>Participação em Banca</b>	PINTO, Participação em banca de Lilian Silva. Tem que pagar pra nascer, tem que pagar pra viver, tem que pagar pra morrer: mercado funerário e distinção social (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
87	<b>Participação em Banca</b>	ALBANO, Thaís Cristina Albano. As assimetrias de gênero nas representações de extraconjugalidades na telenovela Avenida Brasil (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
88	<b>Participação em Banca</b>	ZANON, Breilla Zanon. Rede, coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva (Orientação: Claudelir Corrêa Clemente). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
89	<b>Participação em Banca</b>	MELO, Dener de Jesus Freitas de Melo. Quando as regras e normas não estão no papel: uma contribuição da antropologia das trocas informais para a elucidação do trabalho dos moto-taxistas de Uberlândia – MG (Orientação: João Marcos Alem). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
90	<b>Participação em Banca</b>	LIMA, Danielle Vieira Lima. O morador de rua da cidade de Uberlândia atendido pela casa Santa Gemma: vivências e representações (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Exame de qualificação (Mestrado em</b>

		<b>Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
91	Participação em Banca	ARAÚJO, Fernando Henrique Sousa Araújo. Lazer e Classe Social: um estudo etnográfico da ideologia e das práticas de lazer num clube de classe média (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
92	Participação em Banca	CARVALHO, Maria do Carmo dos Santos Carvalho. Mulheres no mercado de trabalho: o que há de novo e o que se repete (Orientação: Maria da Luz Alves Ferreira). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Desenvolvimento Social)</b> - Universidade Estadual de Montes Claros, 2013.
93	Participação em Banca	MUJALI, Lara Macedo Ribeiro de Oliveira. O gênero e os crimes sexuais: analisando crimes sob a perspectiva jurídica de gênero (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
94	Participação em Banca	OLIVIERA, Francisco Malta de Oliveira. Armadas e delicadas: os desafios do trabalho policial feminino na Polícia Militar de Minas Gerais. Orientação: Maria da Luz Alves Ferreira). <b>Exame de qualificação (Mestrando em Desenvolvimento Social)</b> - Universidade Estadual de Montes Claros, 2013.
95	Participação em Banca	MONTEZELO, Giovana Gabriela Montezello. Identidade de Gênero e Sexualidade: uma análise das revistas Nova e Playboy (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
96	Participação em Banca	MELO, Dener Jesus Freitas. "Moto-Táxi Rodoviária": um estudo do cotidiano dos moto-taxistas (Orientação: João Marcos Alem). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
97	Participação em Banca	MUJALI, Lara Macedo Ribeiro de Oliveira. A Violência Denunciada e a Violência Criminalizada: um estudo dos boletins de ocorrência da Delegacia de Atendimento à Mulher da cidade de Uberlândia (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
98	Participação em Banca	TAVARES, Hellen Olympia da Rocha. Reflexões Sobre a Violência Contra as Mulheres nas Relações de Conjugalidade. (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

## 6. Sociologia das emoções e da humilhação social

Comecei a desenvolver estudos na subárea da sociologia das emoções, focando mais particularmente no tema da humilhação social, cujos resultados apresentados são provenientes de momentos e projetos distintos que foram sendo construídos a partir de 2018. Destaco:

A pesquisa que coordenei, intitulada “Investigações sobre a humilhação como fenômeno social: bases teóricas, epistemológicas e empíricas”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), sob o registro APQ-03372-18, proposta via Edital 2018, mas que efetivamente começou a ser desenvolvida a partir de 2020.

O estágio de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa (NOVA), realizado entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2020, sob supervisão do Prof. Dr. Manuel Lisboa. A partir dele comecei a dedicar-me, mais efetivamente à subárea da sociologia das emoções e, mais especificamente, à sociologia da humilhação social.

A pesquisa “A face oculta do riso: uma investigação sobre os usos sociais do humor como dispositivo de humilhação social”, sob o número de registro 162813/2023-6, que contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que foi desenvolvida pelo discente Matheus Alysson Cunha como pesquisa de Iniciação Científica e que resultou em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Juntamente às pesquisas supracitadas destaco, também, o trabalho que venho desenvolvendo no âmbito do Laboratório de Estudos sobre Feminicídios (Lesfem). A partir da minha inserção no Lesfem, comecei a refletir sobre a articulação entre humilhação social e feminicídio, tornando-me responsável pela linha de pesquisa “Humilhação Social, Controle Social e Violência de Gênero”. Por meio desta linha investigativa venho desenvolvendo estudos sobre feminicídios a partir da humilhação social como categoria de análise, isto é, como elemento central da ordem social, que se constitui no interior das relações sociais. Analiso, também, o fenômeno da humilhação sob diferentes recortes, entre eles o controle social e a violência de gênero, entendendo-os como condutas e práticas que preservam os mecanismos de poder, de hierarquia e de exclusão.

O desenho do meu projeto de pesquisa, financiado pela FAPEMIG, propôs o desenvolvimento de uma investigação qualitativa no campo da sociologia das emoções, tomando como ponto central de investigação o tema da “humilhação”. Busquei obter e analisar um conjunto de informações referentes ao sentimento de humilhação a partir suas bases teóricas,

epistemológicas e empíricas, considerando a possibilidade de pensá-lo sociologicamente. Meu objetivo foi o de construir um amplo painel sobre a humilhação social na tentativa de compreendê-la em sua relação com o universo cultural e político.

Entre os objetivos mais específicos da referida pesquisa procurei: (a) definir sociologicamente a humilhação em articulação com outros campos do conhecimento sob os quais é possível situá-la; (b) realizar um estado da arte do tema da humilhação sob a perspectiva das Ciências sociais, ainda que sem a pretensão de desenvolver um balanço capaz de esgotar a gama dos estudos dedicados ao tema; (c) refletir acerca das possibilidades teóricas sobre a humilhação, fundamentada em bases teóricas clássicas e contemporâneas, entre elas as teorias do reconhecimento, as epistemologias do sul (teorias pós-coloniais e estudos subalternos) e as teorias feministas e queer; (d) atentar para as implicações políticas da humilhação social nas esferas pública e privada, refletindo sobre as violações dos direitos humanos no âmbito da vida cotidiana, por meio das mais variadas formas de manifestações de controle e de exclusão social: apofobia, racismo, feminicídios, transfobia e homofobia, misoginia, linchamentos e outros meios de violência contra as populações mais vulneráveis; (e) compreender as representações sobre a humilhação no universo da cultura (literatura, artes visuais e música). Desta pesquisa participaram dois discentes bolsistas que, sob minha orientação desenvolveram suas atividades com bastante interesse, compromisso e afinco.

Minha orientanda Victoria Vellozo Melo desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, sob o título “O invisível salta aos olhos: emoções dolorosas e a vida afetiva das universitárias”, que foi apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Uberlândia. Em seu trabalho ela se dedicou à análise da trajetória afetivo-sexual das universitárias, objetivando compreender como as mulheres na faixa etária da juventude significam suas relações afetivas com o sexo masculino. Em seu percurso analítico, buscou teorizar sobre a presença de emoções dolorosas (culpa, medo, vergonha, ódio, humilhação etc.) como um indicativo de conflito e desigualdade nas relações de gênero. Em seu percurso metodológico valeu-se do trabalho etnográfico, tomando a Universidade Federal de Uberlândia como seu “laboratório de análise”, além de empreendimento de realização de entrevistas narrativas semi-estruturadas. Demonstrou, assim, seu talento para a pesquisa, ao aplicar ferramentas da teoria de Bourdieu, operacionalizando conceitos como os de *habitus*, capital, campo e sofrimento/violência simbólica.

Matheus Alysson Cunha, por sua vez, além de ter participado da pesquisa Investigações sobre a humilhação como fenômeno social: bases

teóricas, epistemológicas e empíricas (FAPEMIG), desenvolveu sob minha orientação a pesquisa A face oculta do riso: uma investigação sobre os usos sociais do humor como dispositivo de humilhação social (CNPq, 2023-2024). Em ambas ele foi agraciado com bolsas de pesquisa. Como resultado, Matheus produziu sua monografia, cujo resumo transcrevo aqui a partir do original:

O trabalho articula a investigação de dois grandes debates: a crise da verdade e a racionalidade da violência. Para isso, tem como objetivo central compreender que o bolsonarismo cria uma cisão estrutural da verdade, entre o “certo” e o “errado” que funciona a partir, e ao mesmo tempo, de uma atribuição do “mal” e “perigo” à determinados agentes sociais, principalmente, a população LGBTQIA+. Como percurso metodológico, a pesquisa dependeu de uma etnografia virtual, que possibilitou o estudo de caso de análise de um grupo específico de comediantes bolsonaristas que, agora, podem ser um dos “novos produtores” de “verdades”: o Canal Hipócritas. O trabalho delineou três hipóteses centrais: de, ao se basear na categoria weberiana de ethos, a comédia pode ser vista como um estilo de vida metódico orientado por determinada ética: aqui, a de “se contar a verdade sobre o mundo”. Que, no caso analisado, o mero trabalho da comédia é o da identificação do perigo e, por último, que o conteúdo de determinado ethos, a humilhação, é também uma técnica e prática racional; reflexiva e intencional. Portanto, o trabalho partiu de um contexto local – as práticas e técnicas de determinado estilo de vida – para melhor compreensão do contexto da “pós-verdade”, tanto quanto da possibilidade de se compreender a humilhação – aqui, a violência linguística – como um ato racional. Além de delinear a possibilidade investigativa de uma esfera que tem procurado, mesmo que minimamente, (re)ordenar discursos e práticas na vida cotidiana da “democracia” brasileira: o cômico (Cunha, 2024, p. 7).

Organizei em parceria com Dalila Cerejo e Manuel Lisboa, ambos da Universidade Nova de Lisboa, o dossiê temático “Estudo de Gênero e Emoções” para o periódico Caderno Espaço Feminino (Quadro 5 – item 2). Esta coletânea é composta por onze artigos que abarcam reflexões oriundas de diversas áreas conhecimento científico. Entendemos que tal aspecto multidisciplinar seja revelador da relevância que a temática das emoções – no caso da coletânea - em articulação com os estudos de gênero, vem adquirindo. Nosso mosaico é composto por perspectivas oriundas das ciências sociais, da psicologia social, das artes visuais e da literatura.

#### **6.1. “Sobre emoções e humilhações sociais: questões teóricas, empíricas e metodológicas”**

Encontra-se no prelo a edição de um livro que organizei, intitulado “Sobre emoções e humilhações sociais: questões teóricas, empíricas e metodológicas”, a ser publicado pela Editora da Universidade de Uberlândia ainda no corrente ano de 2025. Concorrendo ao Edital PROPP

nº 1/2024, de seleção de originais inéditos para publicação a fim de compor o catálogo do SELO EDUFU ZÉTESIS/PROPP-UFU, fui agraciado com a referida publicação que se trata de uma coletânea contendo quatro textos de minha autoria exclusiva e um texto produzido em parceria com Silvana Mariano, da Universidade estadual de Londrina; além de dois textos de autoria dos meus orientandos de Iniciação Científica: Victoria Vellozo Melo e Matheus Alysson Cunha.

Na apresentação do livro/coletânea descrevi que a sequência dos capítulos segue uma ordem que parte do geral para análises mais específicas. Discorro, portanto, sobre “As emoções nas Ciências Sociais e a formação de uma subárea de investigação no Brasil” (capítulo 1), com o propósito de sistematizar sobre o processo de investigação das emoções a partir da perspectiva das Ciências Sociais – mais particularmente da Antropologia e da Sociologia. Na sequência dedico o segundo capítulo a uma breve abordagem sobre as diferenças conceituais entre emoções e sentimentos, com atenção para as contribuições da neurociência para as ciências sociais. Parto do princípio de que a construção de uma “sociologia das emoções” só tem a ganhar com uma perspectiva interdisciplinar. No capítulo 3 discorro sobre a “sociologia da humilhação social”, com o intuito de construir um painel mais amplo sobre a humilhação social como categoria de análise, a partir de contribuições teóricas, também de base interdisciplinar, avançando pelos campos da História e da Ciência Política, visando compreender como as dinâmicas de humilhação se constituem em agenciamentos racionais de manutenção de poder e de hierarquias sociais.

No capítulo 4 questiono, em seu próprio título: “Como as teorias do reconhecimento podem contribuir para pensar a humilhação e o sofrimento social?”. Proponho uma articulação entre uma teoria da humilhação social com as teorias do reconhecimento, considerando três referências centrais – Nancy Fraser (2002); Axel Honneth (2003) e Judith Butler (2019) – para a compreensão do processo de análise política sobre a efetivação da cidadania, da justiça social e dos direitos humanos.

O capítulo 5 foi escrito em coautoria com Silvana Mariano (UEL). Abordamos este fenômeno como uma fonte de humilhação de gênero. Lidamos com casos concretos: feminicídios tentados e consumados no Brasil pré e pós “Lei do Feminicídio” (Lei 13.104/2015). Partimos de uma leitura sobre a humilhação como “ação racional”, inspirados por Edgar DeDecca (2015). Isso nos conduziu à uma reflexão sobre o feminicídio como dispositivos assimétricos de poder. Com base em Rita Segato (2018), compreendemos o feminicídio como uma “pedagogia da crueldade”, estabelecida pela hierarquização dos corpos e por processos de exclusões sociais. Esta “pedagogia da crueldade”, traduzida pelas humilhações de gênero, pode ser compreendida como atravessada por formas diversas de violências – psicológica, simbólica e física – propensas ao rebaixamento de

mulheres em sua autoconfiança de modo a que possam se sentir desvalorizadas e incapazes. O referido capítulo foi elaborado a partir de discussões que temos realizado em eventos nacionais tais como: os Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), as edições do Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS) na Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), onde encontramos boa acolhida no ST “Antropologia das Emoções” e no II Simpósio sobre Feminicídios, realizado em 2024, sob organização do Lesfem, na UEL. As interlocuções com coordenadoras(es) e debatedoras (es) dos Grupos de Trabalho (GTs) e/ou Simpósios Temáticos (STs) nos referidos eventos têm sido muito estimulantes para nossas reflexões. No Quadro 5 estão listadas as minhas publicações (individuais e em parcerias) em Anais de eventos acadêmicos (itens 8 a 15) e as minhas participações com apresentações de trabalho (itens 16 a 22).

Os capítulos 6 e 7 trazem, respectivamente, conforme relatei anteriormente, as contribuições dos jovens pesquisadores Victoria Vellozo Melo e Matheus Alisson Cunha. Cada qual mirando os seus olhares pessoais e autorais, imbuídos da necessária “imaginação sociológica” (Mills, 1972), para aspectos específicos sobre a humilhação social, seja pela via da sexualidade, seja pelos usos sociais do humor.

Embora no livro os capítulos podem ser lidos de forma independente, dispensando uma ordem sequencial, eles estabelecem diálogos entre si, pois são parte de um projeto que vislumbra olhar para as emoções, de um modo geral e a humilhação, mais especificamente, como categoria de análise do social.

## **6.2. Humilhação como forma de controle social: a violência em suas dimensões política, estrutural, simbólica e cotidiana**

Produzi outros textos no campo de estudos sobre a “sociologia das emoções”, com foco na humilhação de gênero, como os artigos “Feminicídio e humilhação de gênero” (Souza, Mariano, 2023) e “A Morte Antecipada na Forma de Feminicídio: Pelo Direito à Justiça, à Verdade e à Memória” (Mariano, Souza, 2023) (Quadro 5 – itens 3 e 4). No primeiro partimos da noção de humilhação como ação racionalmente orientada, entendendo-a como “práticas de assujeitamento e degradação moral e/ou física de pessoas individuais e coletivas que resultam em processos de humilhação, como o feminicídio”. Seguimos uma trilha analítico-argumentativa com base em determinados casos históricos de feminicídio no Brasil, em diferentes períodos e ao Memorial de Feminicídios de Londrina, produzido pelo Néias – Observatório de Feminicídios, que apresenta registros de tentativas de feminicídios e de casos de concretização do ato, no intervalo entre 2015 e

2022, ocorridos na comarca de Londrina. Os casos que analisamos são reveladores de um padrão genérico de feminicídio. Argumentamos: “a despeito de uma suposta aleatoriedade, tais casos estabelecem fortes conexões entre si, pois são expressão de uma estrutura hierarquizante, estabelecida por relações assimétricas de poder simbólico e legitimadora das situações concretas de violações, degradações e extermínios dos corpos femininos” (Souza, Mariano, 2023, p. 120).

No segundo artigo citado, lidamos com o tema da morte, realçando condições em que ela ocorre como produto de um assassinato, a exemplo do feminicídio. Isto é, trata-se de “uma morte socialmente construída e, muitas vezes, tolerada, ou justificada”. No resumo do artigo sintetizamos sobre a nossa busca pela articulação entre a sociologia da morte com a sociologia da violência com o propósito de “introduzir gênero e patriarcado como noções relevantes para as reflexões, nas Ciências Sociais, sobre a morte e o processo de morrer”. Visamos a “compreensão estrutural sobre a morte produzida nas relações de poder que levam ao feminicídio, como forma de morte antecipada de mulheres”. Argumentamos que “como resposta à ordem social e jurídica que invisibiliza ou culpabiliza a vítima, a perspectiva vitimológica apresenta-se como recurso analítico em defesa do direito à justiça, à verdade e à memória”. Nossa base empírica foram casos de feminicídios consumados julgados na Comarca de Londrina nos anos de 2021 e 2022, por meio dos quais “demonstramos como o poder patriarcal, traduzido na objetificação, coisificação e menosprezo de meninas e mulheres, produz feminicídios no contexto da violência doméstica e familiar e como, na resposta formulada judicialmente, apresentam-se riscos de naturalização, invisibilização e revitimização das mulheres” (Souza, Mariano, 2023, p. 1).

Ainda na linha investigativa das emoções/humilhação, escrevi dois capítulos de livros para a convite de suas/seus organizadoras/es (Quadro 5 – itens 6 e 7): “A humilhação como elemento central da ordem social: uma leitura a partir das dimensões do controle social e da violência de gênero” (Souza, 2021a), que compõe o livro “Sociologia por temáticas: tecendo diálogos em artesanias contemporâneas” e “Quem tem medo dos estudos de gênero? O movimento Escola Sem Partido sob a perspectiva dos estudos das masculinidades em articulação com a sociologia das emoções” (Souza, 2021b), parte da coletânea “A demolição da construção democrática da educação no Brasil sombrio”.

No primeiro trabalho citado tomo o campo da “sociologia das emoções” como ponto de partida para investigar a humilhação como elemento central de análise. Recorro a uma base teórica e analítica calcada em estudos sobre a humilhação social (Hartling, 2017, Hartling; Luchetta, 1999; Lindner, 2000; Ansart, 2005; Decca, 2005; Fangen, 2006) visando montar um painel teórico-conceitual a partir do qual seja possível mobilizar

algumas questões a ele relacionadas, relativas ao controle social (Berger, 2007) e à violência em suas dimensões política, estrutural, simbólica e cotidiana (Ferrández Martín; Feixa Pampols, 2004). A proposta de se pensar o fenômeno da humilhação social sob o recorte do controle social e da violência de gênero me interessa no sentido de entendê-los como modos de condutas que se constituem por meio de variados processos de humilhação.

Abordo sobre a humilhação não apenas como mais um tema a ser explorado, mas sobretudo, como uma construção teórica. O que abre espaço para a compreensão, nos âmbitos político e social, das dinâmicas que emergem como dispositivos de poder, de hierarquia e de exclusão das interações sociais, sejam no plano micro ou macrossociológico. Tive como intuito de investigar o fenômeno social da humilhação em sua relação com a cultura e a política. Embora eu entenda a cultura como um elemento importante para a compreensão da humilhação como fenômeno sociológico, não pretendo reduzir a humilhação à esfera cultural. De acordo com o sociólogo australiano J. M. Barbalet (1998, p.46) a cultura é uma dimensão importante no que diz respeito aos impulsos emocionais: “a cultura é um aspecto de todos os processos sociais, mas não é toda a sua totalidade”. Dividi meu texto em tópicos em que procuro destacar uma perspectiva histórica calcada nas humilhações políticas e nas políticas da humilhação; na humilhação como elemento central da ordem social, orientado por perspectivas multidisciplinares, mas enfatizando o seu viés sociológico e, por fim, com foco no controle social e na violência como mecanismos de poder, de exclusão e de humilhação social.

No texto “Quem tem medo dos estudos de gênero? O movimento Escola Sem Partido sob a perspectiva dos estudos das masculinidades em articulação com a sociologia das emoções” eu o estruturei de modo a desenvolver, inicialmente, uma breve discussão acerca da emergência do campo de estudos sobre masculinidades (Carrigan; Connell; Lee, 1985; Connell, 1995; Kimmell, 1987; Kimmell; Kaufman, 1995) e sua repercussão no Brasil, levando em conta estudo acadêmicos pioneiros calcados na tese da “crise da masculinidade” ou “crise do masculino” (Nolasco, 1995; Oliveira, 2004), assim como a propagação de novas abordagens caracterizadas por diversidades temática e teórica (Medrado; Lyra, 2008). Na sequência desenvolvi uma leitura sobre as dimensões físicas e simbólicas da violência de gênero, aqui entendida como princípio fundante do *ethos* da masculinidade (Cechetto, 2004), e sua articulação com a esfera das emoções (Barbalet, 1998; Scheff, 2012). A reflexão proposta neste tópico considera particularmente as emoções e os sentimentos como categorias relevantes para a estruturação da ordem social (Lindner, 2000). Defendo o argumento de que entender a esfera emocional de um ponto de vista sociológico significa abrir caminhos para encontrar nas análises de gênero

e das masculinidades uma conexão relevante para a própria compreensão da construção de um ideário de “masculinidade hegemônica” (Connell, 1995) como princípio unilateral e, consequentemente, adotar uma postura crítica e questionadora dos estereótipos que sustentam tal ideário. Por fim, num terceiro momento desenvolvo uma reflexão sobre o contexto conservador, cuja reação por meio do Mesp se desponta como um primado de ameaça à democracia (Miguel, 2016; Ribeiro, 2016). Neste tópico utilizo o argumento em defesa da perspectiva de gênero (os estudos das masculinidades) como relevante para a constituição de uma sociedade pautada no princípio da equidade de gênero.

Orientei e venho orientando trabalhos de Monografia, de Pesquisa de Iniciação Científica e dissertação sobre o tema das emoções e da humilhação social na UFU (Quadro 5 – itens 25 a 37). Fui um dos propositores da disciplina optativa Antropologia das Emoções (INCIS39027), juntamente com minha colega no Incis, a professora Valéria de Paula Martins. Ministrei esta disciplina em 2020. Também ministrei, no curso de Psicologia, as disciplinas “Sociologia” (GPI006) e “Antropologia” (GPI009), incorporando o tema das emoções em meus planos de ensino.

Valéria desenvolve trabalhos relevantes sobre o campo das sensibilidades. Em 2020 participei de um projeto extensionista criado por ela, denominado “Poéticas Sociais: experiências humanas em textos literários”: um *Podcast* com gravações de trechos de obras literárias tematizando questões e experiências humanas e sociais evocadas pela pandemia do covid-19. Abordamos temas como quarentena/isolamento/recolhimento; solidão; saudade; (re)encontros e despedidas; vida e morte; doença e cura; corpo e movimento; (re)criação e inventividade; (percepção de) tempo; (percepção de) espaço/território; antropocentrismo e relações humanas com seres vivos não humanos; formas de lida e cuidados com a T/terra; ecologia de saberes, entre outros<sup>24</sup>.

Observo que esta subárea tem se desenvolvido de forma gradativa no Incis, seja pela via da Antropologia ou pela via da Sociologia, pois vem recebendo atenção de colegas docentes que vêm contribuindo muito para este campo. Túlio Cunha Rossi, que chegou no Incis em 2021, trouxe sua bagagem de conhecimentos sobre o campo das emoções e, em particular, sobre os seus estudos acerca da “sociologia do amor” (Rossi, 2014); Mariana Magalhães Pinto Côrtes produziu trabalhos sobre a esfera religiosa analisando o dispositivo da humilhação – e sua recusa – por agentes do neopentecostalismo (Cortes, 2021). Maria Lúcia Vannuchi, uma parceira

---

<sup>24</sup> Os episódios tiveram veiculação quinzenal (às sextas-feiras), pelo Spotify e YouTube. Eles foram, também, enviados à Divisão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (Depae/UFU), à Escola de Educação Básica (Eseba/UFU), à Sala Braille/Centro Municipal de Cultura de Uberlândia, e à Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia (ADEVIUDI). Agradeço à Valéria de Paula Martins a oportunidade de desenvolver este projeto.

nos estudos de gênero, mais recentemente vem firmando nossa parceira por meio dos estudos sobre feminicídios.

No Quadro 5 disponho de modo sistematizado a minha produção na subárea “Sociologia das Emoções” e a “Sociologia da Humilhação Social”.

**Quadro 5: Produção e publicações na subárea “Sociologia das Emoções” e a “Sociologia da Humilhação Social”.**

ID	Categoria	Descrição
1	Livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. (coord.). <b>Sobre emoções e humilhações sociais: questões teóricas, empíricas e metodológicas</b> . Uberlândia, EDUFU, 2025. (no prelo).
2	Organização de dossiê	SOUZA, Márcio Ferreira de; CEREJO, Dalila; LISBOA, Manuel. <b>Dossiê: Estudos de Gênero e Emoções. Caderno Espaço Feminino</b> , v. 33, p. 1-12, 2020.
3	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de; MARIANO, Silvana. Feminicídio e humilhação de gênero. <b>Revista Brasileira de História &amp; Ciências Sociais</b> , v. 14, p. 120-152, 2023.
4	Artigo	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. A Morte Antecipada na Forma de Feminicídio: Pelo Direito à Justiça, à Verdade e à Memória. <b>Mediações - Revista de Ciências Sociais</b> , v. 28, p. 1-20, 2023.
5	Artigo	SOUZA, Márcio Ferreira de; CEREJO, Dalila; LISBOA, Manuel. Estudos de Gênero e Emoções: perspectivas multidisciplinares. <b>Revista Caderno Espaço Feminino</b> , v. 33, p. 1-12, 2020.
6	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. A humilhação como elemento central da ordem social: uma leitura a partir das dimensões do controle social e da violência de gênero. In: BITENCOURT, Silvana; ESTEVINHO, Telmo Antonio Dinelli. <b>Sociologia por temáticas: tecendo diálogos em artesanias contemporâneas</b> . 1ed. Cuiabá: EdUFMT, 2021, p. 153-176.
7	Capítulo de livro	SOUZA, Márcio Ferreira de. Quem tem medo dos estudos de gênero? O movimento Escola Sem Partido sob a perspectiva dos estudos das masculinidades em articulação com a sociologia das emoções. In: Idalice Ribeiro Silva Lima; Régia Cristina Oliveira. (Org.). <b>A demolição da construção democrática da educação no Brasil sombrio</b> . 1ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021, v. 1, p. 207-240.
8	Trabalho completo publicado em Anais de	SOUZA, Márcio Ferreira de. Silêncios e Humilhações: O Papel da Retórica Emocional na Construção da Culpabilidade da Vítima em Casos de Feminicídio no Brasil. <b>Anais da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia</b> , 2024.

	evento acadêmico	
9	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; OLIVEIRA, Amanda Ribeiro; RODRIGUES, Yara Lissá Fusconi; CRUZ, Tacielle Oliveira. Feminicídio transfóbico como 'pedagogia da残酷': entre silenciamentos e espetacularizações do fenômeno pelos meios de comunicação de massa. <i>Anais do II Simpósio sobre Feminicídios: reflexões sobre incidências e (in)visibilidades</i> . Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2024. v. 1. p. 52-69.
10	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. E quando a vítima é “prostituta”? Tensões para a resposta judicial na aplicação da lei do feminicídio. <i>Anais Eletrônicos Grupos de Trabalho e Comitês de Pesquisa do XXI Congresso Brasileiro de Sociologia</i> , Belém, 2023. v. 1. p. 1-21.
12	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana. Estigmas e violência de gênero: implicações sobre julgamentos de feminicídio. <i>Anais do 47º Encontro Anual da Anpocs</i> , Campinas, 2023. p. 1-19.
13	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Uma leitura decolonial sobre a humilhação social pelo viés da “redução sociológica” de Guerreiro Ramos: ganhos teóricos, epistemológicos e analíticos. <i>Anais do 46º Encontro Nacional da Anpocs</i> , 2022. v. 1. p. 1-17.
14	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Por uma sociologia da humilhação social: diálogos com as teorias do reconhecimento. <i>Anais do XX Congresso Brasileiro de Sociologia</i> , Belém, 2021. v. 1.
15	<b>Trabalho completo publicado em Anais de evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Políticas da humilhação como práticas racionais de dominação no Brasil em tempos Covid-19. <i>Anais do 45º Encontro Anual da Anpocs</i> , Caxambú, 2021. p. 1-24.
16	<b>Trabalho Apresentado em evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Silêncios e Humilhações: O Papel da Retórica Emocional na Construção da Culpabilidade da Vítima em Casos de Feminicídio no Brasil. <i>34ª Reunião Brasileira de Antropologia</i> , Belo Horizonte, 2024.
17	<b>Trabalho Apresentado em evento acadêmico</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de.; OLIVEIRA, Amanda Ribeiro; RODRIGUES, Yara Lissá Fusconi; CRUZ, Tacielle Oliveira. Feminicídio transfóbico como 'pedagogia da残酷': entre silenciamentos e espetacularizações do fenômeno pelos meios de comunicação de massa. <i>II</i>

Simpósio sobre Feminicídios: reflexões sobre incidências e (in)visibilidades, Londrina, 2024.		
18	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	MARIANO, Silvana; SOUZA, Márcio Ferreira de. E quando a vítima é “prostituta”? Tensões para a resposta judicial na aplicação da lei do feminicídio. <b>21º Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , Belém, 2023.
19	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	SOUZA, Márcio Ferreira de.; MARIANO, Silvana. Estigmas e violência de gênero: implicações sobre julgamentos de feminicídio. <b>47º Encontro Anual da Anpocs</b> , Campinas, 2023.
20	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	SOUZA, Márcio Ferreira de. Uma leitura decolonial sobre a humilhação social pelo viés da “redução sociológica” de Guerreiro Ramos: ganhos teóricos, epistemológicos e analíticos. <b>46º Encontro Nacional da Anpocs</b> , Campinas (virtual), 2022.
21	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	SOUZA, Márcio Ferreira de. Por uma sociologia da humilhação social: diálogos com as teorias do reconhecimento. <b>20º Congresso Brasileiro de Sociologia</b> , Belém (virtual), 2021.
22	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	SOUZA, Márcio Ferreira de. Políticas da humilhação como práticas racionais de dominação no Brasil em tempos Covid-19. <b>45º Encontro Anual da Anpocs</b> , Caxambu (virtual), 2021.
23	Trabalho Apresentado em evento acadêmico	SOUZA, Márcio Ferreira de. Movimentos Sociais Afirmativos de Gênero: a ironia, o riso e o escárnio do ponto de vista dos militantes e não militantes” (Minicurso). Londrina: <b>III Simpósio Gênero e Políticas Públicas</b> , 17 a 29 de maio de 2014.
24	Projeto de Extensão	MARTINS, Valéria de Paula; SOUZA, Márcio Ferreira de. “Poéticas Sociais: experiências humanas em textos literários” (Podcast). <b>Gravações de trechos de obras literárias tematizando questões e experiências humanas e sociais evocadas pela pandemia do covid-19</b> . Divulgação: Spotify e YouTube. UFU, 2020.
25	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	CORDERO, Sarah González. Análise das emoções e desafios de mães adolescentes em situação de pobreza: um estudo comparativo entre Uberlândia (Brasil) e Marañonal (Costa Rica). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2025.
26	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	OLIVEIRA, Maria Júlia Silva. Violência de gênero contra mulheres candidatas de alto escalão em eleições: uma análise do período 2015-2023. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Relações Internacionais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2025.
27	Orientação de Monografia, Iniciação	CUNHA, Matheus Alysson. A face oculta do riso: uma investigação sobre os usos sociais do humor como dispositivo de humilhação social. <b>Iniciação Científica</b> .

	Científica e Dissertação	(Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2024.
28	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	CUNHA, Matheus Alysson Cunha. Destroçar a carne. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2024.
29	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	SILVA, Pedro Henrique Marçal. O amor como mercadoria: uma pesquisa socioantropológica em torno do aplicativo de relacionamento Tinder. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2023
30	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	MELO, Victoria Vellozo. O invisível salta aos olhos: emoções dolorosas e a vida afetiva das universitárias. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2023.
31	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	ALVES, Marcelo Sousa. Da dinâmica dos relacionamentos abertos de casais aquileanos em Uberlândia: uma perspectiva socioantropológica. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2023.
32	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	MELO, Victoria Vellozo. Investigações sobre a humilhação como fenômeno social: bases teóricas, epistemológicas e empíricas. <b>Iniciação Científica. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, FAPEMIG. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2022.
33	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	CUNHA, Matheus Alysson. Investigações sobre a humilhação como fenômeno social: bases teóricas, epistemológicas e empíricas. <b>Iniciação Científica. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, FAPEMIG. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2022.
34	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	ALVES, Milena Sousa. Relações poliamorosas no Brasil contemporâneo: movimentos de transformações no campo da afetividade. <b>Iniciação Científica. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, CNPq. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2022.
35	Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação	CRUZ, Ananda Fortunato da. Uma análise socioantropológica das emoções em "Amour" de Michael Haneke. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2018.

	<b>Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação</b>	GONÇALVES, Mariana. Ancestralidade: o elemento (in)visível das emoções. 2018. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2018.
36	<b>Orientação de Monografia, Iniciação Científica e Dissertação</b>	GONÇALVES, Mariana. Articulação entre o Pensamento Social Brasileiro e a Sociologia das Emoções como categoria de análise. <b>Iniciação Científica. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, FAPEMIG. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2017.
37	<b>Participação em banca avaliadora</b>	PERES, Matheus Miranda Peres. Singularidades dos amores plurais: Considerações sobre o poliamor no Brasil (Orientação: Maria Lúcia Vannuchi). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
38	<b>Participação em banca avaliadora</b>	TEIXEIRA, Diane. Por que as mulheres ainda se casam? Uma análise sociológica sobre o casamento na contemporaneidade (Orientação: Túlio Cunha Rossi). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
39	<b>Participação em banca avaliadora</b>	VIEIRA, Beatriz Nogueira. O que há por trás: uma busca pela gênese social do comportamento autodestrutivo (Orientação: Mariana Magalhães Pinto Cortes). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2022.
40	<b>Participação em banca avaliadora</b>	UEKITA, Heloisa Yumi Uekita. Individualismo e engajamento na contemporaneidade o mercado da solidão no meio virtual (orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2022.
41	<b>Participação em banca avaliadora</b>	

## 7. Temáticas Plurais

Cristiane A. Fernandes da Silva, minha colega do Incis, registrou uma observação muito interessante em seu Memorial Acadêmico Descritivo (Silva, 2025), com a qual eu me identifiquei. Ela revela que desde sua chegada à UFU, em 2009, tem se envolvido com temas variados de pesquisa, seja por força da demanda de discentes por orientação, seja por meio de convites de docentes para participações em bancas avaliadoras de trabalhos de conclusão de curso. Cristiane acrescenta mais um comentário sobre oferta de disciplinas, pelo Incis, para os mais diversos cursos de graduação, condicionando-nos ao direcionamento de um sortimento de áreas e temas, algo que é muito específico na área geral das Ciências

Sociais. Tomo o comentário de Cristiane como uma realidade que também me acompanha. Por dois anos fui professor substituto na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Lá ministrei aulas de Sociologia Geral (ou Introdução à Sociologia) para o, então, “Ciclo Básico”, em turmas que agregavam discentes de cursos bem diferentes: Letras, Biblioteconomia (atualmente Ciência da Informação), Ciências Contábeis, Administração e outros, além de ministrar aulas de Sociologia para turmas unificadas de cursos mais específicos, como Direito e Engenharia Civil. Tomava como desafio a elaboração de Planos de Ensino que pudessem atender às necessidades mais específicas de cada curso, embora nas turmas de cursos mistos eu devesse lidar com a “sociologia geral”.

No setor privado ministrei aulas de Sociologia e de Metodologia de Pesquisa para os cursos de Administração, Direito, Comunicação Social e Turismo. Trabalhei entre 2001 e 2007 na *Faculdade Promove*, Campus de Sete Lagoas, há 74 km de distância de Belo Horizonte, a cidade em que residia. Sempre me preocupei em articular a Sociologia com as áreas específicas de modo a despertar algum sentido para os discentes. Sempre busquei carregar comigo esta prática. Também ministrei aulas de Metodologia de Pesquisa no curso de Administração da Faculdade Estácio de Sá (2003) de Teoria Política Clássica, no curso de especialização em Comunicação e Política do Centro Universitário Uni-BH (2007), ambas instituições localizadas em Belo Horizonte.

Na UFU, entre 2009 e 2025, ministrei disciplinas nos cursos de Administração (Sociologia Aplicada à Administração), Jornalismo (Ciência Política e Comunicação; Sociologia), Psicologia (Sociologia; Antropologia), Educação Física (Fundamentos Sociológico da Educação Física), Filosofia (Sociologia), Artes Visuais (Sociologia da Arte), Arquitetura (Sociologia Urbana) e Relações Internacionais (Sociologia I) e Pedagogia (Sociologia da Educação). No curso de Ciências Sociais ministrei o total de 18 disciplinas nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura, entre Obrigatórias, Eletivas e Optativas. São elas: Sociologia I; Sociologia III; Sociologia IV; Estágio Supervisionado I; Metodologia de Pesquisa; Mudanças Sociais Contemporâneas; Tópicos Especiais em Ciências Sociais I; Pensamento Sociológico Brasileiro, Sociologia no Brasil I; Sociologia no Brasil II; Política Brasileira I; Política Brasileira II; Sociologia das Relações Cotidianas; Identidade, Cultura e Política; Cultura Brasileira; O Gênero como Categoria de Análise Social; Antropologia das Emoções. No Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFU) tenho ministrado a disciplina Teoria Sociológica.

Já fui solicitado por discentes dos cursos de Pedagogia e de Relações Internacionais para orientá-los em pesquisas de Iniciação Científica e em TCC, assim como diversos discentes do curso de Ciências Sociais solicitaram orientação em temas que não são, necessariamente, o meu foco

de pesquisa. Em alguns casos eu me vi obrigado a negar por não me sentir, de fato, seguro a ponto de assumir tal tarefa. Porém, na maior parte das vezes aceitei a tarefa de orientação sobre temas fora do meu escopo investigativo, quando me senti em condições e segurança de apresentar alguma contribuição. Mesmo no nível do Mestrado, assumi o trabalho de orientação de temas mais distantes da minha experiência de pesquisador. Por exemplo, diante da ausência de docentes para orientar dissertações no campo da sociologia da religião, me vi no desafio de acompanhar a construção de duas dissertações sobre o tema que foram defendidas em 2016: “Cada pastor uma igreja: trânsito religioso e atomização dos evangélicos em Uberlândia – MG”, de autoria de Anna Carolina Alves Cruz e “Legitimidade e legalidade na atuação das Igrejas Neopentecostais no Brasil”, de Naiana Zaiden Rezende Souza. Naquele momento, o PPGCS não contava mais com docentes especializados no tema da religião. Meu colega e amigo João Marcos Alem, convededor mais profundo do tema e potencial orientador de Anna Carolina, acabara de se aposentar e duas colegas e amigas especializadas no campo de estudos sobre religião, Claudia Wolff Swatovski e Mariana Côrtes, haviam sido empossadas no Incis mais recentemente e na ocasião ainda não faziam parte do quadro de docentes do PPGCS. De todo modo pude enfrentar o desafio das referidas orientações. Uma delas com a contribuição generosa de João Marcos<sup>25</sup> que, mesmo aposentado, nos acompanhou em trabalho de campo, além de ter oferecido contribuições muito valiosas do ponto de vista teórico. Por fim, fiquei muito satisfeito com o resultado dos dois trabalhos citados, cujo mérito cabe mais à competência das próprias pesquisadoras, duas estudantes muito empenhadas na realização dos respectivos trabalhos de pesquisa.

Ademais, orientei temas diversos relacionados à sociologia do esporte; sociologia da moda e consumo sustentável; transformações do saber social pela Inteligência Artificial em tecnologias computacionais e dispositivos móveis; sociabilidades na era digital; identidades na pós-modernidade; autoetnografia; recepção científica de G. H. Mead no Brasil (Quadro 5 – itens 15 a 23).

Por outro lado, recebi diversos convites de colegas docentes para participar de bancas de TCC, exames de qualificação e dissertações sobre temas mais distantes do meu cotidiano de pesquisador. Tais casos exigem esforços dobrados no processo de avaliação. No Quadro 5 (itens 25 a 63) elenco uma série de trabalhos com temas muito variados, que avaliei, entre eles: autopublicação digital; metodologias de ensino-aprendizagem entre estudantes das Ciências Sociais, crianças e adolescentes; sociologia da

---

<sup>25</sup> Nota de agradecimento ao João Marcos Alem, colega e amigo generoso. Mais um que me acolheu muito bem na UFU e, mesmo após a aposentadoria, continuou colaborando com meu trabalho, incluindo em atividades do PET Ciências Sociais no período de minha gestão.

moda; trabalho plataformizado; uberização e autoetnografia; democracia e Internet; permacultura; imigração; práticas alimentares; jogos eletrônicos; sociabilidades entre feirantes, o comércio como espaço de sociabilidade; cibercultura; religião, inclusão racial; sociologia ambiental; religião; música.

Iniciei este tópico citando as observações de Cristiane Fernandes da Silva sobre suas incursões numa gama variada de temas. Concluo-o também me referindo à colega, que julga “que o papel do orientador consiste em estimular os discentes a produzirem pesquisa, e esta deve tratar de assunto que lhes seduza de alguma maneira, cabendo ao orientador manter o rigor acadêmico nessa produção” (Fernandes, 2025, p. 65). Estou de acordo com esta observação.

Apresento no Quadro 6 uma lista de atividades que por suas especificidades não se adequam aos tópicos temáticos anteriores. Nele constam publicações como capítulo de livro, verbetes e prefácio de livro (itens 1 a 13); exposição fotográfica (item 14); orientações (item 15 a 23) e participações em bancas (itens 24 a 63).

**Quadro 6: Temáticas Plurais**

ID	Categoria	Descrição
1	<b>Capítulo de livro</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. As Tropas nas Ruas: estudo de caso do movimento da PMMG em junho de 1997 sob uma perspectiva sociológica. In: BARROS, Lúcio Alves de. (Org.). <b>Polícia em Movimento</b> . Belo Horizonte: Aspra, 2006, p. 71-88.
2	<b>Prefácio</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Prefácio do livro LEMOS, Marcelo Rodrigues. <b>Modernidade &amp; Colonialidade: uma crítica ao discurso científico hegemônico</b> , Curitiba: Apris, 2019.
3	<b>Verbete</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Cultura Associativista/Cultura Comunitária (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 81, 2000.
4	<b>Verbete</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Cultura Geral Humanista e Técnica (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 82-83, 2000.
5	<b>Verbete</b>	SOUZA, Márcio Ferreira de. Educação/Ensino/Formação Geral (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte:

		Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 125, 2000.
6	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Educação Prática/Formação Prática (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 131, 2000.
7	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Ensino Prático/Ensino Teórico (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 142, 2000.
8	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Educação/Ensino Privado/Escola Privada (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 132-133, 2000.
9	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Etnia, Raça e Cor (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 152-153, 2000.
10	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Família (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 154-155, 2000.
12	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Qualidade Social (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 271, 2000.
13	Verbete	SOUZA, Márcio Ferreira de. Qualidade de Vida no Trabalho (verbete). In: MACHADO, L.; FIDALGO, F. <b>Dicionário da Educação Profissional</b> . Belo Horizonte: Fidalgo e Machado Editores, NETE (FAE-UFMG), p. 271, 2000.
14	Produção Artística e Cultural	SOUZA, Márcio Ferreira de. Vendedores ambulantes da Praia de Araçagi, Maranhão. 2023. <b>Fotografia</b> . XXII Semana de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais (Incis) da Universidade Federal de Uberlândia, realizada no período de 06/11/2023 a 09/11/2023.
15	Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica	SÁ, Bianca Floresta de. Ensaio sobre o método autoetnográfico. <b>Trabalho de Conclusão de Curso</b> . ( <b>Graduação em Ciências Sociais</b> ) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2024.
16	Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica	MARQUES, Mariana da Fonseca Faiad. Os brechós online e o debate acerca do consumo sustentável na moda sob a influência das novas tecnologias. <b>Trabalho de Conclusão de Curso</b> . ( <b>Graduação em Ciências Sociais</b> ) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2017.

	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	SOUZA, Naiana Zaiden Rezende. Legitimidade e legalidade na atuação das Igrejas Neopentecostais no Brasil. <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2016.
17	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	OLIVEIRA, Fernando Maluf Dib. A constituição da identidade na pós-modernidade: o simulacro da realidade. <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2016.
18	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	CRUZ, Anna Carolina Alves Cruz. Cada pastor uma igreja: trânsito religioso e atomização dos evangélicos em Uberlândia - MG. <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2016.
19	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	ABREU, Mateus. Esporte e sociabilidade: um estudo de caso sobre o time amador de rúgbi de Uberlândia. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2015.
20	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	GONÇALVES, Antônio Augusto Oliveira. Recifes Ocultos: O Descaso Histórico e a Recepção Científica de G. H. Mead no Brasil. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2014.
21	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	ALVES, Lorenço Gonzaga Alves. Estudo das transformações do saber social pela Inteligência Artificial em tecnologias computacionais e dispositivos móveis. 2013. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2013.
22	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	LIMA, Danielle Vieira. Sociabilidades na Era Digital: um estudo de caso sobre as interações estabelecidas nas comunidades do Orkut. <b>Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Márcio Ferreira de Souza, 2011.
23	<b>Orientação de Monografia e Pesquisa de Iniciação Científica</b>	Jäger, Lívia Gonçalves. Um Novo Jeito de Publicar: autopublicação digital na Amazon KDP e autores LGBTQIAP+ (Orientação: Túlio Cunha Rossi). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
24	<b>Participação em banca avaliadora</b>	SILVA, Giovanna Costa e. Plataformização e Capitalismo de Vigilância: O Caso do iFood no Contexto da nova modernidade (Orientação: Claudia Wolff Swatovski). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em</b>
25	<b>Participação em banca avaliadora</b>	

		<b>Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
26	<b>Participação em banca avaliadora</b>	CAETANO, Pamela de Fatima Soares. Metodologias de ensino-aprendizagem entre estudantes das Ciências Sociais, crianças e adolescentes (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
27	<b>Participação em banca avaliadora</b>	SILVA, Wendel de Brito Silva. Sociologia no contexto das ciências humanas: uma abordagem integrada nas aulas de geografia e história para estudantes do 6º ao 9º ano. (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.
28	<b>Participação em banca avaliadora</b>	JUSTINO, Mônica Junqueira Justino. Você trabalha ou só faz uber? Autoetnografia sobre a minha experiência como motorista de aplicativo em Uberlândia (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2022.
29	<b>Participação em banca avaliadora</b>	OLIVEIRA, Bruna Carneiro de. A construção de uma personalidade pública - análise da representação de Gabriela Pugliesi no Instagram (Orientação: Luciano Senna Peres Barbosa). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2023.
30	<b>Participação em banca avaliadora</b>	LEMOS, Marcelo Rodrigues. Um contradiscorso à ciência moderna (Orientação: Cristina de Rezende Rubim). <b>Tese (Doutorado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018.
31	<b>Participação em banca avaliadora</b>	BRASILEIRO, Érico Rodrigo. Democracia e Internet: o estado da arte no Brasil (Orientação: Patrícia Vieira Trópia). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
32	<b>Participação em banca avaliadora</b>	RESENDE, Débora. No campo da moda: uma roupagem hierárquica (Orientação: Cristiane Fernandes). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
33	<b>Participação em banca avaliadora</b>	SOUSA, Gabriela Araújo de. Vítimas de violência: perfil dos graduandos das IFES no Brasil (Orientação: Leonardo Barbosa e Silva). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
34	<b>Participação em banca avaliadora</b>	NASCIMENTO, Francisco Gerardo Cavalcante do. "É hip hop na minha embolada": o salto espetacular do break ao mangue dos jovens Chico Vulgo e Jorge du Peixe - Recife (1984-1994) (Orientação: Adalberto de Paulo Paranhos). <b>Qualificação de tese (Doutorado em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

		ANDRADE, Marlou Couto de. Estado e sociabilidade entre os feirantes do município de Uberlândia, MG (Orientação: Luciano Senna P. Barbosa). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
35	Participação em banca avaliadora	CÂNDIDO, Gabriela Moreira. O comércio de brincadeira: Análise de um Comércio de Bairro Como Espaço de Sociabilidade (Orientação: Adalberto de Paulo Paranhos). <b>Qualificação de tese (Doutorado em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
36	Participação em banca avaliadora	OLIVEIRA, Roberto Camargos de. "Periferia com o poder da palavra": a poética dos rappers brasileiros (Orientação: Adalberto de Paula Paranhos). <b>Tese (Doutorado em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
37	Participação em banca avaliadora	GIMENES, Talyta Carpaneda. A permacultura como instrumento para compreensão e mudança da relação entre o ser humano, a natureza e o meio ambiente (Orientação: Antônio Carlos Lopes Petean). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
38	Participação em banca avaliadora	OLIVEIRA, Roberto Camargos de. "Periferia com o poder da palavra": a poética dos rappers brasileiros (Orientação: Adalberto de Paula Paranhos). <b>Qualificação de tese (Doutorado em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
39	Participação em banca avaliadora	BORGES, Ana Cristina Borges. Cantar a Revolução: as representações do Zapatismo nos corridos mexicanos (1910-1940) (Orientação: Adalberto de Paula Paranhos). <b>Exame de qualificação (Mestrado em História)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
40	Participação em banca avaliadora	SANTANA, Luiz Otávio Costa. Um estudo sobre a presença nipo-descendente no cerrado mineiro - São Gotardo, MG (Orientação: Claudelir Corrêa Clemente). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
41	Participação em banca avaliadora	MANSAUD, Sonia Alice Séjour Araujo. Práticas alimentares e sociabilidade no almoço de estudantes da Universidade Federal de Uberlândia (Orientação: Monica Chaves Abdala). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
42	Participação em banca avaliadora	GONÇALVES, Gabriel Froede. Jogos eletrônicos, pós-modernidade e sociabilidade: a prática de jogos eletrônicos entre jovens na cidade de Uberlândia -MG (Orientação: Mariana Magalhães Pinto Côrtes). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
43	Participação em banca avaliadora	

		SANTANA, Luiz Otávio Costa. Um estudo sobre a presença nipo-descendente no cerrado mineiro - São Gotardo, MG (Orientação: Claudelir Corrêa Clemente). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
44	Participação em banca avaliadora	CARVALHO, JÚNIOR, Gilson Roberto de Abreu. Bullying e ciberbullying: ações, programas e projetos de enfrentamento nas escolas públicas de Uberlândia (Orientação: Elisabeth da Fonseca Guimarães). <b>Exame de qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
45	Participação em banca avaliadora	JESUS, Andreia Sousa de. Complexo Penitenciário de Ribeirão das Neves: uma contribuição mineira para o fortalecimento do Estado Punitivo Brasileiro. (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
46	Participação em banca avaliadora	BELAN, Gustavo César Silva Belan. A Bossa Nova e outras bossas nas Geraes (Orientação: Adalberto de Paula Paranhos). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
47	Participação em banca avaliadora	SANTOS, Gabriela de Moraes. Relações de poder na cibercultura: constituição de sujeitos e relações no contexto de vigilância e exposição na rede social do Facebook (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
48	Participação em banca avaliadora	ANDRADE, Pablo Guimarães. Família Teodoro: identidade e territorialidade étnica (Orientação: João Marcos Alem). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
49	Participação em banca avaliadora	SANTOS, Nayran Honório Martins. Conversão e trânsito religioso em Uberlândia - MG: etnografia do Bairro Patrimônio (Orientação: João Marcos Alem). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
50	Participação em banca avaliadora	MORAES, Karine Ferreira. Exclusão-Resistência-Inclusão Racial: uma análise da implementação do sistema de cotas enquanto princípio ético (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
51	Participação em banca avaliadora	PIRES, Victória Brasiliense de Castro. Violência Escolar e Justiça Restaurativa (Orientação: Debora Regina Pastana). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
52	Participação em banca avaliadora	

		PINTO, Lilian Silva. Música Popular no Brasil em tempo de guerra: o samba e a II Guerra Mundial (Orientação: Adalberto de Paula Paranhos). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
53	Participação em banca avaliadora	ALVES, Allan Gustavo Amorim. Adeptos e Clientes dos Candomblés em Uberlândia – MG (Orientação: João Marcos Alem). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
54	Participação em banca avaliadora	BAILÓ, Adelmisa Brandão. Sistema de Saúde Pública na Guiné-Bissau: estudo de caso do Noma. (Orientação: Marili Peres Junqueira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
55	Participação em banca avaliadora	REIS, Thiago Tavares. Do "Jardim Mágico" ao Mundo Laico: a racionalização da religião e do direito em Max Weber (Orientação: João Marcos Alem). <b>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
56	Participação em banca avaliadora	GONÇALVES, Alexandre Oviedo. Na banca do "Seu" Pedro é tudo mais gostoso: pessoalidade e sociabilidade na feira livre (Orientação: Mônica Chaves Abdala). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
57	Participação em banca avaliadora	FIGUEIREDO, Barbara Marques. O Papel Ambivalente das Ciências na Sociedade de Riscos Ambientais (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
58	Participação em banca avaliadora	PIRES, Elissa Maia Barbosa. As testemunhas de Jeová e a recusa à transfusão de sangue (Orientação: João Marcos Alem). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
59	Participação em banca avaliadora	REIS, Thiago Tavares. Do "Jardim Mágico" ao Mundo Laico: a racionalização da religião e do direito em Max Weber (Orientação: João Marcos Alem). <b>Qualificação (Mestrado em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
60	Participação em banca avaliadora	SILVA, Nathalia Borges. Meio Ambiente e Políticas Públicas: uma análise sócio-ambiental do Plano Diretor de Araxá – MG (Orientação: Eliane Schmaltz Ferreira). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
61	Participação em banca avaliadora	PEREIRA, Maria Aparecida Machado. A Entrevista de Survey como Interação Social: atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores
62	Participação em banca avaliadora	

		explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas (Orientação: Solange Simões). <b>Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política)</b> - Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
63	<b>Participação em banca avaliadora</b>	LIMA, Rafael Bergson Oliveira. Miragens Pecuniárias: um estudo sociológico dos jogos lotéricos da Caixa Econômica Federal com apostadores da cidade de Uberlândia (Orientação: Sérgio Barreira de Faria Tavolaro). <b>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)</b> - Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

## 8. Atividades de Gestão na UFU

Em minha passagem pela UFU sempre estive envolvido com as atividades de gestão e com a gestão colegiada. Fui coordenador *pro tempore* no curso de graduação em Ciências Sociais de 09 abril de 2010 a 31 de outubro de 2011 (Portaria R nº. 318, de 19/04/2010) no, então, Departamento de Ciências Sociais (Decis) da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (FG-1). Também exercei a substituição eventual na coordenação do curso de Graduação em Ciências Sociais (Incis) na gestão da profa. Cristiane Fernandes (20/07/2022 a 18/07/2024). Neste primeiro período de atuação frente a coordenação do curso de Ciências Sociais participei dos seguintes conselhos: Conselho de Graduação (Congrad), Conselho da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (Confafcs) e Conselho Universitário (Consun). Além do mais, fiz parte do Colegiado do curso de Graduação em Ciências Sociais. Os assentos nos referidos Conselhos e Colegiado são funções nata do coordenador.

Em outros momentos participei do Colegiado do curso de Graduação em Ciências Sociais (Colcocs) entre 01/03/2020 e 19/08/2024 (respectivamente, Portaria Dirincis Nº 13, de 24 de março de 2020 – com efeito a partir de 01 de março de 2020; Portaria de Pessoal UFU Nº 4469, de 19 de agosto de 2024 e Portaria Dirincis Nº 13, de 15 de novembro de 2021 - dispensa).

Em minha atuação no Colegiado produzi muitos relatórios técnicos acerca de demandas do corpo discente, principalmente solicitações de dilação de prazo; de exame de suficiência para abreviação de tempo de curso; equivalências de disciplinas e outros.

Fui membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE), no exercício de sua presidência entre 02/06/2017 e 11/03/2022, designado, respectivamente pelas Portarias Dirincis nº 5, de 14 de novembro de 2017 e Dirincis nº 85, de 06 de dezembro de 2021. No período entre 2017 e 2019, juntamente aos

demais membros do NDE<sup>26</sup>, trabalhamos na proposta de reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), com o intuito de acompanhar as exigências normativas atualizadas do MEC, bem como propor reformulações voltadas às demandas do mercado de trabalho e a um fluxograma mais maleável para o curso.

Outra experiência em coordenação de curso desenvolveu-se no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, onde fui nomeado coordenador *pro-tempore*, pela Portaria R nº 1690/2013, de 01/11/2013. A partir do final deste meu mandato como coordenador do PPGCS/UFU, fui designado, pela Portaria R Nº 308, de 25/03/2015, substituto da nova coordenadora empossada, Profa. Elisabeth da Fonseca Guimarães.

Entre outubro de 2009 e outubro de 2010 exercei a função de coordenador geral do Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais (Nupecs), no antigo Departamento de Ciências Sociais (Decis) da, então, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (Fafics-UFU). Neste mesmo Núcleo, entre 08/10/2020 e 08/10/2022 atuei como Coordenador de Pesquisa, designado pela Portaria Dirincis nº 44, de 19 de outubro de 2020 e fui reconduzido ao exercício da mesma função (Portarias de Pessoal UFU n. 5465) que exercei entre 09/10/2022 e 10/04/2023.

A título de exemplo, no Nupecs coordenei em minha gestão, juntamente com Claudia Swatowski<sup>27</sup> e Moacir Freitas Junior, atividades de pesquisa e de extensão realizadas com o conjunto de professores do Incis, como “De Quarentena com o Incis (2020-2021). No difícil período de pandemia, organizamos palestras, mesas redondas e debates em torno de questões pertinentes às Ciências Sociais, sempre de modo virtual, atendendo ao Protocolo de Biossegurança da UFU elaborado pelo Comitê de Monitoramento à COVID-19 da universidade. As atividades foram propostas por docentes, técnicos administrativos e discentes da comunidade Incis. Foram oferecidas gratuitamente ao público e transmitidas pelo Canal do Nupecs, no Youtube.

Desde minha posse como servidor da UFU, em 22 de janeiro de 2009, até março de 2025, fiz parte do Conselho do Instituto de Ciências Sociais da UFU (Coincis). Somaram-se dezesseis anos de participação assídua no Coincis, em reuniões mensais (afora as reuniões extraordinárias, que não foram poucas) que funcionou como conselho universal até março de 2025, quando passou a conselho representativo. No âmbito do Coincis produzi muitos relatórios técnicos atendendo às demandas frequentes que apareciam e continuamente fiz parte de uma série de comissões cujos

<sup>26</sup> Neste período, em momentos alternados, participaram do NDE os colegas docentes: Cristiane Fernandes, Eliane Soares, Leonardo Barbosa e Silva, Luciano Senna Peres Barbosa, Marili Peres Junqueira, Rafaela Cyrino Peralva Dias, Túlio Cunha Rossi e Valéria de Paula Martins.

<sup>27</sup> Agradeço à Cláudia, por sua presença e amizade desde sua chegada ao Incis.

pareceres e relatórios delas resultantes passavam pelo crivo deste Conselho. Entre elas destaco:

(a) as comissões internas de análise de relatórios de atividades para progressão/promoção de carreira docente<sup>28</sup>;

(b) Comissão Interna para Resolução que regulamenta o Regimento Interno do Incis acerca do funcionamento do Conselho do Instituto de Ciências Sociais, junto aos colegas Danilo Enrico Martuscelli e Valéria Cristina de Paula Martins (Portaria de Pessoal UFU Nº 323, DE 23 DE JANEIRO DE 2023);

(c) Comissão Interna para estudo de viabilidade da criação de curso noturno de graduação do Instituto de Ciências Sociais (Portaria de Pessoal UFU Nº 723, de 08 de fevereiro de 2024 e Portaria de Pessoal UFU Nº 2175, de 15 de abril de 2024)<sup>29</sup>. Nesta última produzimos um relatório robusto e detalhado, no qual descrevemos e analisamos sobre o perfil dos cursos de Ciências Sociais no Brasil e o curso de Ciências Sociais da UFU; acerca do curso de Ciências Sociais da UFU relatamos sobre o perfil institucional e a demanda atual pelo curso noturno; desenvolvemos pesquisa com estudantes do Ensino Médio durante o evento Vem pra UFU; realizamos uma enquete estudantil com estudantes do curso de Ciências Sociais da UFU e grupo focal com estudantes do ensino médio em uma escola pública de Uberlândia. Como resultado, a Comissão “convencida da potência do Incis, da necessidade de oferta de cursos noturnos, bem como da demanda social existente”, propôs ao Coincis a criação do curso de Ciências Sociais Noturno (Licenciatura e Bacharelado). Nossa proposta foi acatada e aprovada pelo Coincis.

Dentre outras atuações em comissões internas fui, por dois anos (2020-2022), membro presidente da Comissão Permanente da subárea de Sociologia (Portaria PROGRAD nº 136, de 11 de março de 2022) e, por três anos (2002-2025), membro da Equipe de planejamento de contratação de bens, serviços, obras e soluções de tecnologia da informação e comunicações

<sup>28</sup> Participei, em diferentes momentos de comissões avaliadoras de estágio probatório e promoção/progressão de carreira de quase todos os meus colegas e ex-colegas no Incis: Adalberto de Paula Paranhos, Aldo Durán Gil, Camila Maria Risso Sales, Cláudia Wolff Swatoviski, Claudelir Correa Clemente, Cristiane Fernandes, Danilo Enrico Martuscelli, Debora Regina Pastana, Diego Soares da Silveira, Edilson José Graciolli, Eliane Soares, Leonardo Barbosa e Silva, Luciano Senna Peres Barbosa, Marcel Mano, Mariana Magalhães Pinto Côrtes, Maria Lúcia Vannuchi, Marili Peres Junqueira, Moacir Freitas Júnior, Natalia Scartezini Rodrigues, Paulo Henrique Sette Granafei, Rafaela Cyrino Peralva Dias, Rosemeire Salata, Sidartha Sória e Silva, Patrícia Vieira Trópia, Túlio Cunha Rossi e Valéria de Paula Martins.

<sup>29</sup> Membros docentes da Comissão: Patrícia Vieira Trópia (Presidente), Camila Maria Risso Sales, Danilo Enrico Martuscelli, Leonardo Barbosa e Silva e Márcio Ferreira de Souza. Membros discentes: Breno Karoliny Machado de Queiroz, Célia Krystynne Santos Gomes, Elena Leal Rocha e Silva, Janaína Nunes Rezende, João Pedro Jorge de Brito, João Pedro Marinho Rodrigues, Linniker Souza Rosa, Maria Fernanda Lino Vinhal, Mariana Silva Benate, Matheus Henrique Pereira da Silva, Tiago Aparecido Lima Santos e Thuanny Alves Domingues Vieira.

do Instituto de Ciências Sociais (Portaria de Pessoal UFU Nº 90, de 06 de janeiro de 2022).

Por fim, registro, também, minha participação no Fórum de Licenciaturas da UFU, durante o ano de 2010, sob a gestão, como Diretora de Ensino, da professora Camila Lima Coimbra, da Faculdade de Educação (FACED-UFU).

## **9. A experiência como tutor no PET Institucional do Curso de Ciências Sociais: um capítulo à parte.**

O PET – Programa de Educação Tutorial – é uma iniciativa relevante de apoio e acompanhamento a estudantes bolsistas e/ou voluntários pelas tantas oportunidades que lhes oferece. Este Programa foi criado em 1979 pelo governo federal, visando um melhor desempenho dos discentes em seus cursos e, principalmente, ao engajamento no tripé ensino-pesquisa-extensão. Há duas modalidades: o PET Nacional, vinculado ao Ministério da Educação (PET MEC) e o PET Institucional, que surgiu na UFU em 2006, pelo empenho da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), sob a regulamentação da Resolução nº 28/2011 do Conselho de Graduação, de 15 de julho de 2011.

Fui nomeado tutor do PET Institucional do curso de Ciências Sociais da UFU pela Portaria Prograd No. 136, de 11 de março de 2022, após passar por um processo seletivo. No momento que redijo o presente Memorial estou me despedindo do cargo de tutor do PET. Reconheço, sem nenhum exagero, que os três anos de atuação no PET foram dos mais enriquecedores e satisfatórios em minha experiência profissional e pessoal.

Da minha parte, o contato mais cotidiano com as petianas e petianos, por meio das reuniões semanais e da promoção de múltiplas atividades, impactou-me positivamente até mesmo em minha relação com discentes não vinculados ao PET. Fez-me entender com mais clareza, no conjunto do alunato do curso, tanto sobre suas demandas gerais, quanto sobre suas particularidades. Despertou-me, também, junto às/aos discentes, para a criatividade na proposição e efetivação das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, bem como ao engajamento mais consciente dessas atividades vinculados a propósitos coletivos e integradores, focados em ações afirmativas, procurando promovê-las, além de visar o apoio à promoção de saúde e bem-estar e de considerar a importância de lidar com o problema da evasão no curso.

Sempre procurei estabelecer um bom relacionamento com os estudantes, respeitando-os em suas particularidades e procurando compreendê-los em razão de seus pertencimentos identitários enquanto

classe, gênero, raça/etnia, geração etc. Quero, com isso, registrar que se, já havia em mim, anteriormente, uma preocupação em reconhecer os estudantes a partir de seus pertencimentos identitários, a experiência no PET potencializou ainda mais o meu olhar de modo a evitar pensá-los enquanto uma “massa amorfa”. Venho apreendendo com as/os petianos e, também, no âmbito do próprio movimento estudantil, em particular o Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACIS) sobre suas realidades concretas: são vivências múltiplas, pontuadas por marcadores sociais relevantes. Se não na totalidade, o corpo discente do curso de Ciências Sociais é composto por um considerável número trabalhadoras/es; de estudantes negras e negros; algumas são estudantes mães; há estudantes transexuais; e pessoas com deficiência. Em suma, passei a fortalecer, ainda mais, o meu olhar para a inclusão social.

Um aspecto que merece ser destacado é o fato de que além das vagas de ampla concorrência, os processos seletivos nos PETs preveem a reserva de vagas (cotas) destinadas a candidatas/os que se enquadrem nas categorias PPI (Pretos, Pardos e Indígenas) e PCD (Pessoas Com Deficiência), conforme definido pelo “Programa de Cotas para Ingresso de Alunos nos Grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) da UFU”, aprovado em 10/12/2021.

De um modo geral, penso que no quesito relacionamento com os estudantes eu tenho conseguido, ao longo dos meus 16 anos na UFU, construir uma excelente relação com o alunato - internamente no PET, no curso de Ciências Sociais como um todo ou nos cursos externos nos quais ministrei disciplinas. A tutoria do PET, com toda a sua exigência de trabalho de uma carga horária de, no mínimo, 10 horas semanais de dedicação no acompanhamento sistemático aos 18 estudantes vinculados ao Programa – no caso do Curso de Ciências Sociais, são 12 bolsistas e 6 voluntários -, com promoção de atividades acadêmicas e extensionistas, entre outras, repito, foi uma experiência particularmente enriquecedora.

Registro sucintamente, nos itens abaixo, algumas das atividades realizadas pelo PET Ciências Sociais nas modalidades de ensino, pesquisa e extensão:

### **9.1. O PET e o Ensino**

Na modalidade “ensino”, ao longo dos meus três anos de gestão no PET Ciências Sociais, promovemos minicursos, palestras, oficinas. Essas atividades, todas gratuitas, foram bem variadas, visando a formação intelectual do corpo discente da UFU. Embora tenhamos promovido atividades mais específicas para o curso de Ciências Sociais, em geral as

atividades de ensino realizadas pelo PET Ciências Sociais não são limitadas aos discentes do curso, mas buscam um alcance mais amplo. Somente a título de exemplos promovemos minicursos e oficinas como: Redação e escrita para TCC e Monografia (pensando com Becker - reflexão sobre processo de escrita em Ciências Sociais); Excel Intermediário; Introdução ao Power Point; Oficina para Confecção do Currículo Lattes; Introdução ao Canva; Introdução a Ux Research - Teoria e prática, entre outros. Tais atividades foram ministradas por docentes do Incis ou pelas(os) próprias (os) petianos. Além do mais buscamos sempre estabelecer contatos com petianos egressos convidando-os a ministrarem minicursos e palestras.

## 9.2. O PET e a Pesquisa

Na modalidade pesquisa cada petiano desenvolve uma investigação individual orientada por algum(a) docente do próprio Incis ou de outra unidade, se assim o desejar e devidamente registrada na Diren/Prograd - Diretoria de Ensino/ Pró-reitoria de Graduação. Na função de tutor eu acompanhei, junto aos petianos, o processo de pesquisa de cada um(a). Realizamos, também uma pesquisa coletiva que foi orientada por mim: “De tudo se faz canção: reflexões sobre a ditadura militar no Brasil (1964-1985) a partir de análises de álbuns da música popular brasileira”. Este trabalho de pesquisa, sob registro DIREN/PET 053/2024, foi elaborado considerando que no ano de 2024, completaram 60 anos do Golpe Militar, instaurado em 31 de março de 1964 e marcando o início de uma ditadura militar que se estendeu até 1985. Deste modo, propusemos realizar uma investigação inserida no campo da cultura política, com a finalidade de analisar uma amostra selecionada de uma produção musical, em formato de *long play* (LP), emergente no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), forjada por artistas (compositores e intérpretes), que propuseram por meio da arte e performance artístico-musical, formas de questionamentos crítico ao regime político que vigorou ao longo de tal período. Nossa justificativa central assentou-se na relevância do resgate da memória histórica sobre a ditadura militar no Brasil, possibilitando-nos refletir sobre como uma leitura a partir do campo artístico, considerando o universo musical, mais especificamente, pode contribuir significativamente com o campo científico das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), permitindo a construção de dados qualitativos e reflexões analíticas sobre o momento histórico referido. Nos valemos de dois eixos condutores da pesquisa: (i) um eixo metodológico que diz respeito à possibilidade de conexão entre a produção musical, no formato de álbuns (LPs) e a leitura científica a partir das Ciências Sociais; (ii) um eixo analítico, centrado nas leituras sobre uma seleção de álbuns musicais, da música popular

brasileira, que serão constituídos como uma amostra de pesquisa e, em princípio, analisados individualmente, para num momento posterior, analisarmos em seu conjunto, com ênfase no contexto histórico-político e social.

Os petianos que integraram a equipe de elaboração do projeto coletivo são: Ana Júlia Hipólita Ribeiro; Bianca Floresta de Sá; Erik Castro Dantas; Iasmin Batista Fernandes; Lauene de Andrade Pimentel; Lucas Vinícius dos Santos Silva; Marcela Ferreira da Silva; Maria Eduarda Martins Oliveira; Maria Eduarda Monteiro Silva; Maria Eduarda Vieira Lomba Walmott Borges; Marina Esteves Andriotti; Matheus Carlet Jorge; Náttaly Nunes Cunha; Nayara Francesquini Matheus; Rafael Junio Rodrigues do Nascimento; Stefani Rocha Faleiros. Ainda que a pesquisa tenha sido finalizada, do ponto de vista institucional, estamos dando continuidade ao trabalho, com o projeto de organização de uma coletânea que abarcará os textos produzidos pela equipe de pesquisa. Ademais, agregaremos novos textos de petianos que entraram posteriormente no PET e demonstraram interesse em colaborar com a produção de textos para a coletânea.

### 9.3. O PET e a Extensão

No âmbito da extensão uma atividade que se tornou tradicional é o “Café com Política”, existente desde as gestões anteriores da colega e amiga Patrícia Vieira Trópia, que esteve frente ao PET entre 2016 e 2021. Nos eventos “Café com Política” realizamos palestras sobre temas diversos de interesse geral e não exclusivamente acadêmico<sup>30</sup>. Cito algumas delas: “Gastos ou investimento? diálogos sobre a assistência estudantil”; “Ações Afirmativas; diálogos sobre a política de cotas e a importância da comissão de heteroidentificação”; “Das Telas às Grades, uma perspectiva de gênero”; “Brasil em Chamas: O impacto da lentidão na efetivação das políticas ambientais”. O PET também desenvolve a atividade “Observatório do Mercado de Trabalho e de Oportunidades de Emprego para Cientistas Sociais”, tendo como público-alvo: discentes, graduados e pós-graduados do curso de Ciências Sociais da UFU e das demais universidades do Brasil. Consideramos esta atividade como bem-sucedida, pois chegou a atingir, em 2023, um público de 1.061 pessoas. Trata-se de uma pesquisa mensal do mercado de trabalho para Cientistas Sociais, com o objetivo de propiciar o conhecimento de oportunidades de vagas de trabalho e emprego para

---

<sup>30</sup> Para mais informações sobre a atividade, recomendo a leitura do texto coletivo produzido pelos membros do PET Ciências Sociais: SÀ, Bianca Floresta; ANDRIOTTI, Marina Esteves, FALEIROS, Stéfani Rocha et al. Café com Política: uma construção coletiva do PET Ciências Sociais. In: Anais do VI Encontro do Programa de Educação Tutorial da UFU, Uberlândia-MG: PROGRAD; DIREN, Universidade Federal de Uberlândia, p. 56-63, agosto de 2023.

Cientistas Sociais. Registrados em nossos relatórios anuais encaminhados ao CLAA que o PET Sociais identificou que nos últimos anos, há uma angústia entre os estudantes do curso de ciências sociais em relação ao mercado de trabalho. Em uma pesquisa realizada em 2017, na gestão de Patrícia Vieira Trópia, 43,4% dos pesquisados pensaram em abandonar o curso devido ao campo profissional. Esta atividade vem sendo realizada desde 2018. O Observatório visa levantar informações sobre vagas, oportunidades de trabalho, editais abertos e concursos para cientistas sociais no país. Atualmente é promovida virtualmente e conectada pela página do PET Ciências Sociais no Instagram, com a divulgação das informações coletadas pelo grupo na rede mundial. São publicados mensalmente os levantamentos e informações sobre editais, vagas, concursos e processos seletivos em geral que abranjam os campos de atuação para quem é discente, graduado e pós-graduado em Ciências Sociais. O Programa “UFU na Escola” também é outra atividade extensionista que o PET Sociais vem realizando. Ele surgiu por iniciativa da DIREN e tem como público-alvo estudantes do ensino médio de escolas públicas de Uberlândia. Buscando a interação entre comunidade acadêmica e comunidade externa o UFU na Escola objetiva integrar e levar a UFU para dentro das escolas e as escolas para dentro da UFU, apresentando a universidade para esses estudantes. Os petianos realizaram atividades na Escola Teotônio Vilela, em Miraporanga, distrito de Uberlândia, em 2023 com apresentação das 3 áreas - ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas - e dos seus cursos respectivos, através da explicação das diferenças entre as áreas e seus respectivos cursos. Eles fazem um levantamento de pergunta norteadora da atividade, por exemplo: “como eu consigo ingressar na Universidade?”. A partir daí, organizam e repassam aos estudantes do ensino médio informações sobre editais, provas de vestibular, datas e todo o universo por trás da etapa de ingresso. Também levantam a pergunta: “como permaneço na Universidade?”. Nesse estágio apresentam aos alunos informações sobre os auxílios presentes na Universidade e sobre quais os requisitos para se beneficiar deles e as maneiras de acessar. Em 2024 visitamos a Escola da Cidade Industrial e Escola Estadual de Uberlândia, popularmente conhecida como “Museu”, no município de Uberlândia.

Não pretendo esgotar aqui a série de atividades de ensino, pesquisa e extensão empreendidas pelo PET Ciências Sociais. Registrados algumas delas a título de exemplo. Por fim, cabe registrar, no período de minha tutoria, os apoios sistemáticos dos docentes do curso de Ciências Sociais ao PET, assim como das diretorias nas gestões da profa. Debora Regina Pastana<sup>31</sup> e do prof. Moacir de Freitas Júnior e das gestões das

---

<sup>31</sup> Um agradecimento caloroso e muito especial à Debora Regina Pastana que mais do que uma colega de Instituto tem sido, há alguns anos, uma grande incentivadora e afetuosa amiga, “pra se guardar do lado esquerdo do peito”.

coordenações do curso nas pessoas das professoras Cristiane Fernandes e Natália Scartezini Rodrigues. O Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação dos Grupos PET da UFU (CLAA) fez um excelente trabalho no período da minha gestão no PET. Registro publicamente os meus agradecimentos aos seus membros externos, destacando as eficientes atuações na presidência do CLAA do prof. Jesiel Cunha, da Faculdade de Engenharia Civil<sup>32</sup>.

No período em que atuei como tutor do PET passaram pela minha gestão 28 estudantes: Ana Júlia Hipólita Ribeiro; Bianca Floresta de Sá; Erik Castro Dantas; Iasmin Batista Fernandes; Janaína Nunes Rezende; Jaqueline Silva Soares; Larissa Damiana Santos Rodrigues; Lauene de Andrade Pimentel; Lia Agapito; Luana Fernandes dos Santos; Lucas Vinícius dos Santos Silva; Luciana Martins e Silva; Luiza Nathalia Souza Londe; Marcela Ferreira da Silva; Maria Eduarda Martins Oliveira; Maria Eduarda Monteiro Silva; Maria Eduarda Vieira Lomba Walmott Borges; Maria Fernanda Lino Vinhal; Marina Esteves Andriotti; Mateus Oliveira Santos; Matheus Carlet Jorge; Matheus Henrique Pereira da Silva; Náttaly Nunes Cunha; Nayara Francesquini Matheus; Rafael Junio Rodrigues do Nascimento; Stefani Rocha Faleiros; Tacielle Oliveira Cruz; Thaila Rodrigues Luz. Meus agradecimentos a todas/todos são os mais sinceros e profundos.

---

<sup>32</sup> Registro, também o apoio dos demais membros do CLAA, cuja formação mais recente (2025) é composta por: Danilo Borges Paulino (Faculdade de Medicina); Fernando Martins Mendonça (Instituto de Filosofia); Gabriela Lícia Santos Ferreira (Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal); Juliana Aparecida Povh (Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal); Larissa Barbosa de Sousa (Instituto de Ciências Agrárias); Luana Pádua Soares (Faculdade de Medicina); Natália Luiza Silva Carvalho (Pró-Reitoria de Graduação); Pedro Franklin Cardoso Silva (Faculdade de Matemática) e Túlio Barbosa (Instituto de Geografia)

## Considerações Finais

Assim escreveu Gilberto Amado em seu belo ensaio, “Grão de Areia”: “Se alguma imagem se pudesse fixar para a orientação da humanidade na terra, seria aquela que marca o desenho das cordilheiras: aos mais altos píncaros, os mais tremendos abismos” (Amado, 1963, p. 113).

A simbólica imagem das cordilheiras em sua representação dos altos e baixos da humanidade me leva a concluir que, não diferente da grande maioria, assim vivi, entre os “mais altos píncaros e os mais tremendos abismos”. Neste memorial, porém, decidi por um relato sem drama ou tragédia. Optei por não cantar, conforme um outro Gilberto (o Gil), a “balada do lado sem luz”, os “subterrâneos gelados do eterno esperar<sup>33</sup>. Meu objetivo, ao traçar o meu percurso profissional foi o de resgatar a partir da minha experiência e sob inspiração de Maurice Halbwachs (2006), uma memória que não é somente individual, mas coletiva.

O trabalho docente em universidade pública não é simples. Lidamos cotidianamente com muitas adversidades. A dedicação exclusiva formal de 40 horas semanais, na prática, pode significar muitas horas a mais. Nos desdobramos entre o ensino, a pesquisa, a extensão e as atividades de gestão. Trabalhamos, frequentemente, nos finais de semanas e mesmo em períodos de férias com correções de provas e trabalhos de discentes, com preparação de aula, com leituras, pesquisas, produções de textos etc. Lidamos constantemente com situações como cortes de verbas na rede pública universitária, frustrando muitos dos nossos projetos. São questões, entre outras, que afetam diretamente a saúde física e mental do trabalhador da educação. Faço este comentário a partir da minha própria experiência pessoal, pois vivenciei situações de muito desgaste em minha vida profissional e testemunhei muitos casos de colegas docentes que tiveram a saúde abalada em razão da sobrecarga de trabalho. Encontramos muitas pesquisas que lidam com dados sobre a precarização do trabalho e a saúde do docente, seja da rede pública ou privada, em qualquer de seus níveis - fundamental, médio e superior. Esta é uma questão importante a ser ressaltada, embora em meu Memorial direcionei-me mais para as minhas realizações profissionais.

Apenas uma pequena digressão nas minhas considerações finais: as universidades federais vêm sofrendo há muitos anos com as perdas no orçamento. Situação que se agravou ainda mais a partir do governo Michel Temer (16/08/2016 a 01/01/2019) e, sobretudo, no governo seguinte. Para piorar, o período da pandemia da COVID-19 afetou toda a classe trabalhadora no país, principalmente os mais vulneráveis, ainda mais sob

---

<sup>33</sup> BALADA DO LADO SEM LUZ. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Gilberto Gil. In: Pássaro da Manhã. Rio de Janeiro: CBD/Phonogram/Philips, 1976. 1 CD, faixa 3.

um dos piores governos da história do Brasil, entre 2019 e 2022. No caso dos docentes da UFU estamos até agora, em meados do corrente ano de 2025, lidando com um calendário em atraso e descompassado entre graduação e pós-graduação. No referido período pandêmico lidamos com o descaso público, o desrespeito à categoria e uma série de outros desatinos. Cinco ministros ocuparam a pasta da educação somente na gestão de Jair Bolsonaro: Ricardo Vélez Rodriguez (meu ex-professor na Universidade Federal de Juiz de Fora), Abraham Weintraub, Antônio Paulo Vogel (interino), Milton Ribeiro e Victor Godoy Veiga. Isso sem contar que a pasta ficou vaga entre 20 de junho e 16 de julho de 2020, em razão de Carlos Alberto Decotelli, nomeado ao cargo não ter sido empossado, pois sua nomeação foi tornada sem efeito. As universidades foram reduzidas a um “espaço de balbúrdia”, segundo o ex-ministro Weintraub em sua gestão. Vivenciamos, no momento, uma crise na UFU, cujo orçamento diminuto ainda não cobre as perdas ocorridas nos governos Temer e Bolsonaro.

Assim como lidei com a ideia de uma “memória coletiva”, esta é, por suposto, uma memória “seletiva”, para cumprir um rito de passagem. Uma progressão de carreira que me conduzirá, salvo posição contrária da banca avaliadora deste Memorial, à categoria de Professor Titular. Desse modo, estruturei o texto visando realçar os temas de pesquisas com os quais lidei ao longo de 40 anos de vida acadêmica. Entre idas e vindas tentei seguir uma ordem cronológica, mas não me preendi necessariamente a uma narrativa fielmente linear. Me valendo da linguagem cinematográfica, meu texto foi construído de modo análogo a certas montagens de filmes que podem ocorrer quando visam uma descontinuidade indispensável a revelar fatos isolados no espaço e no tempo. A descontinuidade temporal às vezes aparece com o intuito de realçar o fluxo das informações sobre os momentos em que interrompi algum investimento temático e, posteriormente, a ele voltei. Por exemplo: dediquei-me, desde a graduação até o mestrado à linha de pesquisa do pensamento social no Brasil. Durante o período do meu doutoramento, esta linha tornou-se periférica, pois passei a investigar o campo de estudos da sociologia dos usos do tempo, retornando ao pensamento social no Brasil após a minha entrada na UFU. Tudo isso para explicitar o vai-e-vem dos temas de pesquisa.

Confesso que durante todos esses 40 anos de passagem por variadas instituições de ensino, incluindo os meus 16 anos de vínculo com a Universidade Federal de Uberlândia, por mais que eu tenha tido tanto acolhimento, por vezes vivi uma sensação “não lugar” no sentido de uma fixação a um tema que eu pudesse chamar de “meu” como vejo em muitos profissionais na minha área. Vivi sempre com este sentimento de não ser um “especialista” em área alguma. Por mais que tenha me dedicado a estudos de subáreas diversas – Pensamento Social no Brasil, Sociologia dos Usos do Tempo, Estudos de Gênero, Sociologia das Emoções - não consigo

me posicionar como um “especialista” em quaisquer dessas denominações. Também nunca me senti um estudioso afiliado a qualquer corrente teórica no campo sociológico a qual eu pudesse me autodenominar como um “seguidor”. Tenho eu, curiosidade e admiração por trabalhos sociológicos que observo como grandiosos, talvez menos por suas conclusões do que por sua forma de elaboração e seus achados extraordinários no processo de construção.

Quando li, por exemplo, o livro *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, de Richard Sennett (2003), pensei: “Queria ter realizado um trabalho como este!” Assim me ocorreu, também, após a leitura de *Mozart, Sociologia de um Gênio* (Elias, 1995) e *Os estabelecidos e os Outsiders* (Elias; Scotson, 2000). Me encanta o extraordinário processo empreendido por Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) em sua tese *Homens Livres na ordem escravocrata*. Mais exemplos não me faltam. O que me fascina, repito com base nos casos citados, mais do que as conclusões ou os resultados propriamente ditos, é o processo da construção da pesquisa, o seu desenrolar, a criatividade, a “imaginação sociológica”.

Conforme registrei no item 7 do presente Memorial, a minha trajetória docente me conduziu a uma pluralidade de leituras. Somente a título de exemplo, ao ministrar uma disciplina na UFU, como Sociologia IV, por exemplo, me vi obrigado, por força da sua própria ementa, a lidar com textos que vão de George Simmel, passando pela microssociologia da Escola de Chicago; com as teorias da ação social, de Talcott Parsons ou as teorias dos sistemas em Parsons e Niklas Luhmann, com as correntes fenomenológicas e a Escola de Frankfurt. Assim se deu, também, no universo da pesquisa. Tive portas abertas e entrei. Recebi convites e os aceitei. Tenho apreço pelo trabalho coletivo. Dessa maneira fui me ajustando às oportunidades. Construí, assim, o meu percurso. Sinto-me realizado em participar de grupos de estudos e pesquisas. Vejo-os como uma grande oportunidade de intercâmbio e de aprendizagem. Tenho curiosidade pelos trabalhos desenvolvidos por meus colegas, procuro ler suas publicações, me informar sobre o que fazem, acompanhar os seus projetos. Da mesma maneira me interesso pelas pesquisas dos estudantes e, em geral, busco sempre me colocar disponível para conhecer os seus projetos atendendo-os, quando sou solicitado, ao trabalho de orientação de suas pesquisas de Iniciação Científica, monografias, dissertações ou participando de bancas de defesas, mesmo quando tenho que lidar com algum tema que não seja a minha especialidade. Sei que em tais casos terei que me desdobrar ainda mais, mas o faço com respeito à confiança que me depositam.

O título do presente Memorial remonta a Santo Agostinho (354 d.C.-430 d.C.) para quem “nem o futuro, nem o passado existem [...] e nem se pode dizer com propriedade, que há três tempos: o passado, o presente e o

futuro". Para este teólogo e filósofo, pode-se dizer que "há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito". Assim afirma que "o presente do passado é a *memória*; o presente do presente é a *intuição direta*; o presente do futuro é a *esperança*" (Agostinho, 1964, XI, 28).

Penso que embarquei na aventura sociológica disposto a seguir um caminho comprometido eticamente com o trabalho. Tive algumas frustrações e derrotas, mas ao apelar para as reminiscências e me embrenhar no presente exercício de escrita de um Memorial, concluo que até aqui tive algumas realizações, às vezes pela metade e, na maior parte, por inteiro. Mas fiz o que pude! Minha perspectiva futura – minha esperança - está centrada na continuidade do meu trabalho, com a mesma dedicação ao ensino, à pesquisa e à extensão.

## Referências

- AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. São Paulo: Editora das Américas, vol. 1, 1964.
- AGUIAR, Neuma. “Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado: Análise dos usos do tempo em Belo Horizonte, Minas Gerais: um projeto piloto para zonas metropolitanas brasileiras”. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2000, mimeo.
- AGUIAR, Neuma. “Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira”. **Gênero**. Universidade Federal Fluminense, v. 2, pp. 75-106, 2001.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pôlen, 2019.
- AMADO, Gilberto. **História da minha infância**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.
- \_\_\_\_\_. **Minha formação no Recife**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Presença na política**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.
- \_\_\_\_\_. **Depois da política**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.
- ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas – reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ANSART, Pierre. As humilhações políticas In: MARSON, I.; NAXARA, M. (orgs.). **Sobre a humilhação**. Uberlândia: EDUFU, p. 15-30, 2005.
- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.
- BARBALET, J. M. **Emoção, teoria social e estrutura social: uma abordagem macrossocial**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 2007.

- BRUSCHINI, Cristina (2000). “Gênero e Trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95)”. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar (org.). **Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios**. CEDEPLAR/UFMG/São Paulo: Ed. 34.
- BUÑUEL, Luis. **Meu Último Suspiro**. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.
- BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.
- CALHOUN, Graig. **Nationalism**. Buckingham: Open University Press, 1997.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2008.
- CARRIGAN, Tim; CONNELL, R. W.; LEE, John. Hard and heavy: Toward a new sociology of masculinity. In: KAUFMAN, Michael (ed.). **Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change**. Toronto; New York: Oxford University Press, 1985. p. 139-182.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius (1991). **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- CECCHETTO, Fátima Regina (2004). **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- CHILCOTE, Ronald. The search for a class theory of the State and democracy. In RUSTOW, Dankwart & ERICKSON, Kenneth P., editors. **Comparative Political Dynamics: Global Researches Perspectives**. New York: Harper Collins Publishers, 1991, p. 75.
- CICOUREL, A. **Cognitive sociology: language and meaning in social interaction**. London, 1973.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CONNELL, R. W. **Masculinities: knowledge, power and social change**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CRENSAHAW, Kimberle. 2002. “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”. **Revista Estudos Feministas** 10 (1): 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- CROMPTON, Rosemary. **Gender and Stratification**. Edited by Rosemary Crompton and Michael Mann. Cambridge, Polity Press, 1986.

- DECCA, Edgar de. A humilhação: ação ou sentimento? In: MARSON, I.; NAXARA, M. (orgs.). **Sobre a humilhação**. Uberlândia: EDUFU, p. 105-118, 2005.
- DIMAGGIO, Paul; POWELL, The Iron Cage Revisited: Institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. In W. W. Powell, & P. DiMaggio (Eds.), **New Institutionalism in Organizational Analysis**, 1991, p. 63-82.
- EDGEL. Stephen. **Class**. London: Routledge, 1993.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, Sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 1995.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FANGEN, K. Humiliation Experienced by Somali Refugees in Norway. **Journal of Refugee Studies**, Mar. 2006. Disponível em: <https://academic.oup.com/jrs/article/19/1/69/1516034>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FERRANDÍZ, Martín, F.; FEIXA PAMPOLIS, C. Una mirada antropológica sobre las violencias. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México. **Alteridades**, vol. 14, núm. 27, enero-junio, 2004, p. 159-174.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho Franco. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- FRASER, Nancy. **A Justiça Social na Globalização: redistribuição, reconhecimento e participação**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e terra, 1979.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1967.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Anthony. Time and Social organization in **Social Theory and Modern Sociology**. Cambridge: The Polity Press, pp. 140-165, 1987.

- GIDDENS, Anthony. **O Estado-Nação e a Violência**. São Paulo: Edusp, 2001.
- GOFFMAN, Irving. **Ritual de la Interacción**. Buenos Aires: Editorial Tempo Contemporâneo, 1971.
- GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: on essay on the organization of experience**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1974.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 4a. ed, 1975.
- GOFFMAN, Erving. **Gender Advertisements**. Londres: The Macmillan Press, 1979.
- GREENFELD, Liah. **Nationalism – Five Roads to Modernity**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1995.
- GUIBERNEAU, Montserrat. **Nacionalismos: o Estado Nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.
- HABERMAS, Jurgen. "A nova intransparência: a crise do Estado do bem-estar e o esgotamento das energias utópicas". **Novos Estudos Cebrap**, n. 18, p. 103-14, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. **Citizenship and National Identity**. In **Between Facts and Norms**. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALLER, Archibald. A estrutura de estratificação do Brasil: um programa de trinta e cinco anos de pesquisa. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, UFMG, 2000.
- HJELLBREKKE, Johs. **Maurice Halbwachs** (verbete). In: SCOTT, John (org.). **50 grandes sociólogos Fundamentais**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 70-74.
- HARTLING, L. M.; LUCHETTA, T. Humiliation: Assessing the Impact of Derision, Degradation, and Debasement. **Journal of Primary Prevention**, New York, v.19, n.5, p. 259-278, 1999.
- HEARN, Jeff. "Is masculine dead? A critique of the concept of masculinity/masculinies" in: GHAIL, Máirtín Mac an. **Understanding Masculinities: Social relations and cultural arenas**. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1996.
- HELD, David Held. **Theory and Modern State**. Stanford University Press, 1984.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2<sup>a</sup>. Ed., 1985.

- HELLER, Agnes. **Sociología de la Vida Cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.
- HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HOOKS, bell. 2015. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. **Revista Brasileira de Ciência Política** 16 (1): 193-210. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>
- HUNTINGTON, Samuel. **A terceira onda: a democratização no final do século XX**. São Paulo: Ática, 1994.
- INGLEHART, Ronald. **Modernization and Postmodernization: cultural, economic and political change in 43 societies**. Princeton University Press. 1997.
- KIMMEL, Michael S. The cult of masculinity: American social character and the legacy of the cowboy. In: KAUFMAN, Michael (ed.). **Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change**. Toronto; New York: Oxford University Press, 1987. p. 235-249.
- KIMMEL, Michael S.; KAUFMAN, Michael. Weekend Warriors: the new men's movement. Profeminist men respond to the mythopoetic men's movement (and the mythopoetic leaders answer). In: KIMMEL, Michael S.; KAUFMAN, Michael (orgs.). **Politics of Manhood**. Philadelphia: Temple University Press, 1995. p. 16-39.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- LINDNER, E. G. The Psychology of Humiliation: Somalia, Rwanda/Burundi, and Hitler's Germany, **PhD thesis**, Univ. Oslo, Dep. of Psychology, 2000.
- MARIANO, Silvana et al. **Informe [livro eletrônico] Feminicídios no Brasil 2023**. Monitor de Feminicídios no Brasil. Londrina, PR: Editora dos Autores, 2024. ISBN: 978-65-00-95543-9. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/monitor-brasil/>
- MATOS, Marlise. **Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16, 3, set./dez. 2008.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. São Paulo: José Olympio Editora, 1972.
- \_\_\_\_\_, Pedro. **Balão cativo**. São Paulo: José Olympio Editora, 1973.
- \_\_\_\_\_, Pedro. **Chão de ferro**. São Paulo: José Olympio Editora, 1976.
- \_\_\_\_\_, Pedro. **Beira-mar**. São Paulo: José Olympio Editora, 1978.
- \_\_\_\_\_, Pedro. **Galo das trevas**. São Paulo: José Olympio Editora, 1981.
- \_\_\_\_\_, Pedro. **O círio perfeito**. São Paulo: José Olympio Editora, 1983.
- NOWOTNY, Helga. **Time: The modern experience. The modern and postmodern experience**. Oxford and Cambridge: The Polity Press and Blackwell, 1984.
- NUSSBAUM, Martha C. 2002. **Las mujeres y el desarrollo humano**. 2. ed. Madri: Herder
- OLIVEIRA, Francisco de. "O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público". **Novos Estudos Cebrap**, n. 22, p. 8-28, 1988.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- OLIN WRIGHT, Erik. **O. Classes**. London: Verso, 1985.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- PRZEWORSKI, Adam. **Capitalismo e social-democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SANTOS, José Alcides Figueiredo Santos. **Estrutura e Posições de Classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda**. 1. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2002.

- SCHEFF, Thomas J. Uma taxonomia das emoções: como começar [Tradução: Mauro Koury]. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 11 (31): 12-30, abr. 2012.
- SCHUTZ, Alfred. **The Phenomenology of the Social World**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1967.
- SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la残酷**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SEN, Amartya. O desenvolvimento como expansão da capacidade. **Lua Nova** 28/29 (1): s/p., 1993. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451993000100016>
- SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. **Memorial acadêmico descritivo** [recurso eletrônico]. Universidade Federal de Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/45329/1/MemorialAcademicoDescritivo.pdf>. Acesso em 23/05/2025.
- SKOCPOL, Theda. **Estados e revoluções sociais: análise comparativa da França, Rússia e China**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica. **Sociedade e Estado** (UnB). v. 26, p. 113-132, 2011.
- \_\_\_\_\_, Márcio Ferreira de. **Guerreiro Ramos e o Desenvolvimento Nacional**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- \_\_\_\_\_, Márcio Ferreira de. **A percepção do tempo na vida cotidiana sob a perspectiva de gênero** [manuscrito]: o dia a dia em Belo Horizonte. Tese (Orientação: Neuma Aguiar). Programa de Doutorado em Ciências Humanas: FAFICH, UFMG, 2007.
- WALBY, Sylvia. **Gender, class and stratification: towards a new approach**. In Anthias F, editor, **Sociological debates: thinking about social divisions**. Dartford: Greenwich University Press, 1997.
- ZERUBAVEL, Eviatar. **Hidden Rhythms: Schedules and Calendars in Social Life**. Berkeley: University of California Press, 1985a.
- ZERUBAVEL, Eviatar. **The Seven Day Circle: The History and Meaning of the Week**. London: Collier Macmillan Publishers, 1985b.